

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia**  
**Linha de formação em Antropologia Social e Cultural**



Dissertação

**Se essa rua fosse minha:**

uma etnografia sobre comida de rua na cidade de Pelotas

**Guilherme Rodrigues de Rodrigues**

Pelotas, 2021

**Guilherme Rodrigues de Rodrigues**

**Se essa rua fosse minha:**

uma etnografia sobre comida de rua na cidade de Pelotas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Antropologia com linha de formação em Antropologia Social e Cultural.

Orientadora: Dra. Claudia Turra Magni

Coorientadora: Dra. Renata Menasche

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

R696s Rodrigues, Guilherme Rodrigues de

Se essa rua fosse minha: uma etnografia sobre comida de rua na cidade de Pelotas / Guilherme Rodrigues de Rodrigues; Claudia Turra Magni, orientadora; Renata Menasche, coorientadora. — Pelotas, 2021.  
131 f.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Comida de rua. 2. Cidade. 3. Consumo. 4. Cultura alimentar. 5. Comércio ambulante. I. Magni, Claudia Turra, orient. II. Menasche, Renata, coorient. III. Título.

CDD : 305.8

Guilherme Rodrigues de Rodrigues

Se essa rua fosse minha: uma etnografia sobre comida de rua na cidade de Pelotas

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia, com linha de formação em Antropologia Social e Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 15 de março de 2021.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Claudia Turra Magni (Orientadora)  
Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales.

---

Profa. Dra. Janine Helfst Leicht Collaço  
Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo

---

Profa. Dra. Daniele Borges Bezerra  
Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas.

---

Prof. Dr. Guilherme Aderaldo  
Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.

## Agradecimentos

Primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES a qual financiou essa pesquisa. Os financiamentos são de suma importância para desenvolvimento da ciência brasileira, pois garantem a viabilidade de trabalho de pesquisadoras e pesquisadores no Brasil inteiro. Vida longa à CAPES!

À minha amada mãe, Rosana, que enfrenta junto os altos e baixos de minha vida, sempre dedicando um amor incondicional que é meu amparo e aconchego. Amo você da mesma maneira.

À minha família, consanguínea e alternativa, por me auxiliarem de inúmeras maneiras, fazendo-se presente em todos os momentos de minha jornada nessa vida: Tania, Luiz, Vania, Ilda, Marcos, Scheila, Marilu, Shirley, Bernadete, Jane, Paulo, Nizah, Sara, Estefani, Milene, Glenio, Claudete.

À Nicole Benemann, minha querida amiga e colega da Antropologia, uma das primeiras entusiastas deste trabalho. Foi, inclusive, quem sugeriu o tema: comida de rua. Agradeço todo o apoio, parceria e partilhas no processo. Junto a ela, agradeço ao Wagner Halmenschlager pois, da mesma forma, especialmente no último ano, partilhou inúmeros momentos desse processo, sendo um amigo querido. Um irmão. A amizade entre nós três, com tamanha fraternidade e dedicação, também é uma família alternativa, a qual me fornece mais um amparo. Obrigado por isso, meus queridos.

Às minhas orientadoras, Claudia Turra Magni e Renata Menasche. Com Claudia, já somam sete anos de relação acadêmica. Formou-me como antropólogo. É minha referência na área como antropóloga e professora. Disse várias vezes que quando crescesse queria ser como ela. Sigo dizendo, ainda durante esse crescimento. Com Renata o relacionamento acadêmico é mais recente, dois anos (como orientadora). Mas, nem por isso menos intenso. Várias parcerias em conjunto, principalmente nesse ano de pandemia, online, interagindo com os novos ambientes virtuais de ensino. Tenho aprendido muito. E sou grato pela atenção dedicada nessa etapa final de escrita da dissertação, através da qual empenhou todo apoio e suporte para que esse trabalho existisse. Meu respeito e admiração por isso. Prometo

correspondê-la em breve, com muito trabalho caprichado, de qualidade, como agradecimento pelo tempo investido em mim.

À banca de professoras e professor que avalia essa pesquisa: Janine Collaço, Guilherme Aderaldo e Daniele Borges. Todos já contribuíram largamente para o processo de análise de meu campo. Janine, através de sua produção científica. Guilherme, por várias conversas atentas e qualificadas sobre cidade, fazendo-me refletir e conhecer novos horizontes. Daniele, também por incontáveis conversas e trocas, sempre oferecendo uma nova ideia através de seu olhar sensível, poético e preciso.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, PPGAnt/UFPel, e aos seus professores e professoras que me formam desde a graduação. Aos servidores também agradeço, especialmente à Hamilton Bittencourt, técnico de imagem do LEPPAIS. Desde meus tempos de bolsista no Laboratório, Hamilton me auxilia e ensina questões técnicas de edição e fotografia. E, para esse trabalho, colaborou com a edição das pranchas cartográficas e dos mapas. Muito obrigado!

Por fim, mas não menos importante, aos interlocutores dessa pesquisa. Especialmente, com muito carinho, à Cerlei (Cica). Interlocutora privilegiada, foi através dela que conheci as pessoas e o Calçadão da Rua Andrade Neves por outra perspectiva. Este trabalho existe porque Cica existe. E, por esse motivo, sou eternamente agradecido.

*“O sol nasceu para todos... mas a sopa é para quem merece!”*

*(Cica, 2019)*

## Resumo

RODRIGUES, Guilherme Rodrigues de. **Se essa rua fosse minha**: uma etnografia sobre comida de rua na cidade de Pelotas. Orientadora: Claudia Turra Magni. Coorientadora: Renata Menasche. 2021. 131f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social com linha de formação em Antropologia Social e Cultural) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Esta pesquisa etnográfica tem como tema a comida de rua em Pelotas, cidade situada ao sul do Rio Grande do Sul. A Rua Andrade Neves, localizada no Centro, possui um trecho de quatro quadras conhecido como Calçadão. Recentemente reformado, esse espaço passou por uma readequação de todo comércio ambulante, que atingiu também a venda de comida de rua. Com o decreto da Prefeitura, passaram a ser permitidos apenas três tipos de preparos: crepes, churros e pipocas. Além dessa restrição, as carrocinhas de alimentos foram adaptadas, passando por tratamento estético, para atender aos padrões solicitados. Da significativa transformação no centro urbano, surge o problema desta pesquisa: a investigação das relações mútuas entre a cidade e a comida de rua, da perspectiva dos vendedores ambulantes do Calçadão. Através dos métodos etnográfico e cartográfico, da observação flutuante, da observação participante e da fotografia, busco descrever e analisar o modo como as reformas urbanas ocorridas no local repercutiram no trabalho e na vida destes comerciantes, conferindo narrativas alternativas às dos segmentos hegemônicos de Pelotas.

**Palavras-chave:** comida de rua; cidade; consumo; cultura alimentar; comércio ambulante

## Resumen

RODRIGUES, Guilherme Rodrigues de. **Si esta calle fuera mia**: una etnografía sobre la comida callejera en la ciudad de Pelotas. Tutor: Claudia Turra Magni. Co-supervisor: Renata Menasche. 2021. 131f. Disertación (Maestría en Antropología Social con formación en Antropología Social y Cultural) - Departamento de Antropología y Arqueología, Instituto de Ciencias Humanas, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Esta investigación etnográfica tiene como tema la comida callejera en Pelotas, ciudad ubicada al sur de Rio Grande do Sul. La Rua Andrade Neves, localizada en el Centro, tiene un espacio de cuatro cuadras conocido como Calçadão. Recientemente renovado, este sufrió un reajuste de todo el comercio callejero, lo que también afectó a la venta de comida callejera. Con el decreto del Ayuntamiento, solo se permitían tres tipos de preparación: crepes, churros y palomitas de maíz. Además de esta restricción, los carritos de comida fueron adaptados, sometidos a un tratamiento estético, para cumplir con los estándares requeridos. De la transformación significativa en el centro urbano, surge el problema de esta investigación: la investigación de las relaciones mutuas entre la ciudad y la comida callejera, desde la perspectiva de los vendedores ambulantes en el Calçadão. A través de métodos etnográficos y cartográficos, observación flotante, observación participante y fotografía, busco describir y analizar cómo las reformas urbanísticas que ocurrió en el lugar impactaron en el trabajo y la vida de estos comerciantes, confirmando narrativas alternativas a dos segmentos hegemónicos de Pelotas.

**Palabras clave:** comida callejera; ciudad; consumo; cultura de la comida; comercio ambulante

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAMINHADAS, PERCURSOS, NARRATIVAS E CARTOGRAFIA: A ETNOGRAFIA</b> .....	16
Campo etnográfico: visualizando o Calçadão .....	16
O mergulho em campo .....	19
A partir do mergulho em campo: narrativa e etnografia .....	28
Conectados: a rede social do Calçadão .....	37
Entre caminhadas e percursos: ensaio de uma cartografia .....	39
<b>CIDADE NA COMIDA: COTIDIANO, IMAGEM, MOBILIDADES</b> .....	51
Percursos do passado no presente: configuração do centro de Pelotas .....	51
Imagens do percurso: uma experimentação visual surrealista .....	54
De perto e de dentro: o cotidiano.....	57
Mobilidades: conflitos com a circulação no espaço .....	61
<i>Gentrification</i> pelotense? Breve aproximação ao tema .....	72
Afiml, e o café? .....	75
<b>COMIDA (DE RUA) NA CIDADE: PADRONIZAÇÃO, CONSUMO E FLUXOS</b> .....	79
Entre a rua e a casa: espaços para a comida.....	79
Manifestações da comida de rua: compondo o panorama .....	87
Uma versão gourmet para a comida do Calçadão.....	91
O que se come fora do padrão do Calçadão .....	101
E Seu Mário? .....	105
Retomando mobilidades: um olhar para a comida.....	107
<b>Considerações finais: se essa rua fosse minha</b> .....	110
<b>Posfácio: uma notícia do campo em tempo de pandemia</b> .....	114
<b>Referências</b> .....	122

## INTRODUÇÃO

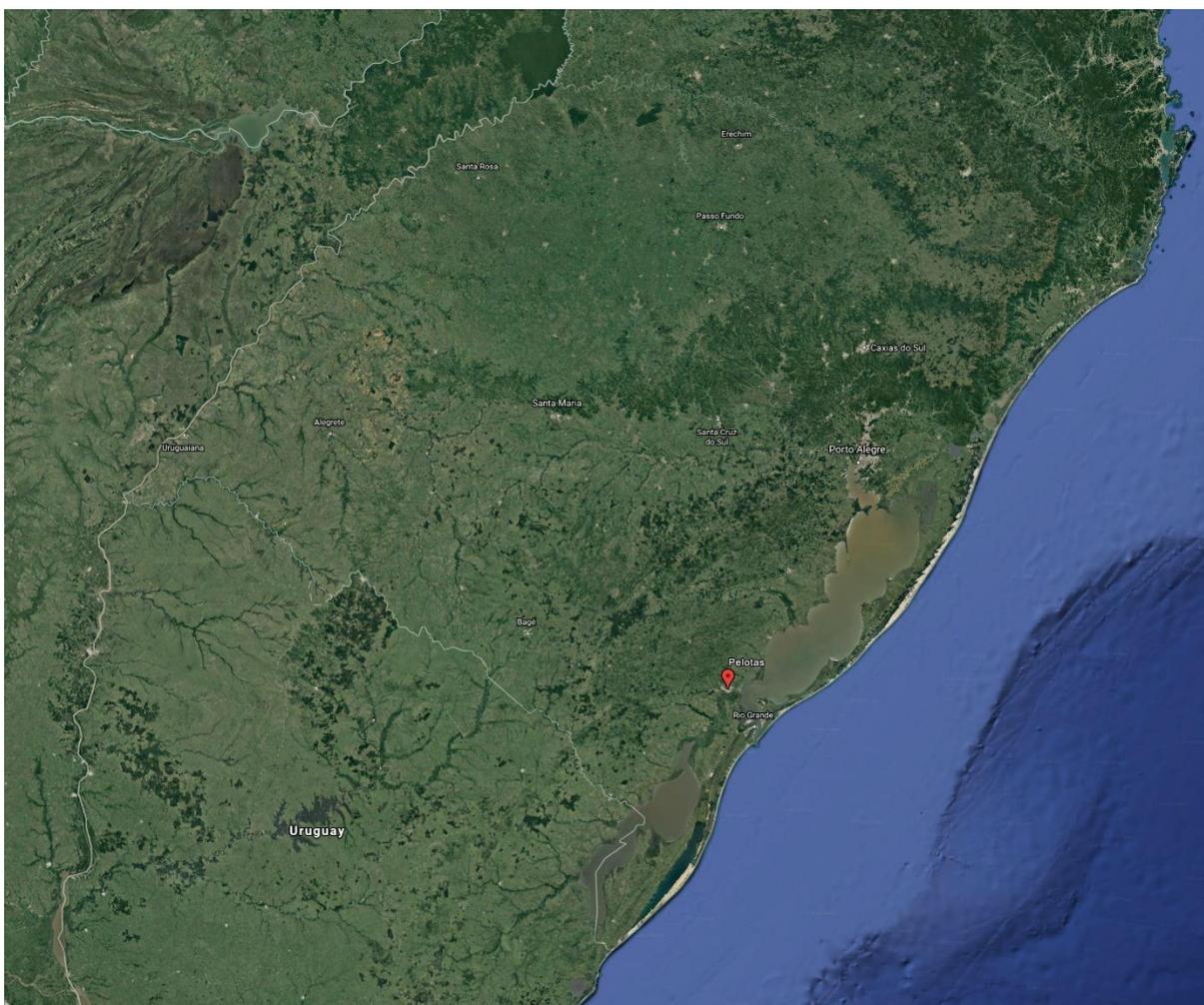
“Saco vazio não para em pé”, diz o antigo ditado que ensina a importância de alimentar-se para que a pessoa consiga sustentar seu corpo. É fato, pois comer é uma das condições de sobrevivência da vida humana. E, para além de sobreviver, a comida está a serviço de outras inúmeras sensações, sentimentos, condições e momentos. Até mesmo na rua, comemos. Em contextos urbanos, a comida de rua é mais uma dimensão da cidade, pela qual é possível compreender várias dinâmicas do cotidiano. Fico a pensar, então, de que forma a comida constitui a cidade, guia e permeia seus fluxos. Quais as relações entre a cidade e a comida de rua, estabelecidas pelas pessoas durante seus trajetos e deslocamentos em um centro urbano? Essa questão me provoca a investigar um campo empírico, o qual se desdobra nas interfaces da Antropologia Urbana, Antropologia Visual e da Antropologia da Alimentação.

Uma das coisas que a Gastronomia ensina é a noção de experiência. Isso no sentido de, através da comida, ser movido a lugares, memórias, sensações, sabores. Com a Antropologia, aprende-se sobre o olhar, ouvir, sentir de perspectivas alheias, que questionam nossas verdades. Trata-se de uma atenção qualificada que permite relativizar pontos de vista, analisar situações e compreender relações humanas existentes em determinado tempo e espaço. Mergulhar nesse contexto e descrevê-lo, permitindo a fruição da experiência etnográfica, é o que se espera como ação e engajamento de antropólogos e antropólogas.

Com esse olhar antropológico voltado ao Calçadão e o interesse pela experiência, busco observar a relação das pessoas com a cidade, particularmente, com a chamada comida de rua, ou seja, aquela vendida no espaço público. E, ao começar a entender isso, desvela-se diante de mim um emaranhado de relações dadas em várias dimensões: política, cultural, educacional, societária. De algum modo, compreender a experiência dos cidadãos em seu espaço está intimamente ligado ao olhar antropológico, às relações estabelecidas entre eles. Ao menos assim é nos pensamentos do pesquisador.

O referido Calçadão, via urbana destinada à circulação de pedestres, está localizado no centro da cidade de Pelotas, ao longo de quatro quadras da Rua Andrade Neves. Município gaúcho, Pelotas está situada ao Sul do Rio Grande do Sul.

Atualmente, há em torno de 340 mil habitantes, distribuídos em oito regiões administrativas (antigos bairros): Três Vendas, Areal, Fragata, São Gonçalo, Centro, Laranjal, Barragem e Colônias (Distritos). No Laranjal, situa-se a Lagoa dos Patos, também conhecida como Praia do Laranjal. Uma bacia de água doce, a qual se interliga com o Oceano Atlântico através de um canal que faz divisa com o município de Rio Grande. Por esse motivo, a lagoa é, na realidade, uma laguna. Outra informação sobre a cidade é sua proximidade com a fronteira uruguaia: está a cerca de 140 quilômetros de distância do município de Rio Branco, Uruguai.



Pelotas também é conhecida por seus doces. Em 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN registrou em seus livros o Doce Tradicional de Pelotas como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Essa produção remete aos tempos do charque, no século XIX. A cidade enviava muitos navios carregados com a carne salgada para o nordeste e de lá retornavam trazendo açúcar (KRONE, 2018). Então, os saberes africanos de mulheres escravizadas, empregados

em receitas de origem portuguesa nos nobres casarões da cidade, deram origem aos doces, feitos principalmente à base de ovos e açúcar. Evander Krone (2018, p. 73) diz:

Os doces produzidos para eventos de significativa importância social da elite local, passaram a ser conhecidos como doces finos e algumas vezes chamados também de doces de bandeja, uma vez que originalmente eram servidos em luxuosas bandejas de prata.

A doçaria fina divide espaço de tradição com os doces coloniais. O território da Serra dos Tapes, colonizado majoritariamente por grupos de descendência alemã, pomerana, francesa e italiana, contou com uma forte produção doceira à base de frutas e açúcar no século XIX. Pêssego, uva, figo, goiaba, laranja, entre outras, tiveram seus cultivos de safra conservados com açúcar, estendendo o consumo ao longo do ano (KRONE, 2018). O autor explica:

Esta produção desenvolvida pelos colonos passou então a conformar uma nova tradição doceira na região, que ficou conhecida como doces coloniais, doces de fruta, doces de safra e eventualmente chamados também de doces de tacho, uma vez que estes doces são tradicionalmente produzidos em tachos, muitos dos quais são tachos de cobre originalmente trazidos da Europa pelos primeiros imigrantes. (KRONE, 2018, p. 80).

Entretanto, na narrativa oficial, é a tradição europeia que segue sendo destacada, sobretudo na Feira Nacional do Doce – Fenadoce – que ocorre todos os anos, para celebrar a cultura doceira. Para esta festividade são expostos e comercializados esses preparos tradicionais, que movimentam a cidade e mobilizam turista de toda a região e também do país.

A comida, portanto, é referência central e símbolo do patrimônio cultural da cidade. Nesta pesquisa, expando a questão para um recorte que não tem o mesmo prestígio da tradição doceira e tampouco apresenta interesse para as elites locais. Meu tema de investigação concerne ao modo como a comida de rua agencia os fluxos da cidade, especialmente no trecho específico de fluxo para pedestres da Rua Andrade Neves, no centro comercial de Pelotas. De que forma a comida contribui para que o Calçadão se constitua como um centro denso de circulação? Quais relações de

consumo estão colocadas nas dinâmicas do cotidiano? Como a esfera administrativa municipal entende e reorganiza esses espaços para a população em geral?

Buscar respostas a essas questões proporciona entender mais sobre Pelotas, a partir de uma perspectiva diferente daquela representada pela narrativa hegemônica, através da qual se presume um possível padrão estético, de ordem à vida, sem mesmo compreender como as pessoas se relacionam com a cidade em suas práticas e trajetos diários. Trata-se, então, de buscar com os interlocutores da pesquisa – vendedoras e vendedores ambulantes de lanches que ocupam aquele *locus* supracitado e seus arredores – as relações cotidianas que estabelecem com o universo em questão. Acredito, com isso, tendo o olhar voltado para a comida de rua inserida na cidade, poder apresentar um contraponto às narrativas oficiais, sobretudo à do Calçadão da Rua Andrade Neves.

Inserido no contexto de reformas urbanas, o Calçadão da Rua Andrade Neves se torna o campo desta pesquisa, onde desenvolvo uma etnografia para analisar “de perto e de dentro”, como sugere José Magnani (2002), as relações cotidianas que envolvem a comida de rua e seu consumo na configuração da cidade. A expectativa é de compreender como se constituem os fluxos e dinâmicas com o espaço específico dessa rua e seu entorno. Para tanto, vendedoras e vendedores ambulantes são os interlocutores que narram sobre seu cotidiano de trabalho, explicitando seus pontos de vista sobre como esse movimento de transformação impacta suas vidas.

Para dar conta desta pesquisa, a etnografia se ampara em alguns métodos, como a observação flutuante (PETONNET, 2008), observação participante (FONSECA, 1999; OLIVEIRA, 2006; GEERTZ, 2009) e fotografia (GURAN, 1997, 2012; LEAL, 2013; NOVAES, 2014). A dimensão ética do trabalho é refletida a partir de Fonseca (2007) e Diniz (2008).

Para pensar a cidade, guio-me por algumas noções desenvolvidas por pesquisadores de referência no estudo do urbano, tais como: a perspectiva “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002); o “mapear e descobrir caminho” (INGOLD, 2005); o enfoque em mobilidades (CARMO, 2009) e no que torna a cidade familiar (AGIER, 2011); o caminhar como prática estética (CARERI, 2013); os sentidos de rua (FRESHSE, 2013) e a centralidade do cotidiano (CERTEAU, 2014).

No campo da alimentação, as perspectivas balizadoras falam sobre os restaurantes de comidas rápidas, ou *fast-foods* (RIAL, 1996; COLLAÇO, 2003, 2004); o aprendizado de hábitos alimentares (MINTZ, 2001); os sentidos da refeição (SIMMEL, 2004) e a noção de gastronomização (BARBOSA, 2009).

Especificamente sobre comida de rua, dois cenários são colocados em evidência para refletir sobre o campo desta pesquisa: o da América Latina e do Brasil. Dessa forma, um conjunto de trabalhos compõem esse panorama, descrito no terceiro capítulo. Contudo, as discussões centrais se dão a partir da comida de rua pensada a partir de duas distintas perspectivas: lazer, recreação, prazer, ócio (PERTILE, 2014; BERTRAN, 2018; HERNÁNDEZ, TORRES, 2020); e cultura, tradição, popularidade, visto em Arciniegas (2017), Lomelí (2018) e também na série *Street Food* (2019, 2020).

Antes de apresentar a estrutura deste trabalho e finalizar a introdução, considero importante situar a trajetória desta pesquisa e de quem a escreve, o pesquisador. Ao longo de minha formação no Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), tive oportunidade de me aproximar de inúmeros campos, áreas de estudos e projetos de pesquisa, com temas diversos. Minha vinculação ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), desde o início de minha graduação em Antropologia (2014), estimulou meu interesse pela área de Antropologia Visual, que identifiquei como uma das três subáreas de interesse desta pesquisa, juntamente com a Antropologia Urbana e da Alimentação.

Para finalizar o Bacharelado, meu Trabalho de Conclusão de Curso baseou-se em uma etnografia sobre o Centro de Reabilitação Visual Louis Braille, em Pelotas, em que discuti as experiências das pessoas com deficiência visual no ambiente da cidade, considerando, sobretudo, os obstáculos que ela impõe em seu cotidiano (RODRIGUES, 2018). Meu pré-projeto de pesquisa de mestrado sugeria a ampliação desse tema, considerando as relações entre os corpos destas pessoas, o corpo da cidade e a mediação posta pelas imagens.



Aqui apresento imagens do TCC mencionado, as quais recordam uma das atividades feitas em campo. Para trabalhar na Instituição, elaborei oficinas que exploravam os sentidos do corpo, valorizando as experiências para além da visão. Uma dessas oficinas foi feita em parceria com uma professora do Curso de Gastronomia (doutoranda em Antropologia e, também, entusiasta da atual pesquisa), Nicole Benemann. A proposta era desenhar e pintar livremente com tintas comestíveis. Ao invés de saber a cor pela visão, se sabia pelo olfato: o amarelo era composto de mostarda, vermelho de morangos; o verde, de ervas, e o marrom, de café. O resultado foi positivo. Além de uma tarde prazerosa e divertida, conseguimos atingir o objetivo de valorizar os demais sentidos em situações e atividades que, a priori, apenas com a visão seria possível.

A pesquisa deixou uma restituição importante para cada interlocutor e um campo aberto cheio de questões a serem exploradas. Contudo, meu ingresso no Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia da UFPel, em agosto de 2018, implicou em um novo projeto de vida, que através de um esforço sinérgico, levou à

mudança no tema de pesquisa de mestrado, conforme sugestão de minha orientadora. Assim, pensando em manter a proposta original de estudar Antropologia Urbana e Visual, desafiando-me ao novo, com a área da Alimentação, tentei articular os conhecimentos dos dois cursos – a Antropologia e a Gastronomia – e passei a interessar-me pelo tema da comida de rua.

Embora mantendo a linha de pesquisa em duas áreas familiares a mim, foi grande o desafio de iniciar um novo campo, mergulhando em seus detalhes com todas as sutilezas de negociação. Perguntas óbvias, que há tanto tempo não fazia mais, retornaram: como começar? Por onde começar? Quem abordar? Quais assuntos tentar manter? Essas e outras questões acompanharam o pesquisador nos primeiros passos em campo, por mais planejada que essa inserção tenha sido.

A permanência em campo durou, aproximadamente, um ano e meio. O início ocorreu no segundo semestre de 2018, estendendo-se até fevereiro de 2020. Naquele ano, havia sido combinado uma prorrogação do tempo de mestrado, mudando o término de março para agosto. Por esse motivo, projetei mais algumas idas a campo, a fim de levar partes do trabalho escrito, as imagens fotografadas e a cartografia que seria materializada em um papel, com dimensões de 0,4m x 1,5m, com colagens, desenhos e fotos, demarcando cada quadra do Calçadão. Nesse momento, sonhei com a possibilidade de filmar esse processo e criar um pequeno vídeo para inserir no trabalho. Contudo, em março de 2020 foi decretada oficialmente pela Organização Mundial da Saúde a pandemia de COVID-19, abortando todos os planos e obrigando à readaptação da pesquisa.

Feitas as contextualizações, apresento a estrutura do texto a seguir. O trabalho está dividido em três capítulos, através dos quais serão discutidas as ideias centrais nas interfaces da Antropologia Urbana e da Antropologia da Alimentação. A estrutura textual narrativa foi elaborada com uma particularidade: ela não está hierarquizada, afunilando as ideias de um plano macro para um plano micro. Apesar de parecer uma justificativa para um erro, não se trata disso. O pesquisador, na condição de autor do texto e narrador, propõe que o leitor seja conduzido por tal estrutura num movimento de ir e vir.

No primeiro capítulo o leitor mergulhará no campo empírico. Neste texto, encontrará a concentração da etnografia, onde estão abordadas as questões

metodológicas da pesquisa, evidenciando como ela foi desenvolvida e através de quais motivações. Está contida nele também a cartografia do Calçadão.

Para seguir no segundo capítulo, quem lê voltará a ver um plano geral novamente, para então ir fundo na discussão mais uma vez. Porém, agora, olhando para Pelotas numa perspectiva histórica e antropológica, contextualizando o seu formato atual. Um vídeo, que ensaia uma perspectiva surrealista ao se deslocar pelo centro histórico e comercial da cidade, contribui para essa contextualização. Tal movimento permite situar os estudos urbanos necessários para analisar o Calçadão da Rua Andrade Neves.

O leitor então, será trazido mais uma vez para um plano geral da discussão. No terceiro capítulo, amparo-me em estudos da alimentação para considerar a comida de rua em outros lugares do mundo. Isso fornecerá um lastro para uma nova imersão no Calçadão, agora com foco na comida de rua.

Por fim, o trabalho será encerrado com uma breve reflexão sobre a pandemia de COVID-19, trazendo uma notícia sobre as reconfigurações do Calçadão em função dessa crise sanitária de escala mundial que vivemos ao longo do ano de 2020.

## **CAMINHADAS, PERCURSOS, NARRATIVAS E CARTOGRAFIA: A ETNOGRAFIA**

O primeiro capítulo se concentra nas construções e discussões metodológicas e éticas da etnografia, apresentando o campo empírico da pesquisa. Ele inicia com sua contextualização e convida o leitor para um mergulho neste campo, onde, a seguir entrará em contato com os interlocutores. Então, como um dos recursos narrativos, resultante desse esforço reflexivo, será apresentado um ensaio cartográfico do Calçadão da Rua Andrade Neves, elaborado a partir das narrativas dos interlocutores.

### **Campo etnográfico: visualizando o Calçadão**

Ao longo dos últimos anos, especialmente na última década, Pelotas passou por inúmeras reformas urbanas, as quais modificaram significativamente a dinâmica com vários espaços. Ruas e avenidas foram reconfiguradas, recebendo novas sinalizações, asfalto, corredores de ônibus, estacionamentos rotativos, entre outras modificações. Isso implicou no deslocamento de feiras semanais, mudança no fluxo de trânsito, remoção de trailers e quiosques – até então fixos – de venda de comida, flores, jornais e revistas. Enfim, transformações que impactaram a vida dos cidadãos pelotenses, sobretudo dos trabalhadores cujos pontos fixos de comércio foram removidos.

A reportagem<sup>1</sup> exibida na televisão, através do jornal Bom Dia Rio Grande, em 25 de março de 2014, mostra a situação do momento. As imagens apresentam cenas de remoções dos trailers em vias como as avenidas Bento Gonçalves e Duque de Caxias. A fundamentação do discurso é dada por uma exigência do Ministério Público, que indica inúmeras irregularidades no funcionamento e instalação desse modelo de negócios. Para tanto, a prefeitura municipal executa as remoções dialogando através de editais e normativas para prestação de contas e adequação do seguimento das atividades. A inclinação, nesse momento, já é para a implantação do modelo *food truck*, ou seja, caminhões de comida, na tradução literal, os quais oferecem mobilidade e padrão em acordo com as novas exigências.

---

<sup>1</sup> Assista [aqui](#) uma reportagem da época (2014).

Andler Pinto (2015), em sua dissertação na área da Geografia, pesquisou sobre o consumo de comida nos trailers de Pelotas. Seu objetivo era entender como se davam dinâmicas e relações em função desse modelo de negócio. Para tanto, fez um detalhado levantamento a partir dos trailers existentes nas principais avenidas, realizando entrevistas com diversas pessoas. Seu trabalho culmina exatamente no momento das remoções realizadas pela prefeitura. Segundo sua pesquisa, as pessoas entrevistadas enfatizam com recorrência a questão da higiene dos trailers, sobre as condições terem melhorado após as readequações, mostrando esse critério tão importante quanto todos os outros significados simbólicos e sociais que existem no consumo desses lanches. As pessoas narram também sobre a melhoria na estética da cidade, valorizando o discurso das requalificações dos espaços públicos.

Esse foi um dos cenários de modificações significativas em Pelotas. É nesse contexto que também é planejada a transformação de algumas quadras da Rua Andrade Neves, conhecidas como o Calçadão. Como o próprio nome sugere, é um trecho da rua completamente calçado, dedicado à circulação de pessoas, na qual ficam concentrados muitos comércios (lojas de roupas, farmácias, telefonia móvel, galerias, etc.). O Calçadão está situado entre as ruas Lobo da Costa, Marechal Floriano, Sete de Setembro, General Neto e Voluntários da Pátria, todas transversais à Andrade Neves, ruas que transformam em quadras esse espaço. Os limites desse lugar estão dados por ruas paralelas à Andrade Neves: de um lado, a General Osório; do outro, a XV de Novembro. Veja a ilustração:

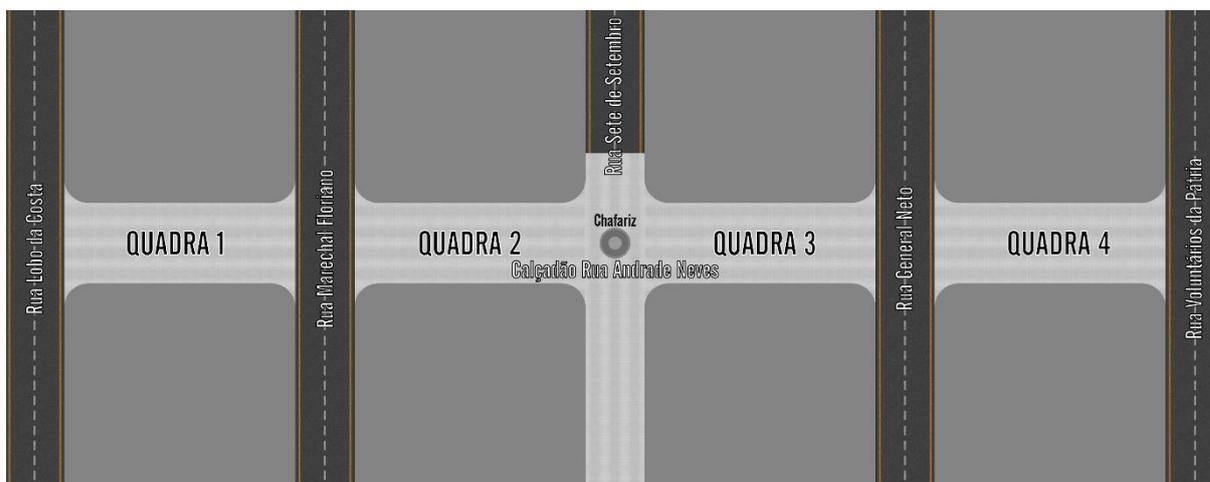


Ilustração das quadras do Calçadão da Rua Andrade Neves. Elaboração: Hamilton Bittencourt/LEPPAIS.



Imagem das quadras do Calçadão da Rua Andrade Neves. Fonte: Google Maps. Edição: Hamilton Bittencourt/LEPPAIS.

Na Andrade Neves, para além da reforma do Calçadão, o comércio de comida de rua também foi transformado. Quiosques e outras estrutura fixas, as quais vendiam comida, revistas e jornais, também foram removidos em nome de novas exigências e adequações. Uma das modificações notáveis é específica ao setor da comida de rua: nesse espaço só poderiam ser comercializados pipocas, churros e crepes. O “xis”, também conhecido como “podrão” ou “xis tudo”, um pão que pode ser recheado com vários tipos de carne (bovina, suína, embutidos ou frango), além de milho, ervilha, maionese, ketchup e mostarda, entre outras coisas, não seria mais vendido ali. O estranhamento está justamente no fato desse ser um lanche muito querido pelo público sul rio-grandense, especialmente o pelotense. Além de ser uma versão muito barata em relação a um “bauru” (estrutura semelhante ao “xis”, um pão recheado com carne, salada, ovo e molhos) tradicionalmente vendido nos trailers espalhados pela cidade. Além do “xis”, o doce tradicional de Pelotas também deixa de poder ser

vendido no Calçadão, sendo realocado para as ruas adjacentes, com concentração na Rua Sete de Setembro.

Dessa forma, o Calçadão da Rua Andrade Neves compõe o centro comercial de Pelotas. Como explicitado na introdução, o Centro é uma das zonas administrativas da cidade. As outras zonas (bairros) estão distribuídas, geograficamente, no entorno da zona central. Para o pelotense, o Centro significa, então, o lugar onde se paga contas, vai ao banco, compra roupas, resolve problemas administrativos em relação à residência (como água, luz, telefone, internet), como também lugar de trabalho, lazer, sociabilidade, entre muitas outras possibilidades. E, por esse motivo, o Calçadão é um espaço popular, muito frequentado, sobretudo a Rua Andrade Neves.

### **O mergulho em campo**

Como o campo de pesquisa é a cidade e seu recorte espacial é a área central, caminhar por este território privilegiado das comidas de rua é um bom ponto de partida – mais do que isso, um método de investigação etnográfica. Cunhado por uma das precursoras da Antropologia Urbana, Colette Pétonnet (2008), o conceito de observação flutuante foi desenvolvido a partir de sua pesquisa no cemitério parisiense *Père-Lachaise*. Através dele, a pesquisadora se colocou em movimento e disponível ao acaso das experiências de campo, sem focar em alguma questão específica a ser respondida, deixando-se levar pelas interações espontâneas que ali ocorrem.

Da mesma forma, dei início ao trabalho de campo, durante o segundo semestre de 2018. Escolhi como cenário as ruas centrais da cidade de Pelotas, onde a presença de comerciantes ambulantes de comida ganha destaque visível. Iniciei, assim, as flutuações em ruas adjacentes à praça central, Coronel Pedro Osório, circundada por prédios históricos imponentes, como a prefeitura, o mercado público, a biblioteca pública, museus, teatros, além de bancos, casas de comércio, bares, cafés, etc.

Embora disponível ao acaso e sem o olhar condicionado a buscar informações específicas, minha caminhada pelas ruas da Praça tem alvos precisos, como as carrocinhas de pipoca e os *food-trucks*. Ao fim da primeira observação flutuante, noto diversas relações com a Praça: uma senhora fazendo tricô, uma mulher passeando

com o cachorro, casais namorando, pessoas em situação de rua, vendedores de pipoca, de algodão doce e de outros alimentos, campanhas políticas, rota de percursos diários, manifestos contra o governo municipal, sociabilidade de grupos de jovens, interação das pessoas com os parquímetros, sem falar na densidade de casas de comércio espalhadas pelo Calçadão da Rua Andrade Neves. Eis a riqueza da observação flutuante: mergulhar no campo além do esperado. Aliás, trata-se de nem esperar algo, mas deixar-se ao encontro do acaso.

Dado o primeiro passo em campo, precisava seguir. Propus-me a flutuar quantas vezes fosse necessário, até que ocorresse, espontaneamente, a primeira interlocução com alguém. Ela ocorreu no fim de uma tarde ventosa do inverno daquele ano de 2018, quando eu caminhava pelo Calçadão, partindo da Praça Coronel Pedro Osório. Não durou muito até que algo me prendesse a atenção. Próximo ao Supermercado Nacional, estava uma senhora, com sua carrocinha de tipo triciclo. Duas caixas térmicas e uma garrafa para o café (com capacidade de cinco litros) sobre uma estrutura de ferro com duas rodas fixas e uma articulável, direcionada pela força impressa no puxador do equipamento.

Sentei em um banco construído em volta de uma árvore do Calçadão e fiquei observando a senhora, que tentava organizar folhas desprendidas de um livro de revenda de cosméticos. Voou uma das folhas com um forte vento que bateu ali. Imediatamente, vi o olhar dela para a folha que ia embora rolando pelo chão. Levantei para ajudá-la. Alcancei a folha, juntei e entreguei a ela. Com um sorriso, agradeceu. Ofereci ajuda para concluir a organização do material, porém disse que não precisava, me dispensando.

“Tu tem café?”, perguntei. “Sim, tenho. Tu quer um?”, me respondeu. Eu disse que sim. Perguntei o valor e ela me respondeu que custava R\$ 1,00. Paguei e comecei o papo. Questionei se ela estava trabalhando bastante e ela me respondeu que sim. Muito falante, contou que o dia havia sido bom, com a venda rápida de todos os seus lanches, só lhe restando o café. Perguntei também quais sabores tinha e ela falou que eram sanduíches naturais com frango, carne e frios, vendidos por R\$ 3,50 cada. Comentei sobre o preço ser baixo e ela disse: “Ah, mas se não é assim, as pessoas não compram, não têm dinheiro”, gesticulando com as mãos e fazendo com os dedos o movimento de contagem de cédulas.

Conversamos sobre muitas coisas: seus filhos - quatro - dos quais falava com orgulho, são todos formados na faculdade. Falamos sobre cozinha, temperos, saúde, entre outros assuntos que emendávamos sem parar. Ela me perguntou o que eu estudava. Quando respondi “Gastronomia”, ficou surpresa. Senti naquele momento uma forte aproximação e empatia por parte dela (muito mais do que no tempo quando me apresentava como estudante de Antropologia, curso que as pessoas, na maior parte dos casos, não sabem bem do que trata).

Sua jornada é de segunda-feira a sábado, iniciando pela manhã e concluindo no fim do dia. Ela tem uma pequena sala alugada próximo ao Mercado Público, na qual guarda seu carrinho e prepara seu café. Todo dia a rotina é essa: chegar ao Centro, preparar o café, fazer a montagem de alguns sanduíches, arrumá-los nas caixas térmicas e caminhar até o Calçadão. Lá, ela circula pelas ruas Andrade Neves, Marechal Floriano Peixoto e Sete de Setembro, basicamente. Nessas ruas, em determinadas quadras, estão seus amigos e colegas de trabalho, ou seja, os outros ambulantes.

Esse primeiro encontro deve ter durado cerca de uma hora. Expliquei a ela que estava fazendo uma pesquisa sobre comida de rua ali pelo Calçadão e que tinha interesse de seguir conversando outras vezes. Foi extremamente receptiva, afirmando que não havia problema. Disse que circulava por aquelas redondezas, mas que sempre ficava mais no seu “ponto”, em frente à Loja Gang, na esquina da Rua Andrade Neves com Marechal Floriano. Conectada ao sinal de internet da loja, trocamos, por sugestão dela, os contatos de *WhatsApp*. “Qual teu nome?”, pergunto. Ela me responde com um sorriso: “é Sandra... mas todo mundo me conhece aqui por Cica”. Então me despeço, na certeza de um próximo encontro e muito satisfeito com o primeiro contato.

A partir de então, passei a ir sistematicamente ao Calçadão da Rua Andrade Neves, buscando encontrar Sandra e conhecer novas pessoas, mas nem sempre a encontrei. Observei que há uma rotina de pessoas que, todos os dias, fazem ali suas vendas. Pela primeira vez, vi um senhor no local, com sistema de vendas semelhante ao de Sandra (carrocinha, caixa térmica com lanche e café). Parei e pedi um café. Um tanto tímido, Mario conversou um pouco comigo, respondendo ponderadamente o que lhe questionava. Perguntei se ele conhecia a Sandra. Ele disse que já tinha a visto, porém que nunca tinha conversado com ela. Disse que se alguém não conversa com

ele, também não propõe o início de qualquer assunto. Senti um clima de conflito nesse momento. Percebi que poderia ter alguma coisa além de “não puxar assunto”. Em seguida que terminei o café, ele me dispensou dando um “até mais”.

Em um outro encontro com Sandra, falei que havia conhecido Mario quando não a encontrei para tomar um café. Ela, na mesma hora, disse que ele tinha aparecido há pouco tempo no Calçadão. Que era novo ali. Perguntei se eles estavam interagindo e ela disse que somente se cumprimentavam. Mas evidenciou seu desconforto, falando sobre ele estar na área de vendas dela. “Todo mundo sabe que aqui é meu ponto. Por aqui sou eu que fico”, me disse em tom de indignação com a possível concorrência que se instalava ali. Foi quando entendi a sensação que eu antes havia tido, de clima de conflito, não era em vão. Havia um desconforto de ambas as partes.

Embora eu estivesse com um bom relacionamento com Sandra, sentia ainda que algo fazia trancar o fluxo das relações de campo. Isso me fazia pensar se valeria a pena insistir no contato com ela, na expectativa de conhecer seus amigos que vendiam doces, rapadurinhas e lanches pelo Centro<sup>2</sup>, conforme ela havia me prometido, ou se deveria tentar novos contatos. Uma decisão conflitante a ser tomada em termos metodológicos. Quase todos os dias recebia mensagem de “bom dia” e “boa noite” de minha interlocutora, via *WhatsApp*. Havia uma relação amistosa traçada ali. Ao passo que ainda sentia determinadas desconfianças sobre minha presença.

Essa relação de desconfiança, atribuo muito ao fato dela estar na rua trabalhando, principalmente nessas situações que envolvem questões de legalidade e ilegalidade, visibilidade e invisibilidade, estar parado ou estar circulando, entre outras fronteiras indefinidas. Isso se confirma em uma fala de Sandra. Eu havia contado que fazia o Curso de Gastronomia. Em um dia de conversa, então, estava mostrando para ela fotos de alguns momentos meus em aula. Entre um comentário e outro, surgiu o assunto sobre o fato dessas imagens serem postadas no *Facebook*. Foi quando eu ajudei Sandra a procurar meu perfil, através do celular dela, para me adicionar como amigo na rede social. Em casa, aceitei a solicitação. Passados alguns dias, inúmeras notificações apareceram para mim, mostrando a interação dela com

---

<sup>2</sup> Tratarei da palavra Centro com a inicial maiúscula, por estar referenciando pelo seu nome próprio, como um bairro da cidade.

minhas imagens. Ela havia visitado todo meu perfil, tendo acesso a muitas informações da minha vida pessoal, confirmando tudo que eu lhe contara. Porém, quando fui visitar o perfil dela, reparei no primeiro detalhe: seu nome era Cerlei. Fiquei, então, com dúvida quanto à sua identificação: Sandra, Cica (o apelido) ou Cerlei?

Em outro encontro com a interlocutora no Calçadão, sentamos em volta de uma árvore e conversamos por, pelo menos, duas horas. No meio da conversa, pergunto sobre sua identificação. Ela me faz uma expressão facial de quem estava muito sem graça com a situação e, com um sorriso tímido, me diz que seu nome de verdade é Cerlei. “Sandra” fora apenas uma invenção para responder a uma pessoa completamente desconhecida. Ela me explicou o porquê de sua escolha, rememorando o dia que nos conhecemos. Narrou em detalhes esse dia. Descreveu a folha que havia voado, minha disposição em ajudá-la, o café que comprei e a conversa que tivemos. “Sandra foi o primeiro nome que me veio na cabeça... nem gosto de Sandra! Mas imagina, o que eu ia falar pra alguém que nem conheço? Não sei de onde vem, o que está fazendo, se é um fiscal disfarçado...”, me diz Cica, explicando sua escolha por omitir o nome verdadeiro.

Essa situação desloca-me diretamente para as discussões de ética e anonimato na pesquisa antropológica. As motivações de Cica são genuínas, pois há um contexto complexo para estar na rua na modalidade em que ela está. A fiscalização está sempre presente, arbitrando sobre as ocupações dos espaços. Então, não seria distante estar acontecendo uma investigação com alguém “à paisana”, buscando informações sobre ela ou sobre a rede de contatos dela. E várias histórias, narrativas e conflitos foram faladas para mim, ou compreendidas nas “entre linhas” das falas.

Contudo, neste trabalho, as análises que faço não envolverão essas informações que permanecem em caráter de zelo e sigilo para os interlocutores. O que será trazido de dado etnográfico estará colocado com muito cuidado, seguindo com critério um dos termos do Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia – ABA: “Garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado.”.

A articulação dessas informações que são ou não narradas ampara a opção pelo emprego, no texto, dos nomes verdadeiros dos interlocutores, ao invés de adotar

pseudônimos. A omissão do nome, o sigilo, facilmente é associado a prática ética. Contudo, não necessariamente o é. Cada campo apresenta dilemas e problemáticas particulares, a serem resolvidos caso a caso. Por esse motivo, não há uma fórmula de como agir. Por exemplo: atribuir um simples pseudônimo. Ou, omitir informações de identificação local e geográfica. Essa discussão deve estar em pauta em tempo íntegro com o pesquisador. “A ética deve ser vista como parte importante da situação de pesquisa e deve ser levada em conta desde os primeiros momentos de sua concepção (VICTORA et al, 2000, p. 81).

Em várias conversas com os interlocutores, as negociações referentes à suas identificações foram sendo discutidas. Primeiro, porque a câmera fotográfica esteve presente em várias jornadas de campo. Logo, a autorização do uso de imagem foi feita com cada pessoa para que se assegurasse a execução da pesquisa com essas informações visuais. Segundo, justamente por já conter imagem, em nenhum momento foi tensionado para que não estivesse o nome verdadeiro de cada pessoa. Como sugere Claudia Fonseca:

Pelo contrário, mascarar nomes de pessoas ou de determinada comunidade pode trazer a mesma impressão que trazem os rostos borrados ou as tarjas pretas cobrindo os olhos que vemos em filmes e fotos de jovens infratores. Parece designar justamente as pessoas que têm algo para esconder. Por esse motivo, seria questionável uma orientação profissional que traçasse uma distinção sistemática entre as situações etnográficas em que mantêm-se os nomes reais dos informantes (subentendido, dos cidadãos honestos) e as outras em que mascaram-se as identidades (dos, subentendidos, bandidos). Tal política discriminatória serviria apenas a reforçar os estereótipos que procuramos questionar (FONSECA, 2007, p. 41).

O que foi sendo trabalhado, ao longo do tempo em campo, era sobre o detalhamento de informações que, se sistematizadas e escritas, viessem a comprometer a vida dos comerciantes de rua. Minha negociação era: não escreverei nada que me seja anunciado com o pedido de “não escreva isso”; e quanto mais detalhes eu souber do que eu não posso ou não devo escrever, articularei a escrita para que essa não deixe algum rastro ou inquietação que conduzam a informação que deve se manter em sigilo. Em suma: o dilema ético dessa pesquisa não está contido nos personagens da história (as pessoas que habitam o Centro cotidianamente), mas sim em suas narrativas sobre determinadas situações ou condições, na medida em

que a exposição de tais narrativas requer cuidado redobrado. Por esse mesmo motivo (o controle sobre o que está sendo narrado), há poucas falas de interlocutores transcritas, o que, para a maior parte dos antropólogos, um desconforto. Estima-se muito ler o que a pessoa falou em campo. Talvez seja considerada também uma falha do pesquisador e não uma estratégia narrativa. Mas, nesse caso, ler o que as pessoas falaram daria margem para o que eu mais cuido que não aconteça: a revelação de informações que poderiam comprometer os interlocutores ou deixar um rastro para investigação de alguma situação desfavorável a eles. E, para que não haja uma expectativa do leitor sobre o que está omitido, deixo a pista: trata-se de dinâmicas entre os comerciantes de rua para sobrevivência ou subversão das ocupações de espaços fiscalizadas pela Prefeitura.

É então que se entende um pouco mais, na prática, o que Geertz (1989) fala sobre a etnografia como uma ficção. Não significa o termo ficção como falso, conforme é dado no senso comum, mas sim no sentido de fabricação, confecção, construção. A narrativa é confeccionada através da articulação literária do pesquisador. Isso é se distanciar de uma ideia inocente de que a realidade é passada “tal como ela é”. A realidade é narrada a partir das falas dos interlocutores, através da literatura produzida pelo pesquisador que está atento e preocupado em evidenciar as relações que estão sendo analisadas. Débora Diniz contribui para esse debate quando discute sobre ética e narrativa na montagem de seu filme “Uma História Severina”: “Assumir que não há neutralidade na construção da narrativa é afirmar que toda narrativa representa um ponto de vista sobre os fenômenos sociais, sendo, portanto, uma narrativa ética e estética sobre o que é filmado” (DINIZ, 2008, p. 419). Ou seja, independente de texto, fotografia, vídeo, desenho ou o que quer que seja a produção etnográfica, a mão do autor/pesquisador está sempre presente.

Passado o episódio referente à identificação da interlocutora, passo a chamá-la de Cica, em campo e neste relato etnográfico. Conduzi aquela conversa fazendo brincadeiras e dando boas risadas, para que ela percebesse que eu não estava incomodado com a situação. Contudo, fiquei muito pensativo sobre minha relação com o campo e percebi que minha escolha por desacelerar e investir na interlocução com ela e com sua conexão de pessoas era válida. Percebi também que toda tentativa feita para dinamizar as interações estava pouco fluída pelo fato de eu ainda não ser nada familiar naquele território. Não eram meus sorrisos fáceis, simpatia em excesso e

educação constante que garantiriam a tão sonhada abertura de campo que necessitava e já imaginava ter conquistado.

Persisto. Sigo investindo em Cica para me aproximar dos outros a partir dela. Sentia resultados em muitos momentos, pois alguns clientes fixos dela, assim como outros que trabalham pelo Calçadão, já estavam familiarizados comigo. Às vezes chegavam a me perguntar se eu era algum parente dela. Familiarizar minha presença era exercício também para Cica, pois estava habituada a estar só enquanto caminha para realizar suas vendas.

Nos encontros em meados de maio de 2019, Cica já estava até deixando o carrinho sozinho comigo para resolver outros negócios, como a compra e venda de panos de prato. Teve uma tarde em que fiquei responsável pelo seu carrinho na frente do chafariz da Rua Sete de Setembro, próximo a outros amigos dela. No mesmo dia, ela me deixou só novamente no meio do Calçadão, dessa vez próximo de Jussara e Elton, demorando quase uns 40 minutos para retornar - tempo suficiente para eu fazer a venda de dois cafés. Por mais que não fosse um “completamente só”, visto que havia outros amigos estavam no entorno, o fato de já ter sido colocado nessa condição de parceiro, auxiliar ou amigo “quebra galho” indica minha familiarização com ela e com seu ambiente.

Contudo, ainda assim, o ritmo fluía vagarosamente. Eu tinha anseio por mergulhos mais profundos no campo de pesquisa e pela conquista de outros espaços. Nesse mesmo anoitecer em que fiz a venda dos cafés, decidi negociar mais uma vez esses espaços de que precisava, lembrando que estava ali como um pesquisador. Cica me convidou para ir vender café à amiga dela da outra rua. Fomos juntos empurrando seu carrinho. No caminho, falei sobre o trabalho que estava escrevendo. De forma simples, disse que estava realizando uma pesquisa sobre o centro da cidade a partir do ponto de vista das pessoas que vendem comida na rua. Enfatizei um pouco de minha preocupação em dar conta disso, tentando lhe explicar a importância do trabalho, por exemplo, podendo ser este um instrumento de diálogo com a própria prefeitura municipal.

Cica entendeu minha fala e minha proposta. Colaborou com reflexões, sem me deixar falando sozinho. Retornamos juntos para o meio do Calçadão, onde estávamos

com Jussara e Elton. Foi quando Cica chamou Jussara para falar de meu interesse de pesquisa:

Sara, ele tava me falando do trabalho dele. Ele quer escrever sobre nós, o pessoal que vende as coisas aqui. E é muito importante! É para a faculdade dele lá, que ele já me mostrou tudo direitinho, é tudo verdade... tá no Facebook dele, eu vi. Daí a gente tem que ajudar ele, Sara. Tava falando para ele que é importante que ele fique com a gente. Aí aos pouquinhos a gente vai apresentando as pessoas para ele, entendeu?! E o pessoal não fica desconfiado, né. Porque senão a gente fica com o pé atrás, né, Sara? E ele faz foto também. Vai vir com a câmera nos filmar aí. Explica tu pra ela, Guilherme! (DIÁRIO DE CAMPO, 05 de junho de 2019).

Cica traduziu meu relato para Jussara. Àquilo que, com palavras e entonações, eu dei intensidade através da minha fala, Cica também o fez, com expressões faciais e vocais. Foi muito interessante participar da cena, porque se tratou praticamente da tradução de uma língua para a outra. Na sequência completei as explicações à Jussara, a qual compreendeu muito bem e aceitou minha proposta de diálogo. Cica relembrou mais uma vez o nosso primeiro encontro, de como nos conhecemos e do nome que havia inventado para se preservar de mim. Trouxe isso entre risadas para Jussara, conectando seu comentário anterior a necessidade de me apresentarem às pessoas do ramo. E, nesse mesmo momento, constato que minha sensação de não fluidez em campo não era em vão. Para muito além: a sensação era o próprio dado etnográfico.



Cerlei (Cica), à esquerda. Jussara (Sara), à direita. Ambas fotografadas em um dia que escolhi para fazer fotos do campo, após conversa antes relatada sobre o trabalho de pesquisa em construção.

3

### **A partir do mergulho em campo: narrativa e etnografia**

Com essa descrição de entrada e mergulho em campo, cabe retomar alguns pontos chaves do texto, no intuito de refletir sobre a construção etnográfica deste trabalho. Trata-se de revisar e analisar teoria e método, os quais nos são tão caros nas Ciências Humanas, sobretudo na Antropologia, área na qual cada pesquisa possui suas situações particulares mediadas pelo antropólogo.

Um dos primeiros destaques, penso, é o próprio ingresso em campo. Estava dado o desafio ao iniciar uma nova pesquisa do zero. Sair da zona de conforto de um campo estabelecido para outro, novo, gerou um processo denso de amadurecimento metodológico etnográfico. Por esse mesmo motivo, faço questão de também dar foco à descrição detalhada do desenvolvimento desse campo.

---

<sup>3</sup> As imagens inseridas neste trabalho não receberão legendas ou numeração para índice de figuras. As fotografias aqui não estão pensadas como meras figuras ilustrativas, mas sim como composição de narrativa. Essa discussão eu realizo no subcapítulo: *A partir do mergulho em campo: narrativa e etnografia*.

Para conduzir uma pesquisa, há questões que sistematicamente são geradas e respondidas, tornando-se motores de propulsão. As minhas primeiras questões, dado início à nova pesquisa de campo, eram, entre outras: “como realizar?”, “onde me posicionar?”, “quando?”, “quem abordar?”, “o quê conversar?”. Considerando que o recorte espacial da pesquisa se situa no Centro da cidade, e não em um ambiente fechado e específico, as perguntas não remetem de forma tão evidente às respostas.

É então que, como já mencionado anteriormente, vali-me do método etnográfico de Colette Pétonnet (2008), a observação flutuante. A postura assumida pelo pesquisador em campo com esse método, por algum tempo, suspende todas as questões-guias, pois a proposta é justamente estar disponível ao acaso e deixar-se conduzir pelo que acontece no momento.

Vejamos que, deixando-me conduzir, contemplo com mais atenção detalhes cotidianos e corriqueiros, como a quantidade numerosa de comércios, pessoas em momentos de lazer pela praça, o fluxo de caminhantes, ambulantes trabalhando, entre outras situações que denotam relações com o ambiente citadino. É também deixando-me conduzir pelo acaso que a primeira situação de interlocução em campo acontece. Lembro o caso da ventania espalhando as folhas do catálogo de Cica. É então, como em um movimento de botão Liga/Desliga, desativo o “modo flutuar” e ativo o “modo participar”. Essa é a marca do início da observação participante, método clássico da pesquisa etnográfica, sobre o qual inúmeros autores teorizam a respeito a partir de seus dados de campo.

O brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira possui um trabalho que é referência sobre etnografia. Em sua obra *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever* (2006), ele mostra as três ações humanas como fenômenos epistemológicos. O olhar e o ouvir estão atribuídos ao momento da pesquisa em campo, em que nos concentramos na percepção da realidade do outro, a partir de um aporte teórico estabelecido previamente (OLIVEIRA, 2006). E o escrever corresponde ao processamento de dados, pós campo. É o instante de dissertação, no qual se articulam dados empíricos com as teorias antropológicas (OLIVEIRA, 2006), para assim se produzir a etnografia.

O movimento do pesquisador, entre o trabalho de campo, onde ocorre boa parte da produção empírica, e a interpretação de dados à luz da teoria, pode ser

também compreendido pela relação entre o “estar lá” e o “estar aqui” (GEERTZ, 2009). Essa relação está situada entre o mergulho no universo de pesquisa, na interação com os interlocutores, e o retorno ao lugar de origem para realizar a escrita. Roberto Cardoso de Oliveira (2006) entenderia o “estar lá” de Geertz (2009) com o que ele designa por “olhar e ouvir”, enquanto o “estar aqui” do antropólogo americano seria o que entende como o momento de “escrever”. Esse movimento do pesquisador, lá e cá, é o que torna viáveis as duas práticas. Quando em campo, o antropólogo está instigado pelas questões produzidas, refletidas e amadurecidas em seu momento de escrita. Quando está em sua estação de trabalho, a mesma relação acontece com o texto que será escrito: afetado pelas experiências empíricas vividas em campo, o pesquisador descreve densamente sobre as relações que pôde observar e participar. Dessa forma, como ações complementares, engajadas uma na outra, a narrativa se forma. Estar no campo torna-se o complemento do que foi escrito; escrever torna-se o complemento do que foi vivido. O engajamento com ambas as práticas, então, compõe a etnografia.

Ainda sobre a investigação etnográfica e seus métodos, a pesquisadora Claudia Fonseca (1999) também traz importantes contribuições no artigo *Quando cada caso não é um caso*. Nele, a autora defende que a etnografia não pode ser reduzida a uma mera entrevista entre indivíduos, pois isso enfatiza muito mais aspectos pessoais dos entrevistados do que propriamente o contexto social (FONSECA, 1999). Para a pesquisadora, é incontornável a observação participante, na medida em que esta resulta da interlocução entre os sujeitos em campo, considerando todo o contexto social e cultural da situação etnográfica em questão (FONSECA, 1999). De fato, um formulário com perguntas fechadas, pré-estabelecidas, inflexíveis, pouco revela sobre o contexto em que o entrevistado está inserido. Para a Antropologia, esse método seria pouco eficaz, pois a ciência é feita com a observação das relações e não somente com a narração delas pelos interlocutores. Isso poderia se tornar uma traição à investigação do antropólogo: não necessariamente o praticado é o narrado. Então, por esse motivo, é incontornável estar em campo observando e participando. É na relação dessa experiência que o dado etnográfico tão esperado será produzido.

Após o relato da entrada em campo, acompanhada do início da observação participante, há mais um destaque importante antes descrito: apresentar-me e

permanecer em campo. Dialogando com a Cica, ela me pergunta o que eu estudo. A empatia estampada no rosto da interlocutora foi evidente quando respondo que estudo Gastronomia. Naquele momento, estava sendo construído um imaginário sobre mim o qual não faço nem ideia por quais imagens mentais circulou. Há possibilidade da imaginação de um cozinheiro vestido com roupas padrão da profissão, *reality show*, comidas bonitas, requintadas e bem elaboradas, enfim, uma infinidade de possibilidades que somente Cica poderia responder. Contudo, destaco isso pois, quando me anunciava em campo como antropólogo ou estudante de Antropologia, a expressão geral das pessoas era interrogativa. Diria, até, que sem a possibilidade de acionamento de um imaginário rápido que pudesse estar associado a essa área de estudo. Ou, quando era espontâneo, facilmente estava associado à Arqueologia, Paleontologia ou uma filosofia descrita como “estudo do Homem”.

O que ressalto, nessa explanação, é a proximidade ou distância que gero, como pessoa e pesquisador, com os interlocutores. Só pude perceber o quanto isso faz diferença quando tive a experiência dessa reação espontânea e empática de Cica. Principalmente quando, na sequência de nossa conversa, ela falou que gosta muito de cozinhar, trocando ideias sobre o tema. Dada a circunstância e evento de apresentação, certamente me aproximei com muito mais facilidade de minha nova interlocutora, imaginando que muito provavelmente receberia reações semelhantes de outras pessoas. Principalmente quando anunciasse estar fazendo uma pesquisa sobre comida de rua, o que rapidamente faz sentido: um estudante de Gastronomia e comida.

Esse fato também suscita a dimensão ética do campo. Entro e permaneço nele, então, como esse estudante da área de alimentação, mas na sequência também anuncio minha relação com a Antropologia. E é importante ressaltar que é na sequência, pois a segunda informação, por estar normalmente ao campo do desconhecido e de pouca referência sobre o que se trata, também parece receber menor importância por parte dos interlocutores. O bônus é não gerar um distanciamento. O ônus é conseguir explicar o que é a pesquisa a ser realizada e como ela vai ser desenvolvida. E isso é uma informação de igual importância, justamente pelo compromisso ético de informar cada interlocutor que ele está sendo etnografado.

Encerrado esse episódio de campo, inclusive com troca de contatos pessoais de *WhatsApp*, inicia a nova etapa: sair da flutuação e mergulhar em campo. A primeira questão é: como traçar um plano de estudo desse universo de pesquisa, seguindo a partir de agora objetivos específicos, mas também sem deixar de ser conduzido pelo campo? No caso dessa etnografia, feita no Centro na cidade, em um ambiente de circulação densa de pessoas e constante mudança visual, de cenário, esse plano é constituído diariamente. Isso permite o equilíbrio entre a busca por objetivos específicos e a condução do pesquisador pela espontaneidade do campo, o que é tão caro à etnografia e se torna um dos diferenciais desse tipo de investigação.

Como exemplo dessa condução dada pelo campo, está o episódio em que conheci Mário, descrito anteriormente. Ao interagir com esse novo interlocutor, tenho a sensação de um conflito ou desconforto dele com Cica. E essa sensação não é um fato visível, mas sensível, por um conjunto de leituras feito a partir da fala de Mário. Nesse momento, expressões, entonações, gesticulações, movimentos com o corpo, entre outros sinais, ganham potência ao olhar antropológico atento, que são registrados no diário de campo como uma sensação. Logo, anotado, torna-se dado. Dado que nunca se coleta, mas se produz. “O que coletamos são maçãs. Dados etnográficos são produzidos”, como diz minha orientadora Claudia Magni, em sua aula de metodologia. Trago essa fala, um tanto descontraída, para chamar a atenção ao dado que me acompanha por muito tempo em campo: o desconforto, a sensação. O de Mário com Cica, entendi no encontro seguinte que tive com ela, quando me explica que ele está apenas há alguns dias ali, propondo concorrência. Porém, o meu próprio desconforto com o campo, sensação de não fluidez, era consequência de detalhes não ditos ou não performados: apenas foram sentidos. Alguma coisa “estava no ar”.

Naquele momento, eu mantinha contato diário (via *WhatsApp*, com mensagens de saudação) com minha interlocutora privilegiada. A encontrava quase todos os dias em sua jornada pelo Calçadão. Interagia com seus clientes e amigos que ali trabalham. Passava horas de longas conversas gerais. Mas ainda assim, algo não fluía. Era uma proximidade fantasiosa que era mantida, parecia-me.

Houve um primeiro momento, em que a rede social *Facebook* legitimou uma verdade sobre minha narrativa pessoal e outra sobre a narrativa pessoal de Cica. Através da rede, do que exponho publicamente ao mundo virtual, ela pôde ver tudo que eu falava fazia algum sentido e era verdadeiro. E eu pude descobrir que ela me

omitiu o nome como medida protetiva, por não saber anteriormente quem eu era de verdade. Logo, a rede social, sem querer, foi uma ferramenta de campo, utilizada através de um *smartphone*. E, não somente uma ferramenta: foi o próprio campo, com inúmeras produções de dados etnográficos. Foi através dessa rede que veio à tona a reflexão do nome falso: porque Cica omitiu seu nome? O que mais estava em questão? E assim, o desconforto se mantém, através dessa relação de desconfiança, mantida sutilmente por trás de toda interação já ocorrida até então entre eu e ela.

Houve então, o segundo momento, em que mais uma vez tento entender o que é esse desconforto e a não fluidez de campo. É quando decido, de forma definitiva, conseguir a abertura no nível desejado e idealizado para pesquisar, ou fechar essas portas e buscar por outras no mesmo espaço, através de outra rede que não fosse a de Cica. Ou ainda: desistir por completo desse campo ou desse espaço específico. É quando, então, enfatizo meu trabalho e minha posição como pesquisador. E ela, de sua forma, compreende e traduz tudo que eu disse a sua amiga, Jussara. É somente a partir desses dois momentos (o codinome e a tradução), que obtenho a abertura de campo desejada, sem nenhum desconforto ou sensação de “algo no ar” como dado. Porém, com uma lição: dobre a atenção em campo e leia todos os sinais possíveis, pois há muitas motivações pessoais nem um pouco evidentes.

Essa conversa com Cica e Jussara foi o marco para a entrada da fotografia em campo. Até então, não havia realizado nenhuma foto, justamente por não ter conseguido negociar o uso da câmera. Sete dias depois do diálogo e negociação, em 12 de junho de 2019, foi quando produzi as primeiras fotos do acervo da pesquisa.

A câmera estando comigo era um novo impacto gerado. Sempre havia uma pergunta sobre a origem e destino do equipamento ou das fotografias. Com um pouco de conversa e explicação, efetivava meus objetivos: fotografar as pessoas e cenários. Eu diluo o impacto com a câmera quando eu sumo com ela: de janeiro até fevereiro de 2020 (último mês do campo), só utilizo o celular como máquina fotográfica. E, também, como caderneta de campo. Essa foi uma experiência notável e muito interessante sobre as ferramentas do antropólogo: a naturalização do celular no cotidiano das pessoas promove que o equipamento não seja notado como instrumento de pesquisa, tal qual uma prancheta, caneta, bloco de anotações ou a própria câmera. Mudar essa relação, na maior parte dos contextos etnográficos, facilita muito para o conforto do antropólogo conseguir produzir seus dados.

Para tratar das fotografias, situo teoricamente o campo da imagem no trabalho. Autores e autoras da área de Antropologia Visual contribuem para tais análises. Um primeiro aspecto de como a fotografia é tratada neste texto é suscitado por Andrea Barbosa e Edgar Cunha (2006) na obra *Antropologia e Imagem*. Ao falarem do lugar da imagem na pesquisa antropológica, os autores sugerem que um dos aspectos relevantes está nos recursos que ela oferece para a reflexão e análise de material empírico. Nesse sentido, as fotografias contribuem para investigar o contexto etnográfico e situações de campo, podendo constituir ou não o texto escrito em si.

No caso dessa pesquisa, as imagens não se limitam a ilustrar a etnografia, pois trazem informações que a escrita não daria conta. “O texto não basta por si só. A fotografia, também não. Acoplados, inter-relacionados constantemente, então sim, ambos proporcionarão o sentido e a significação” (SAMAIN, 1995, p. 34), sem gerar redundâncias e duplicações de informação.

Etienne Samain (1995) revisita Bronislaw Malinowski, analisando qual sua relação com a fotografia em seu trabalho etnográfico. Ao reler atentamente as legendas, descrições e texto, percebeu que as imagens estavam engajadas com a escrita etnográfica, não funcionando como mera descrição. Segundo Samain (1995), se trata de um cuidado constante com o ver através das fotografias e dizer através do texto. As imagens desta etnografia se encaixam próximo a essa relação: estão pensadas, o tempo inteiro, em relação ao que vem sendo narrado com o texto, trazendo informações não alcançadas pela palavra escrita. Digo que é próximo, pois não se trata, apenas, do binômio “ver e dizer”. As imagens foram produzidas a partir de minha imersão em campo, enquadrando trechos de meu próprio percurso, tendo consciência de que a presença do pesquisador impacta o universo pesquisado. Então, os registros estão para além do ver. São compostos também por outros aspectos subjetivos ao próprio corpo do antropólogo no campo: o quão perto ou distante estou da cena fotografada, em qual ângulo essa se encontra, se foi um clique dado rapidamente ou com tempo de espera, se está parado ou em movimento, se há uma pose ou não, entre outros.

Samain (2004) também analisa as imagens produzidas por Margareth Mead e Gregory Bateson (1942), apresentadas na obra *Balinese Character*. Nesta obra precursora da Antropologia Visual, o casal de autores dispôs suas fotos em pranchas, que, segundo Samain, configuram dois modos distintos de apresentação e construção

heurística: o modelo sequencial e o modelo estrutural. No primeiro modelo, Mead e Bateson dispõem um conjunto de fotos em sequência, de forma que o olho percorre sobre elas tal como se lê um texto ocidental: da esquerda para direita, de cima para baixo. Um conjunto semelhante para exemplificar essa estrutura eu apresento no terceiro capítulo, com a narrativa visual do crepes do Seu Sérgio.

Já sobre o modelo estrutural, Samain (2004) destaca como as fotos apresentadas por Mead e Bateson não proporcionam linearidade à recepção do leitor. Trata-se de elementos imagéticos díspares, de lugares e situações diferentes, que se articulam na prancha fotográfica. É nesse modelo que se apoiam as pranchas cartográficas desta pesquisa. Elas possuem elementos imagéticos relativos a cada quadra do Calçadão, tendo seus sentidos complementados pelas narrativas de Cica, rememorando o que havia no local e o que há agora. Dessa forma, apresentarei a cartografia organizada com imagens (dispostas em pranchas, tal como fizeram Bateson e Mead em *Balinese Character*) intercaladas por textos. Em alguma medida, remetem também à proposta de “ver e dizer” que Etienne Samain (1995) destaca ao analisar o uso de fotografias e textos de modo articulado e complementar nas etnografias de Malinowski. Esses conjuntos de imagens dispostos em pranchas estão principalmente colocados no terceiro capítulo. Eles constituem as narrativas visuais desta etnografia. Como diria Sylvia Novaes (2014, p. 64) “é o silêncio eloquente das imagens que podemos levar para nossa disciplina, com tudo que, a seu modo, as fotografias tem a dizer”.

Ondina Leal (2013), em seu artigo, elabora uma reflexão sobre paisagem etnográfica, explicitando a importância da fotografia como narrativa.

A fotografia, como a etnografia, é um aprendizado da observação paciente, de elaboração minuciosa de diferentes estratégias de aproximação com o objeto, de uma vigilância constante e de prontidão para captar o acontecimento no momento do acontecido. A dupla capacidade da câmara de subjetivar e objetivar a realidade, de fazer distanciar-nos e aproximar-nos do objeto, nos dá uma consciência aguçada de que se é responsável por este processo de apreensão da realidade, de que se é sujeito de um ato de conhecimento. O próximo e o distante, o exótico e o íntimo, categorias caras à antropologia, são noções intrínsecas ao fotografar porque se referem ao íntimo do outro: o domínio do privado é aqui o domínio de uma alteridade e, chegar ao outro significa penetrar neste domínio. (LEAL, 2013, p.69).

A autora diz que “o ato de fotografar nos traz uma noção de posse de realidade e, ao mesmo tempo, a certeza da impossibilidade desta posse” (LEAL, 2013, p.69). De fato, a sensação é essa. Parece que congelamos um instante do tempo para a eternidade. E que esse instante seria a mais pura realidade, dada a quantidade de informações visuais que legitimam tal ideia. A questão é que essa experiência passa pelo enquadramento do olhar do fotógrafo, o qual está elaborando a representação dessa realidade recortada, e não ela em si. “A etnografia é, antes de mais nada, a reconstrução da experiência do pesquisador em campo, experiência guiada pela sua disposição de entender parte de um universo empírico por ele selecionado” (NOVAES, 2014, p. 59). Assim como a etnografia, a fotografia também está nesse caráter de representação construída. Fragmentos de um contexto.

Fotografar implica igualmente um tipo de conhecimento que não passa pela palavra, mas muito mais pela sensibilidade do olhar, pela intuição, pela capacidade de estar no lugar certo na hora certa, pela sensibilidade de colocar o corpo (e a câmera a ele acoplada) na correta distância. Fotografar implica a boa relação que se consegue estabelecer com as pessoas que fotografamos. É igualmente importante no ato de fotografar decidir o que estará em foco e o que estará desfocado, ou se tudo que a foto mostra estará em foco. Se a boa pesquisa implica um recorte adequado, este é também um dos elementos centrais de toda a boa foto: o que ela recorta da ampla realidade e dá a ver. (NOVAES, 2014, p.64).

Sylvia Novaes (2014) e Ondina Leal (2013) contribuem, então, para entender a dimensão de narrativa etnográfica da imagem. Andrea Barbosa e Edgar Cunha (2006), além de estarem articulados com as duas autoras nessa ideia, também apontam outros aspectos importantes no recurso à imagem. Retomo um deles que explicitarei há quatro parágrafos acima, sobre reflexão e análise. Nesse sentido, o fotógrafo Milton Guran (2012) atribui duas naturezas às imagens, uma *êmica* e outra *ética*. A primeira corresponde às fotografias produzidas pelos interlocutores, as quais estão imbuídas de sentidos e significados criados pelos sujeitos em questão. As imagens éticas, por sua vez, são as fotografias produzidas pelo pesquisador, as quais estão sempre sobre a hipótese de confirmação da sua produção, buscando esse sentido ético de serem legitimadas pelos interlocutores. “As fotografias, portanto, podem funcionar como instrumentos de investigação ou se constituírem no próprio objeto da pesquisa, como é o caso das imagens de natureza *êmica*” (GURAN, 2012, p.67).

O autor distingue as fotografias *éticas* em duas categorias: fotografias para descobrir e fotografia para contar (GURAN, 1997, 2012). Fotografar para descobrir está associado aos momentos de negociação em campo, de aproximação do pesquisador com seus interlocutores, se familiarizando com seu universo de pesquisa. Fotografias para descobrir, então, revelam informações para produção de dados etnográficos. Fotografar para contar corresponde aos momentos de articulação do campo com a teoria, instante em que o pesquisador afina e lapida os dados produzidos ao longo do trabalho empírico. Fotografias para contar permitem narrar etnograficamente através das imagens. “Na prática, é necessário que o antropólogo se ‘alfabetize visualmente’ e que o fotógrafo tenha pleno conhecimento dos fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa antropológica” (GURAN, 2012, p.82).

Na presente pesquisa, não há nenhuma imagem *êmica*. Apenas imagens éticas, elaboradas por mim. Foram produzidas no intuito de se tornarem, no conjunto, narrativa etnográfica. E, quando expostas individualmente, servem como imagens de descoberta, através das quais se pode mergulhar no campo para investigá-lo.

### **Conectados: a rede social do Calçadão**

Apresento aqui alguns interlocutores da pesquisa. Alguns, pois o projeto dos retratos teve sua execução atravessada pela pandemia. Como a negociação de imagem se deu com calma, após muito diálogo, as fotografias foram ficando para o fim do trabalho de campo. Era temporada de verão de 2020, maior parte dos vendedores do Calçadão estavam na praia e em outros lugares fazendo suas vendas. Então, sabendo que eu tinha mais algum tempo para produzir os retratos, poderia esperar por março, fim da temporada. Foi exatamente o que não aconteceu: o coronavírus chegou e contaminou o ambiente. Literalmente!



Seu Mario



Tainã



Daniele – "Lelê"



Seu Sérgio



Jussara



Elton



Tiago



Cica

## **Entre caminhadas e percursos: ensaio de uma cartografia**

Um dos grandes desafios metodológicos da etnografia é a narrativa. Como narrar? Pergunta que o pesquisador se faz até inserir o último caractere na escrita. E, quando finalizada, a dúvida também existe: será que a narrativa foi suficiente? Até o presente momento deste texto, fiz o esforço de narrar minha entrada em campo e toda a dificuldade de realizá-la até eu me compreender estabelecido no universo da pesquisa. Inclusive, uma sessão apresentando os dilemas éticos da etnografia para demonstrar as escolhas das narrativas e indicar os caminhos de suas composições. Dada essa etapa, preocupo-me agora também em como narrar densamente o campo, os interlocutores e as relações traçadas por eles.

Para tanto, há um ensaio cartográfico, que servirá também de guia para percorrer essa dissertação até o final. Os mapas que situam a cidade e o Calçadão apresentados anteriormente e, em breve retomados, não dão conta de minha experiência empírica. Cada encontro vivido em campo mostrou a mim uma complexidade de relações para além das estruturas padrões de narrativa, como o mapa. Uma imagem simples da plataforma Google Mapas, editada para destacar as quatro quadras do Calçadão, não revela nada sobre o conteúdo e o que as pessoas narram em suas vivências cotidianas. Nesse sentido, recorro ao caminhar (CARERI, 2013) e ao descobrir caminho (INGOLD, 2005) como práticas para compor o ensaio cartográfico que pretende, então, acompanhar processos (BARROS, KASTRUP, 2009) e narrar essas experiências mais complexas, não evidentes em um simples mapa.

Neste exercício, novas questões: Qual o lugar dessas pessoas, então? Como seria a cartografia da cidade elaborada a partir de suas narrativas? Especialmente falando do Centro de Pelotas, como é a cartografia do espaço que elas ocupam? E o que a comida tem a ver com essas narrativas? Como ela pode mapear a cidade? Todas essas são questões que a pesquisa busca responder. O processo de produção de dados em campo se dá na cadência da caminhada do pesquisador. O percurso acontece num ritmo cauteloso. Somente após as inúmeras recorrências de minha presença nesses espaços é que de fato a descoberta de caminhos foi acontecendo.

Caminhar, então, é o processo de produção de dados. Francesco Careri (2013), em sua obra “*Walkscapes: o caminhar como prática estética*”, disserta sobre como o caminhar tem produzido a arquitetura e a paisagem. Para entender o conceito, a noção de percurso é ponto chave. Conforme o autor explica sobre atravessar o espaço, o ato de caminhar “nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência” (CARERI, 2013, p.27). Contudo, quando satisfeita essa necessidade, o caminhar se transforma em uma forma simbólica de habitar o mundo. Assim, o percurso, através do caminhar, é a primeira ação estética, modificando os significados do espaço atravessado e desenvolvendo importantes relações do ser humano com o território (CARERI, 2013).

Hoje se pode construir uma história do caminhar como forma de intervenção urbana que traz consigo os significados dos atos simbólicos do ato criativo primário: a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-se com o termo paisagem a ação de transformação simbólica, para além da física, do espaço antrópico (CARERI, 2013, p.28).

Ainda sobre o percurso, o autor o concebe como uma forma estética que está a serviço da arquitetura e da paisagem. Ele assim o conceitua:

Com o termo “percurso” indicam-se, ao mesmo tempo, o ato de travessia (o percurso como ação de caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa) (CARERI, 2013, p.31).

Compreendendo o caminhar na perspectiva de Francesco Careri (2013), a ação é um instrumento estético com capacidade de descrever e modificar espaços, os quais muitas vezes devem ser preenchidos de significados antes de serem preenchidos por coisas. Assim, nessa pesquisa, o percurso, através do caminhar, concebe a cartografia em três pontos: a travessia (como a caminhada do próprio pesquisador em campo); a linha atravessada no espaço (os carrinhos de comida de rua); e o relato do espaço atravessado (o percurso diário de Cica, narrado por ela, no Calçadão da Rua Andrade Neves).

Tim Ingold (2005) também contribui para essa discussão sobre caminhar. Em seu texto “Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação”, o autor trata da questão argumentando que mapa cognitivo não existe e que a crença em sua existência se deve a uma ideia errada sobre como os nativos de um lugar conhecem os seus arredores. O erro está em associar esse conhecimento ao referido mapa. Assim, o caminhar e o percurso também serão ideias chaves para sua teoria, desconstruindo a possibilidade desse mapa cognitivo.

Para Ingold (2005, p.77), “os lugares não têm posições e sim histórias”. Para Paola Jirón e Luis Iturra (2011, p.47), “o lugar é o contexto no qual se desenvolvem as práticas sociais”. Os autores, a partir dessa ideia, elaboram a noção de “lugares móveis”, pensando nas relações cotidianas entre pessoas em lugares ocupados durante o deslocamento diário, como o ônibus, o metrô, uma praça, etc. Eles tomam atenção para tais espaços urbanos evidenciando a sua importância na vida cotidiana das pessoas. Lugares que estão em movimento, mas que também são lugares, pois são cenário de relações e constituem histórias. Tim Ingold (2005) indica que os lugares, os quais são unidos pelos percursos de seus habitantes, não existem no espaço, mas sim em uma matriz de movimento. E essa matriz ele chamará região. Nesse sentido, quando alguém conhece a região, se distingue um nativo de um forasteiro. Para conhecer a região, a pessoa conhece o que está contido nela: os lugares e seus arredores. Além disso, possui a habilidade de saber se situar onde está, dentro do contexto histórico de percursos traçados ao longo do tempo (de um lugar para outro lugar, ou em volta desse lugar). Descobrir-caminho comum, então, é mais semelhante a contar histórias do que utilizar um mapa. A relação de utilizar um mapa significa navegar por meio dele, ou seja, elaborar uma rota de um ponto ao outro no espaço. Já descobrir-caminho, ao contrário do primeiro, consiste no mover-se de um lugar para o outro em uma região.

Há um paralelo importante a se destacar entre a relação de conhecer e mapear. Assim como descobrir-caminho é diferente de navegar, mapear se distingue de elaborar um mapa. A justificativa se dá pelos desenhos resultantes do mapear se referirem mais a histórias narradas do que representações do espaço em si. Conforme Ingold (2005, p.77):

[...] conhecer assemelha-se ao mapear, não porque conhecimento seja parecido com um mapa, mas porque os produtos oriundos do mapear (inscrições gráficas) e os do conhecer (histórias) são fundamentalmente distintos de um mapa.

Para o autor, o conhecimento do ambiente (pela pessoa) passa por uma formação contínua, conseqüente do movimento dela própria no mesmo. É o que o fará compreender que “conhecemos enquanto caminhamos, e não antes de caminhar” (INGOLD, 2005, p.91). Tim Ingold resume sua argumentação no seguinte trecho: “Proponho que todo descobrir-caminho é mapear; toda navegação é utilizar um mapa. Portanto, mapear está para utilizar mapa, assim como descobrir-caminho está para navegação” (INGOLD, 2005, p.92).

O que o autor quer dizer, então, é que o mapear se dá durante a caminhada (descobrir-caminho). E, por meio do mapa, você navega. Ou seja, você caminha. Esse mapa significa uma reunião de histórias registradas, narrativas sobre esses percursos realizados de um lugar para o outro. Articulado com essas ideias está o sentido da cartografia deste trabalho: trata-se do acompanhamento de percursos, da implicação em processos de produção, da conexão de redes (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009).

Laura Barros e Virgínia Kastrup (2009) elaboram uma pista para a pesquisa cartográfica. As autoras colocam a importância de estar atento à processualidade em cada passo da pesquisa. Pensar cartograficamente é pensar rizomaticamente. A pesquisa cartográfica, a qual se preocupa em observar, registrar e narrar os processos de imersão e experiência no e do mundo, constitui-se de um pensar em “rizoma” (DELEUZE, GUATTARI, 1995). A atenção permanente voltada para a experiência em campo é a forma de não se deixar levar puramente pela cognição, por métodos de pesquisa invariantes. Cartografar é, então, acompanhar processos, e não representar objetos (BARROS, KASTRUP, 2009). Processos que dizem respeito ao caminhar do pesquisador, à narrativa de Cica e às transformações do Calçadão. A cartografia, então, se compõe por esses elementos com atenção permanente ao que emerge do campo, buscando evidenciar as relações que se dão no percurso do cotidiano. Por esse motivo que não se trata de representar, através de imagens, objetos do campo. Mas sim, dar conta de narrar a complexidade relacional com a permanência no espaço através do tempo.

Estando apropriado do descobrir-caminho de Tim Ingold e retomando a ideia do caminhar como prática estética de Francesco Careri, atento às experiências de campo e aos processos de desenvolvimento da pesquisa, como sugerem Laura Barros e Virgínia Kastrup, elaboro então um ensaio cartográfico do Calçadão da Rua Andrade Neves. Como colocado alguns parágrafos acima, a cartografia está composta em três eixos: a travessia; a linha atravessada no espaço; e o relato sobre o atravessamento no espaço. O primeiro eixo diz respeito ao próprio pesquisador que utiliza o caminhar como método para conhecer o espaço. O segundo eixo mostra os percursos com seus demarcadores, ou seja, o Calçadão com os pontos de venda de comida de rua. E, por fim, o terceiro eixo corresponde às narrativas dos meus interlocutores, sobretudo as de Cica, interlocutora privilegiada que foi guia de navegação durante a maior parte do período de campo. São suas histórias que dão sentido ao ensaio cartográfico, apresentam lugares e demarcam a região.

O objetivo, inicialmente, era construir um material físico, em papel, composto por colagens das fotografias de campo, contendo lugares e pessoas, conforme explicitado no final da introdução deste trabalho. Esse material, durante as negociações com os interlocutores, era uma espécie de promessa e justificativa de minha pesquisa. Para explicar o que eu faria ao fim, dizia que estava “elaborando um mapa”. Permiti-me, nesse momento, falar em mapa para os interlocutores, traindo minhas próprias reflexões colocadas nesse trabalho, a fim de tornar mais simples e compreensível a comunicação que eu fazia. No entanto, em função da pandemia de COVID-19 e a emergência do mundo on-line devido as práticas de distanciamento social, a ideia perdeu um pouco do sentido, ficando resumida à versão virtual. Contudo, a restituição não deixou de ocorrer no processo de campo e tampouco ficará incompleta: ao invés de entregar uma cartografia confeccionada em uma folha de papel, enviarei por redes sociais as imagens do conjunto das pranchas fotográficas.

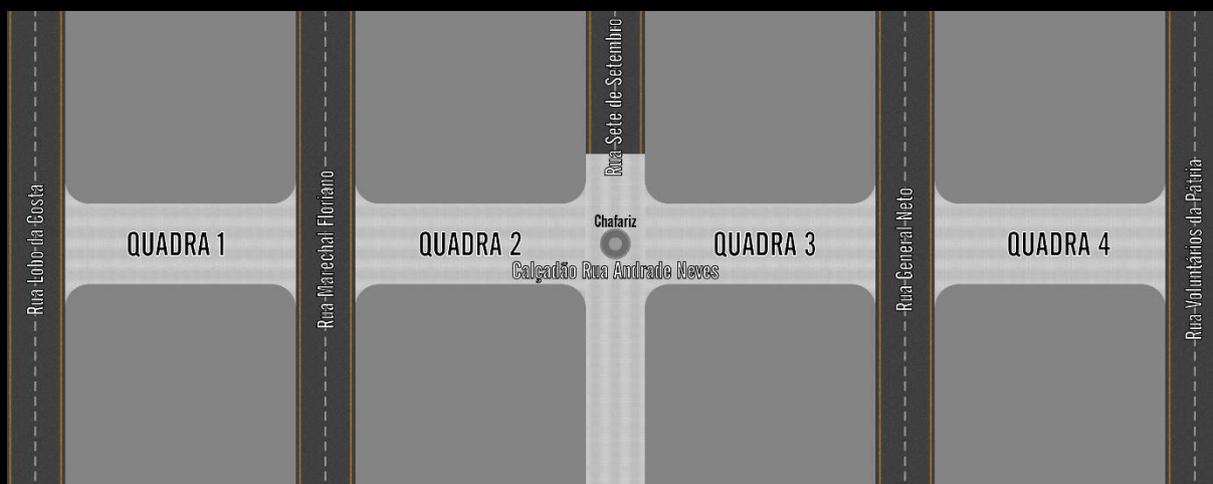
As pranchas estão divididas em quatro quadras, entrelaçadas por narrativas descritivas. Cada conjunto de imagens conta com elementos que eram demarcadores das falas de Cica. Exemplos: a fachada da farmácia, nome de loja, os próprios pontos de comida de rua, entre outros que servem como demarcadores urbanos. Alguns desses elementos narrativos estarão ausentes, pois o planejamento de confecção da cartografia foi atravessado pela pandemia de COVID-19. Quando decretada a situação sanitária pela Organização Mundial da Saúde, em março de 2020, era o

momento em que eu estava programando retornos ao Calçadão para apresentar prévias dessa cartografia e ir complementando com o que fosse acrescentado pelos interlocutores. Nesse momento, também, esses elementos ausentes seriam notados e eu os incluiria no material. Contudo, não é o fato da ausência deles que invalida o que está construído.

O conteúdo das pranchas cartográficas foi organizado por mim, sendo a edição feita por Hamilton Bittencourt (técnico de imagem do LEPPAIS). O conjunto das imagens foi posicionado sobre um design que remete à ideia de calçada, trazendo à tona o próprio Calçadão. As quadras foram identificadas por números, localizadas entre ruas, a partir das experiências de caminhada no local. Coincidentemente, a Prefeitura também faz a mesma identificação, verificável na planta da reforma do Calçadão inserida no capítulo seguinte.

Dada a contextualização teórica e as explicações de como foram pensadas as pranchas cartográficas, dou início ao passeio guiado pelo Calçadão, navegando pelo conjunto das imagens. Cica, interlocutora privilegiada, terá suas narrativas sistematizadas aqui para servir de guia.

# UM PASSEIO GUIADO PELA CARTOGRAFIA



### QUADRA 1 - entre as ruas Lobo da Costa e Marechal Floriano



Entramos pelo Calçadão pela Quadra 1, entre as ruas Lobo da Costa e Marechal Floriano. Cica lembra das revistarias, duas que existiam onde hoje são os bicicletários. No meio da quadra antes havia a Associação das Doceiras de Pelotas, um quiosque com venda de doces. Um pipoqueiro que ficava próximo também, hoje está na frente da Farmácia Panvel. Onde hoje tem os churros e crepes, antigamente tinha um comércio de panquecas. E, a “rua do doce”, que era na frente da Loja Lebes, hoje está no beco que conecta o Calçadão com a XV de Novembro, aguardando a transferência para a Rua Sete de Setembro.

## QUADRA 2 - entre as ruas Marechal Floriano e Sete de Setembro



Na Quadra 2, entre as ruas Marechal Floriano e Sete de Setembro, se trata de onde Cica intitula como “o ponto dela”. Seria na esquina dessa quadra, em frente à Loja Gang. Cica conta que tinha um churros que foi embora. Seu Pingo, senhor dono da fábrica de doces de Pelotas “Pingo Doce”, foi removido de frente da Farmácia São João e passou a ficar, ainda na frente da drogaria, mas pela Marechal Floriano. Seu Sérgio, com seus crepes, ocupa esse espaço hoje. Antes, ele ficava na frente da Loja Oi, na mesma quadra. Ao lado de Sérgio estão as pipocas gourmet da Leléli. Nessa quadra tinha um comércio de “xis”, o qual segunda Cica está próximo hoje do Pop Center (shopping popular), pela Marechal Floriano. Ela lembra dos crepes que deixaram de existir e ficavam na frente da Loja Gaston, perto do chafariz. Também lembrou da revistaria que existia na frente da Galeria Central.

### QUADRA 3 - entre as ruas Sete de Setembro e General Neto



Na Quadra 3, entre as ruas Sete de Setembro e General Neto, Cica contou sobre a transferência de uma floricultura para a Rua XV de Novembro. Lembra de dois comércios de cachorros quentes, um deles em frente à Loja C&A e outro mais próximo da General Neto. Ambos acabaram, segundo ela.

#### QUADRA 4 - entre as ruas General Neto e Voluntários da Pátria



E, na Quadra 4, Cica menciona o negócio de Jonas que existe ali agora, o Churros da Lalá. Jonas é o mesmo dono da carrocinha de rapadurinhas onde Tainã, sobrinho de Cica, trabalha. Essa carrocinha fica na Rua Voluntários da Pátria esquina General Osório, em frente à lancheria da Sara, irmã de Cica. Mais detalhes sobre Tainã estão no capítulo 3, onde abordo com maior foco sobre comida. Dentro da quadra tem um novo negócio de crepes e deixou de existir uma revistaria.

Essas são as memórias de Cica, compartilhadas por outras pessoas que habitam o Calçadão da Rua Andrade Neves e também lembram dos negócios existentes e de seus proprietários. A narrativa sobre o que foi no passado e o que é hoje é o fio condutor para se guiar pelas quadras. E, essas narrativas são o que dão sustento para o ensaio cartográfico.....

Neste capítulo, então, preocupei-me em apresentar o Calçadão da Rua Andrade Neves e os primeiros contextos de sua reforma. Desenvolvi detalhadamente o processo de entrada em trabalho de campo, com os questionamentos que foram surgindo, as implicações éticas, o método e as técnicas utilizadas. Dessa forma procurei situar como desenvolvi a etnografia neste trabalho. Juntamente com essa discussão metodológica, a qual alinha teoricamente o restante da dissertação e seus materiais narrativos, elaborei o ensaio cartográfico. Este, além de servir como guia de conhecimento do campo, servirá como um material guia para navegação nesta etnografia. Um destaque importante deste capítulo é a apresentação de Cica, interlocutora privilegiada, pessoa com a qual mais dialoguei ao longo do tempo. É através dela que se abre a rede de interlocutores que estão presentes no trabalho. Seguimos, na sequência, com os estudos sobre cidade, aprofundando mais um pouco as análises do campo.

## **CIDADE NA COMIDA: COTIDIANO, IMAGEM, MOBILIDADES**

Para tratar da comida de rua a partir da problemática da cidade, neste capítulo, apresento uma breve contextualização histórica da formação de Pelotas e da configuração atual de seu centro urbano. Um vídeo, com uma perspectiva surrealista, contribui para compor essa contextualização. A reforma do Calçadão da Rua Andrade Neves é tratada evidenciando como a comida de rua deste local chegou no atual formato. Exponho, então, os conflitos de ocupação do espaço entre ambulantes e o poder público, a fim de entender como é constituída as relações nesse local. Por fim, alinho as análises sobre o centro urbano direcionando para as transformações na alimentação, reforçando o que é idealizado para a cidade e como se dão as práticas dos cidadãos.

### **Percursos do passado no presente: configuração do centro de Pelotas**

Eu, antropólogo, caminhando. Caminho, como incita Careri (2013), estabelecendo meu percurso como método para apreensão das camadas simbólicas que envolvem a cidade e sua paisagem e arquitetura. Hoje compreendo a importância dessa ação para o meu próprio processo de atenção ao mundo, para a minha condição de “estar vivo”, nos termos de Ingold (2015), engajado com a vida, estando em constante movimento. Ponho meu corpo em deslocamento, propondo-me sentir a maior quantidade de sensações possíveis: a textura do chão através dos pés, as nuances olfativas do caminho, as temperaturas e impactos do ar sobre meu rosto, as sonoridades e visualidades disponíveis para percepção (INGOLD, 2008). Exercício técnico de sensibilidade, esse modo de me colocar em deslocamento, descobridor de caminho (INGOLD, 2005), é o que me faz abstrair e apreender outras leituras possíveis do ambiente.

Nesse processo constante de atenção ao mundo, o qual se atualiza velozmente com a interação da vida que acontece nele, começo a olhar a complexidade do centro urbano de Pelotas, observando os fluxos e imagens desse ambiente. Como chegamos nesse formato de organização social e espacial? Por que essa configuração? O contraste visual da arquitetura imponente do século XIX e início do século XX, com as

demolições e as reformas urbanas recentes me fazem refletir sobre como essa configuração se formou ao longo do tempo.

Inspirado por Leroi-Gourhan, parto da imagem atual da cidade de Pelotas, buscando revisitar o passado através dos vestígios que marcaram suas transformações, assim como as permanências em sua estrutura atual. Em sua obra “O gesto e a palavra” (1965), este pré-historiador teoriza sobre a constituição da imagem da cidade. Através de uma perspectiva arqueológica, remonta à morfologia dos primeiros assentamentos humanos (identificados pelos ossos enterrados) e percorre os milênios até a constituição dos centros urbanos e das conturbações, entremeadas por vias e malhas ferroviárias. Nessa transformação ao longo do tempo, o autor identifica a construção de símbolos e significados sociais que conferem ordenamento ao mundo e traçam o desenho da cidade à sua imagem. Para ele, a cidade atual é uma estrutura moldada ao tempo presente, conservando em sua fundação, as orientações e símbolos de tempos passados.

Fundada no início do século XIX, a bicentenária cidade de Pelotas foi erguida pela mão de obra escravizada. A produção de charque, consumido pelos trabalhadores de todo império escravagista, era comercializada pelo porto à beira do Canal São Gonçalo, e enriqueceu uma elite que, associada aos poderes políticos locais, foi responsável pela implementação dos primeiros loteamentos urbanos. O crescimento econômico advindo das empresas charqueadoras e do comércio a elas vinculado permitiu o investimento na edificação de suntuosas moradias e monumentos, a importação de chafarizes da França, o ajardinamento de praças e implantação de equipamento urbano ainda visíveis no traçado cartográfico da atualidade. Princesa do Sul é um título revelador da autoimagem que as elites locais alimentavam para a cidade de Pelotas. As importâncias monetárias que circulavam pelo município, combinadas com o capital simbólico e cultural dos descendentes de famílias portuguesas e espanholas, além de fazerem jus ao título recebido (Princesa do Sul), se tornaram as principais marcas da história oficial a ser narrada sobre essa cidade e seu patrimônio.

Por outro lado, a herança afrodescendente, que gerou tal nobreza e acúmulo de capital, até hoje carece de reconhecimento e visibilidade oficial. Com o término oficial da escravidão no Brasil, no fim do século XIX, a indústria charqueadora perde espaço comercial, sendo sucedida pelas indústrias têxteis, de conservação de

alimentos (enlatados), engenhos de arroz e frigoríficos. A presença do trem, conectada à malha ferroviária nacional e ao porto de Rio Grande também se tornam ícones dessa era moderna. Dentre a herança material desse período estão alguns conjuntos habitacionais populares nos bairros periféricos e vastas construções onde operavam as fábricas, na região portuária e central da cidade. A partir da década de 70 do século passado, a falência de grande parte destas indústrias, assim como o gradativo abandono da rede ferroviária, são sintomas da profunda crise econômica que se abateu sobre a região, deixando marcas profundas na qualidade de vida da população, assim como na paisagem urbana. Atualmente, boa parte dos prédios fabris e casarões das regiões portuária e central, foram ocupados pela Universidade Federal de Pelotas, enquanto outros foram demolidos para construção de prédios residenciais e comerciais. Ademais, no centro da cidade, concentram-se edificações comerciais, financeiras, residenciais e governamentais, que, juntamente com algumas praças, sobrevivem às mudanças mais radicais no espaço urbano.

Considerando a motivação das questões iniciais desta pesquisa, meu objetivo com essa breve contextualização histórica de Pelotas é o de trazer à tona a forma como foi se estruturando o centro urbano, *locus* da etnografia. Retomando, então, vemos as linhas gerais que configuram a cidade e vestígios de elementos que se transformaram ao longo do tempo desde sua formação. Seguindo determinados valores em disputa sobre o que seja ou não considerado patrimônio histórico, preservam-se alguns bens materiais, enquanto outros são destruídos ou reformados. Uma determinada concepção de cidade forjada ao longo de sua formação se materializa, e as transformações desta região central não chegam a alterar radicalmente o modelo de ordem cidadina importado de padrões europeus, sobretudo das reformas haussmanianas adotadas em Paris na segunda metade do século XIX.

Michelle Perrot (2006), a partir de uma perspectiva histórica, analisa a vida privada na sociedade europeia. Valores da burguesia concebem o conceito de cidade no século XIX, bem como a própria forma de habitar. Para além das residências particulares adaptadas ao estilo de vida higienizado, arejado e organizado, a cidade também precisava, em seus espaços “públicos”, estar constituída por essa ideia. Com isso, o formato da paisagem urbana era manipulado, com direito a reconstrução de ruas, prédios e outros remanejamentos, instituindo o conceito “urbano” onde antes era a “cidade” (PECHMAN, 1994).

Tal como sugerem Michele Perrot (2006) e Robert Pechman (1994) sobre a urbanização das cidades na virada do século XIX para o XX, tais valores e símbolos se difundem nas nações colonizadas, e a configuração atual do centro de Pelotas demonstra a força dessa supremacia, com as adaptações introduzidas até o presente. Assim, a estética de cores, calçadas, jardins, canteiros, praças, árvores, iluminações e outros condicionantes para manter a cidade ampla, arejada, com aspecto higiênico, são critérios de um urbano idealizado pelos gestores urbanos e classes hegemônicas.

### **Imagens do percurso: uma experimentação visual surrealista**

Para ver e entender o centro da cidade de Pelotas e a sua configuração na atualidade, busco agregar a essa mirada histórica, uma perspectiva etnográfica que dê conta da cidade praticada (CERTEAU, 2014) e comporte um olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002). Nesse sentido, através das caminhadas do pesquisador, o foco de observação muda de um plano geral para um plano recortado e específico. Para tanto, temos a câmera como guia, filmando o percurso, mergulhando junto no interior do recorte desse campo.

Com isso, passo a me ater a um ensaio videográfico<sup>4</sup> realizado por mim e outros dois colegas no centro de Pelotas. A proposta original do vídeo era uma reflexão visual sobre áreas temáticas da Antropologia que nos uniam: corpo, cidade e imagem. Contudo, para trazê-lo hoje como parte escrita desse texto, detenho-me na descrição de cenas que trazem a ideia do movimento das pessoas em seus percursos imersas no ambiente urbano. Através desse exercício narrativo da imagem da cidade, passo a descrever o campo etnográfico da pesquisa.

A primeira cena do vídeo começa seguindo a trilha de uma calçada com piso tátil. É uma imagem que apresento como uma conexão entre o meu tema anterior de pesquisa (descrito no capítulo 1), sobre pessoas com deficiência visual, e o atual, sobre comida de rua, visto que ambos se ancoram na problemática da cidade e nos diferentes modos de praticá-la (CERTEAU, 2014). Da trilha tátil, a câmera passa a

---

<sup>4</sup> Assista ao vídeo clicando [aqui](#). Esse é a versão resumida de um trabalho apresentado para a disciplina de Filme Etnográfico, ministrada pela professora Claudia Turra Magni, em 2018.

observar os pés das pessoas caminhando nas calçadas e carros se deslocando pelas ruas do centro histórico.

No final dos primeiros 30 segundos, uma montagem com fotografias sequenciais apresenta o movimento de carros fazendo uma curva no cruzamento de ruas onde fica a esquina do Mercado Público de Pelotas. Essa sequência traz à tona o fluxo de pessoas e movimentos nesse centro urbano, bem como as formas de se locomover por ele: ora a pé, ora equipado por um automóvel, entre outras formas possíveis não contempladas nessas imagens. O recurso à montagem de fotografias em sequência procurou evidenciar uma superposição de temporalidades possíveis através de uma estética da imagem que tivesse a ver com o tempo narrativo. O tempo do relógio, convencionalmente em segundos, minutos e horas, o tempo da narrativa de cada interlocutor, que nessas cenas estão ausentes, o tempo de cada acontecimento do campo e o tempo da arquitetura do século passado parecem completamente distantes e desconexos uns dos outros, ao passo que se entrelaçam em várias outras dimensões. As fotografias em sequência aparecem repetidas por dois ciclos: no primeiro, traz uma ideia de câmera lenta; no segundo, através de flashes escuros entre cada foto, traz a ideia de piscadas de olhos frenéticas enquanto vê a cena lentamente passando. Esse conjunto de montagem foi a estratégia de representação dos tempos através da imagem, contribuindo para as sensações surrealistas do ensaio.

A seguir, as imagens em movimento enquadram reflexos de árvores no vidro e capô de um carro, bem como em paredes de vidro de um prédio, dando a ver outras perspectivas sobre a cidade. Imagens fantasmagóricas, como diria Walter Benjamin (2006) em sua obra "Passagens", as quais correspondem a uma espécie de retrato da sociedade moderna produzido pela mesma. Nesse sentido, os reflexos são essas fantasmagorias que acompanham os percursos diários dos cidadãos.

Ainda com atenção aos reflexos, a próxima cena é em uma janela. A câmera faz uma *pan*, movimentando-se para direita e para a esquerda, tentando ajustar a distorção da imagem do adorno do Mercado Público no vidro. Nos outros instantes, ela adentra esse Mercado e para diante da vitrine de uma loja, observando o reflexo das pessoas caminhando através do vidro. Observando com atenção, há uma sobreposição com canecas de cerâmicas estampadas com os prédios históricos da cidade. É mais uma tentativa de articulação de tempo, espaço e narrativa através da imagem. Após uns instantes de encantamento com essa vitrine, a câmera se desloca

para o exterior do Mercado Público, observando a rotina de uma feira semanal e pessoas escolhendo suas frutas.

Na sequência final, a câmera como o *flâneur* de Walter Benjamin (2006) circula no contrafluxo de pessoas caminhando, agora também atenta às experiências sonoras, concluindo sua viagem pela cidade. Ora parada, ora em movimento, em alguns momentos traz uma sensação de vertigem, pelo excesso de informações, através do desfoque visual. Sonoridades vindas de pessoas conversando, música tocando, propagandas, feirantes ou obras, são constantes em um centro urbano, sendo uma das marcas do local para quem convive nele diariamente. A última cena é novamente uma provocação para refletir sobre o tempo, na qual o relógio do antigo prédio administrativo da prefeitura aparece parado, sem funcionamento.

Longe de um registro realista de lugares emblemáticos do centro de Pelotas, trata-se uma experimentação visual de caráter surrealista, que dilui e refrata a materialidade dos monumentos, instiga imagens subliminares da arquitetura e dá vazão a expressões espontâneas dos realizadores. Procura promover um estranhamento da cidade através da montagem de imagens fixas e animadas, introduzindo uma perspectiva desnaturalizada do universo da etnografia. A câmera como guia consegue propor o deslocamento do olhar (e do ouvir também) por outros ângulos e espaços, pelos quais a narrativa do espaço também perpassa.

É sobre espaço e tempo. É sobre arquitetura e narratividade, como incita Paul Ricoeur (1998). O autor elabora sobre o entrelaçamento da narrativa com a arquitetura, atribuindo à primeira a noção de tempo, e à segunda a noção de espaço. Assim, conforme pensa o autor, o tempo narrativo é composto pelo misto do tempo vivido e do tempo cronológico, acontecendo sempre no presente, agora. Da mesma forma, o espaço construído é um misto dos lugares de vida que circundam os corpos e dos lugares geométricos cartesianamente situados.

Essa ideia se articula com a perspectiva de Careri (2013), quando o arquiteto elabora sobre caminhar, percurso e lugar. Conforme desenvolvido no capítulo 1, o autor fala que os lugares são dados pelos percursos narrados. Como também Ingold (2005) propõe, os lugares possuem histórias. Assim, nesta etnografia, a experimentação visual se inspira nessas teorias, tentando dar conta das dimensões

narrativas da cidade as quais, apenas através da palavra, não seria possível descrever e produzir sentido.

### **De perto e de dentro: o cotidiano**

Caminhando pelo centro da cidade, em um dia meio cinzento, já com a cara dos fins de tarde do inverno pelotense, coloquei-me a reparar atentamente ao que acontecia em volta. Observo a ausência de ambulantes de comida. Observo também a ausência de antigos quiosques fixos que existiam até 2017 ao longo do Calçadão da rua Andrade Neves. Rapidamente já respondo a mim mesmo à pergunta sobre onde eles estão. Ou melhor, sobre o porquê de não estarem ali. Reformas urbanas!

Em uma reportagem<sup>5</sup> publicada no site da Prefeitura, Tânia Magalhães explica os detalhes dessa reforma que foi entregue oficialmente pela prefeita Paula Mascarenhas em 30 de setembro de 2019:

O Calçadão Central de Pelotas está remodelado. A antiga estrutura, inaugurada em maio de 1981, passou por intervenções de requalificação e, hoje, dá uma cara nova ao Centro da cidade. As mudanças, além da rua Andrade Neves entre Voluntários da Pátria e Lobo da Costa, contemplam transversais. Na rua 7 de Setembro, a transformação acompanhou o mesmo padrão da Andrade Neves. Toda a área revitalizada recebeu estrutura subterrânea para fiação das redes de telefonia, lógica e TV a cabo, com a finalidade de reduzir a poluição visual do espaço, drenagem, esgoto, piso, acessibilidade, paisagismo, bancos, lixeiras, jardinagem, iluminação ornamental em LED e sinalização. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2019).

Nesse contexto, por consequência, o comércio de comida de rua também foi reorganizado, tendo seus quiosques e outras estrutura fixas removidas. Nesse momento foi instituído pela Prefeitura apenas pipocas, churros e crepes com permissão de comércio no Calçadão. Lembrando o que foi dito no primeiro capítulo, o “xis” e o doce tradicional de Pelotas, ambos muito populares, não serão mais vendidos

---

<sup>5</sup> Veja a reportagem completa [aqui](#).

nesse trecho da Rua Andrade Neves. Para o doce, o projeto é ser realocado para as ruas adjacentes, com concentração na Rua Sete de Setembro.

Sobre esse assunto, minha interlocutora, Cica, vendedora ambulante de café no centro da cidade a qual dediquei o primeiro capítulo desta dissertação, me fala o que mudará no Calçadão. Ela me explica que os quiosques que eram fixos foram removidos (após a publicação do Decreto<sup>6</sup> Nº 6.029, de 05 de setembro de 2017), porque agora deverão ser todos móveis. Lembra com muitos detalhes de cada um que havia no local, quase como se fossem demarcadores espaciais. Ela também mostra a outra drástica transformação: haverá uma passagem para carros no meio do Calçadão, ligando as Ruas Marechal Floriano e Lobo da Costa. Pergunto a ela sobre a sua opinião. Ela acha perigosa essa nova passagem de veículos no meio das pessoas, sem compreender o sentido disso. Não concorda que desafogará o trânsito da Praça Coronel Pedro Osório e pensa que ocorrerá muitos acidentes ali. Segundo informações do site da Prefeitura, se trata de uma passagem de veículo no conceito *traffic calming*, circulação com baixíssimo limite de velocidade.

A partir da crítica de Cica, vemos esse centro urbano em uma perspectiva “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), observando outras dinâmicas e processos que são motores de transformação da cidade, a partir dos narradores que habitam esses locais. Essa abordagem, conforme incita o autor, vem em oposição às análises “de longe e de fora”, cujas perspectivas ficam no âmbito de um plano geral, distanciado, quase como se visto de cima, sem considerar os sujeitos urbanos que vivem na cidade. Seguindo os trajetos de Cica, vejo uma configuração complexa de relações tramadas, a qual tentarei aqui apresentar de forma ampla, dando dimensão de uma das composições cotidianas do Calçadão.

Embora a categoria ambulante, frente à legislação municipal, implique na principal característica, que seria de deslocamento constantemente do vendedor, isso nem sempre acontece. Cica, por exemplo, se desloca para atender seus clientes fixos, mas diz que seu ponto é na esquina da Loja Gang (Rua Andrade Neves com Marechal Floriano Peixoto). Partindo desse ponto, então, começo a mapear as pessoas com as quais ela se relaciona. Na mesma esquina, há um grupo de senegaleses que vende objetos diversos. Próximo a eles, está uma amiga sua, a qual vende meias, luvas,

---

<sup>6</sup> Veja o Decreto completo [aqui](#).

toucas, cigarros e isqueiros. Seguindo pelo Calçadão da Rua Andrade Neves, quase em frente ao supermercado Nacional, está um casal que vende vários artigos de lã como a outra amiga de Cica. O nome deles é Jussara e Elton. Tive oportunidade de maior interação com eles, pois são mais próximos de minha principal interlocutora.

Caminhando mais um pouco pela mesma rua, já no chafariz da Rua Sete de Setembro, outro seguimento do Calçadão, estão outras pessoas próximas à Cica. Há um vendedor de acessórios de inverno, tal como os mencionados acima. Esse é o Tiago que, algum tempo depois, mudou seu ponto de vendas para a quadra próxima da rua Marechal Floriano. Há também um rapaz que distribui mini panfletos de “compro e vendo ouro”. Junto a esses dois, seguidamente observo outros dois homens que trabalham pelo calçadão e param ali por alguns minutos para conversar e, quando oportuno, tomar um café. Contudo, não sei mais informações sobre eles.

Tentando entender um pouco mais sobre o funcionamento dessa configuração de contatos entendida por mim, uma das características visíveis nela é a circulação da dádiva (MAUSS, 1974). O sociólogo francês elabora o conceito sendo composto por três características: dar, receber e retribuir. O convívio diário e assuntos em comum desse ambiente, considerando muitas relações já estabelecidas há anos, fazem com que as pessoas tenham umas às outras como parcerias. Se alguém precisa se ausentar de sua banca, por exemplo, para ir ao banheiro ou resolver qualquer situação, é a pessoa parceira de confiança que irá fazer o favor de cuidar de seu material naquele período ausente. Em outro momento, quando essa pessoa parceira também precisar de um favor, já tem com quem contar. Dessa forma, põe-se em circulação a dádiva, compondo as características de dar, receber e retribuir na parceria dos colegas de trabalho.

Para além de lanches e café, Cica vende panos de prato. Contudo, ela não faz necessariamente a venda direta: deixa o produto exposto na banca da Jussara e Elton, assim como na banca de seu amigo, Tiago, que ficava próximo ao chafariz da Rua Sete de Setembro e depois passou a ser próximo da Marechal Floriano. Em mais uma relação de dádiva, Cica enfatiza sua confiança no casal e no outro amigo, falando que não é com todos que ela pode contar. Ela diz isso com uma certa ênfase, pois é uma relação que envolve dinheiro e estoque. É deixado com essas pessoas uma quantia específica dos produtos e então, com a venda, o dinheiro é repassado a Cica. Embora seja possível o controle da situação, é apenas dentro de uma relação de muita

confiança e parceria que isso é possível acontecer sem que ambas as partes se desentendam.

A condição climática está intimamente ligada a quantidade de vendas, no produto que se vende e na forma como se transita pelo Calçadão. Por exemplo, em um dia de chuva, os deslocamentos das pessoas ocorrerão, majoritariamente, embaixo dos alpendres das lojas, juntamente com os comerciantes ambulantes. Já em relação à alimentação, vai influenciar na escolha da comida e da bebida: em dias de sol excessivo, haverá preferência por bebidas geladas, diferentemente de dias frios e sombrios, quando o café será a escolha preferida. Narrativas sobre essa questão do tempo são recorrentes em campo.





Nas fotos acima estão planos gerais do campo de investigação, o Calçadão da Rua Andrade Neves, situado entre as ruas Lobo da Costa e Voluntários da Pátria. O conjunto fotográfico apresenta elementos já descritos ao longo da reflexão também: vemos algumas reformas, o Calçadão, lojas, vendedores com seus produtos expostos, o dia de chuva e as pessoas circulando. Muitas pessoas circulando.

### **Mobilidades: conflitos com a circulação no espaço**

Algo que se observa em campo, nas imagens, se destaca com muita evidência: pessoas caminhando. O tempo inteiro, em um dia de rotina do Calçadão do centro pelotense, há pessoas se deslocando para lá e para cá. Destinos diversos: algumas para acessarem as lojas da rua, outras em trajeto de seus destinos finais e muitas outras, provavelmente, utilizando o trecho para lazer e distração. Por esse alto nível de circulação, ambulantes comerciantes marcam presença nesse fluxo. A presença desses vendedores causa conflito com a concepção de um urbano ideal, tanto por um caráter estético quanto administrativo.

Esse conflito com o ideal de cidade é uma constante, tensionado pelo movimento de subversão das regras por parte dos ambulantes. Há uns anos atrás, no início de 2013, foi construído um centro comercial popular em Pelotas, o “Pop Center”. Nesse momento, foram removidos todos os comerciantes do Centro e levados para lá. Porém, passado algum tempo, pouco a pouco as pessoas foram ocupando aqueles lugares novamente, observando a oportunidade de comércio ocasional motivado pela espontaneidade do transeunte em seu trajeto.

Jussara, por exemplo, conta sobre esse momento da sua vida. Pergunto a ela sobre seu direito a uma banca no Pop Center. Disse que tanto ela quanto o marido haviam ganhado um espaço para cada um no centro comercial. Contudo, o aluguel caro junto com outros custos, somado ao fluxo menos intenso de pessoas que circulam por lá, torna quase inviável manter o negócio. “Meu lugar é na rua, não adianta... é muito melhor”, diz Jussara para mim, explicando sobre render muito mais abordar as pessoas caminhando na rua do que esperar por sua passagem específica pelo centro comercial para fazer uma compra. Há pelo menos 15 anos que o casal é comerciante nessa modalidade ambulante.

Aqui, então, chegamos em mais um ponto importante da discussão sobre cidade feita através do enfoque das mobilidades. Comumente essa expressão é atribuída às formas de deslocamento das pessoas (transporte público, por exemplo), noção definida por arquitetos, engenheiros, políticas públicas, entre outros setores e pessoas que trabalham no desenvolvimento dessa questão das cidades. Porém, esse conceito estando sob o viés antropológico, não é um mero sinônimo de movimento, deslocamento de um ponto A até um ponto B. Significa refletir sobre a condição em que ocorre o fluxo de corpos em determinados espaços, observando as relações dos sujeitos com esse trânsito. Objetivamente, nesta parte do capítulo, analisarei através desse enfoque das mobilidades as relações de poder da fiscalização municipal com os ambulantes no Calçadão.

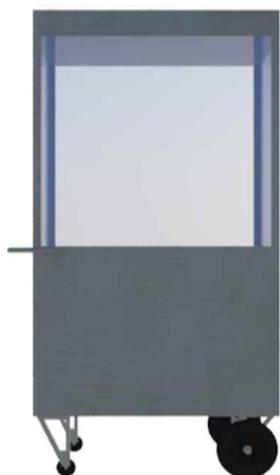
Michel Agier (2011) propõe deslocar a perspectiva de observação para o cidadão, não se limitando a ter a cidade em si como o objeto de estudo. Significa, assim, mudar a forma de questionar do “o que é a cidade” para “o que faz a cidade” (AGIER, 2011). Foca-se, assim, no processo de transformação e não somente no objeto transformado.

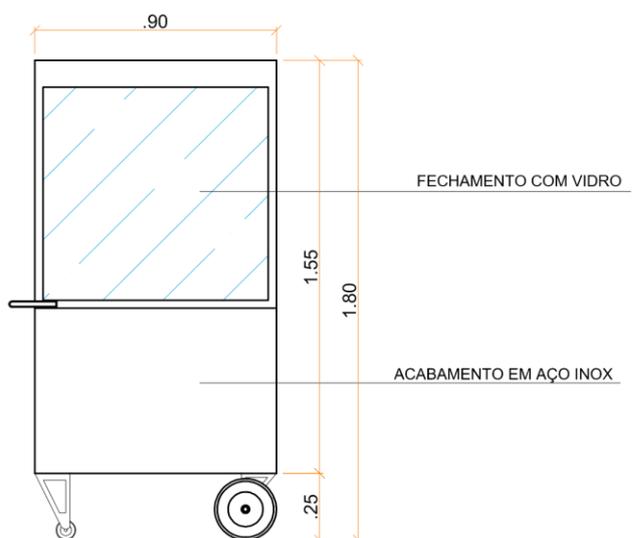
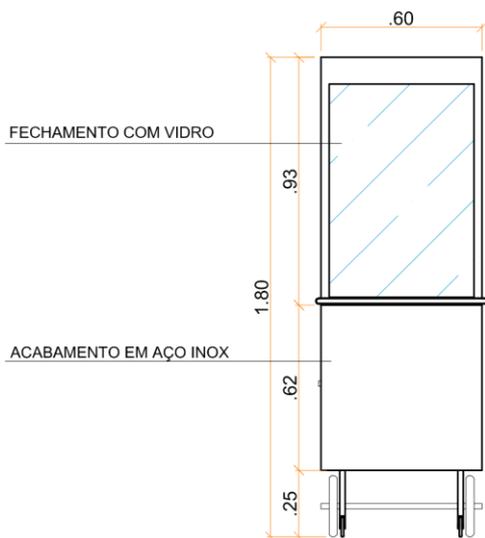
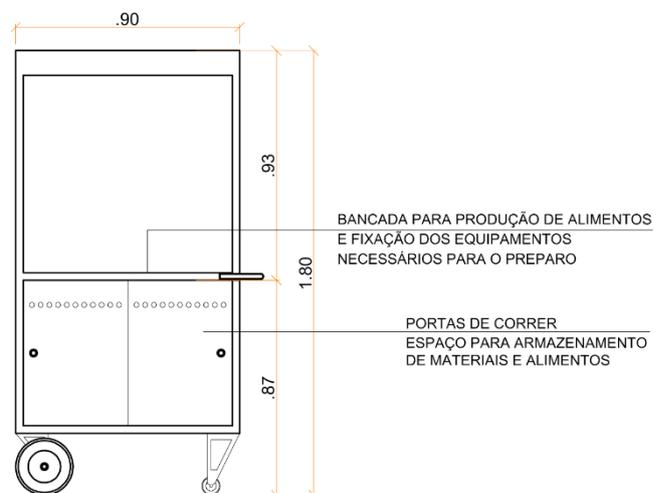
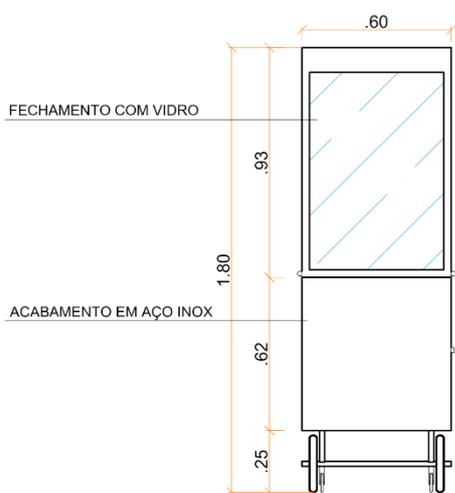
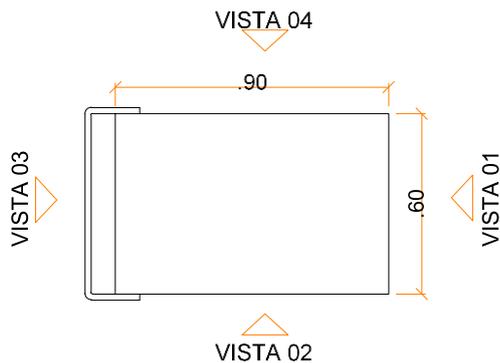
Buscando compreender o que faz a cidade a partir do cidadão, olhamos então para as suas interações sociais. São essas que geram espacialidades, conforme incita Renato Miguel Carmo (2009). Como as pessoas organizam o espaço do Calçadão? Como as interações relacionadas à alimentação dão ordem a esse espaço?

Para responder às questões, a primeira relação, ainda dentro do que sugere Carmo (2009), é a de mobilidade. Segundo o autor, as mobilidades geram novas espacialidades e dão formas aos circuitos. A motivação principal com essa articulação teórica é entender quais as diferenças de permissão de circulação entre uma carrocinha de pipocas (e/ou churros e crepes) e o carrinho de Cica. Compreender essa relação evidencia as dinâmicas de ocupação e circulação de espaço, tensionadas pelos dispositivos de controle do poder público. Vemos, então, que o fluxo de circulação do café de Cica é completamente diferente do fluxo de circulação em torno da venda dos crepes, churros e pipocas.

Estando a comida presente nas ruas por onde se realiza o deslocamento, essa precisa se encaixar em uma ordem reconhecida institucionalmente. Para estar dentro de um padrão que condiz com o conceito de cidade idealizado pelo poder público da esfera municipal, institucionaliza-se que comida de rua são: crepes, churros e pipoca.

No Decreto Nº 6.029, de 05 de setembro de 2017, a prefeita Paula Mascarenhas dispõe sobre a “requalificação e reorganização do espaço público denominado Calçadão da Andrade Neves”. Esse documento destina-se diretamente para os ocupantes do local (vendedores de comida de rua). Através dele é solicitado um arquivo completo de documentos comprobatórios de regularização com as secretarias da fazenda nacional, estadual e municipal, bem como o manifesto de possibilidade de readequação de seu negócio ao novo padrão instituído pela Prefeitura. O *layout* padrão dos carrinhos está contido no Anexo II desse Decreto. Veja o conteúdo abaixo:





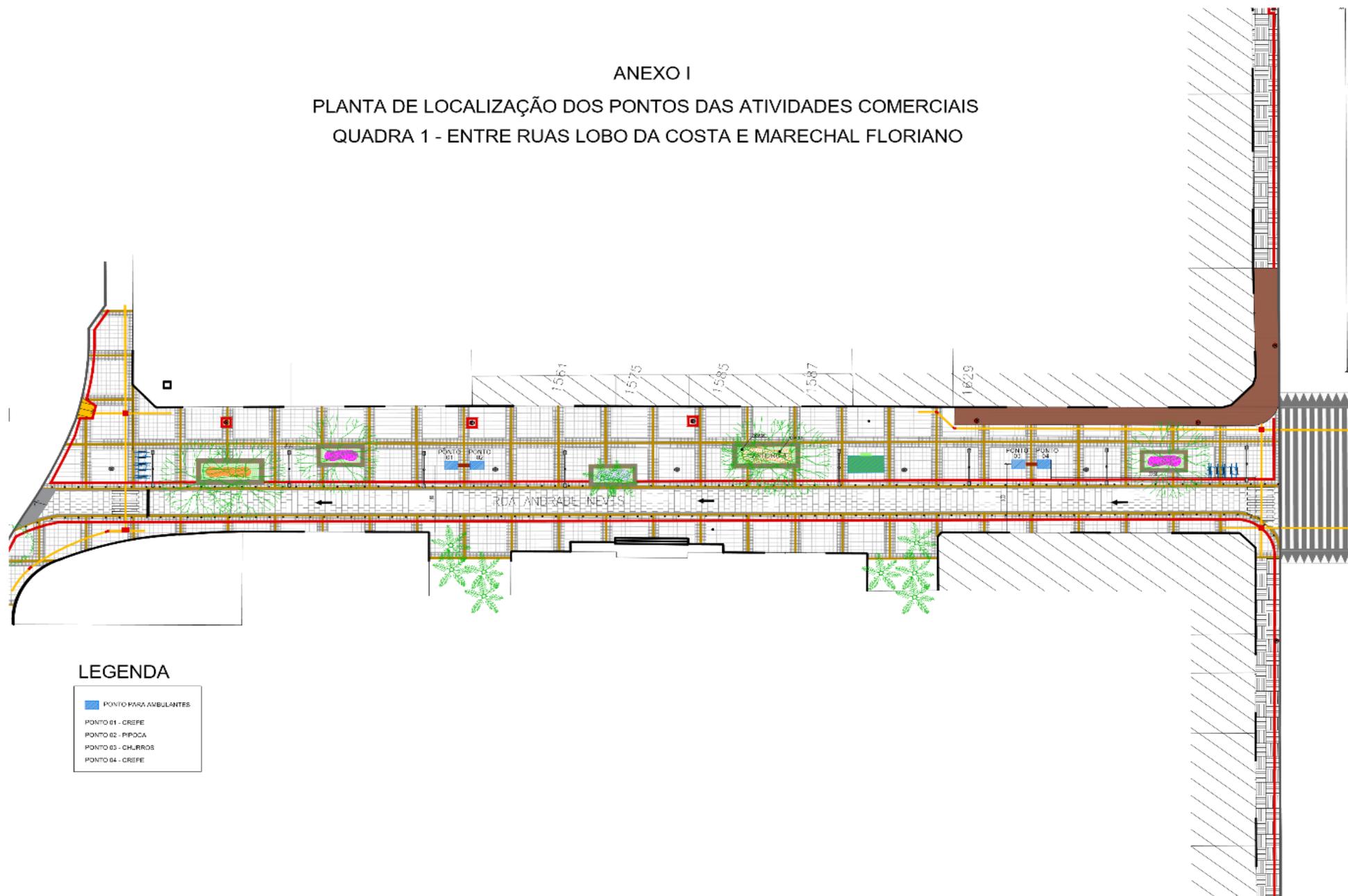
São apenas essas três elaborações, crepes, churros e pipocas, que estarão disponíveis oficialmente na Rua Andrade Neves, especificamente nas quadras que compõem o Calçadão, conforme regulamentado no Anexo III do Decreto nº 6.029. Veja a baixo:

Atividades e usos autorizados pelo poder público municipal para o exercício de atividade comercial de venda de gêneros alimentícios pelos ambulantes junto ao “Calçadão” da Andrade Neves:

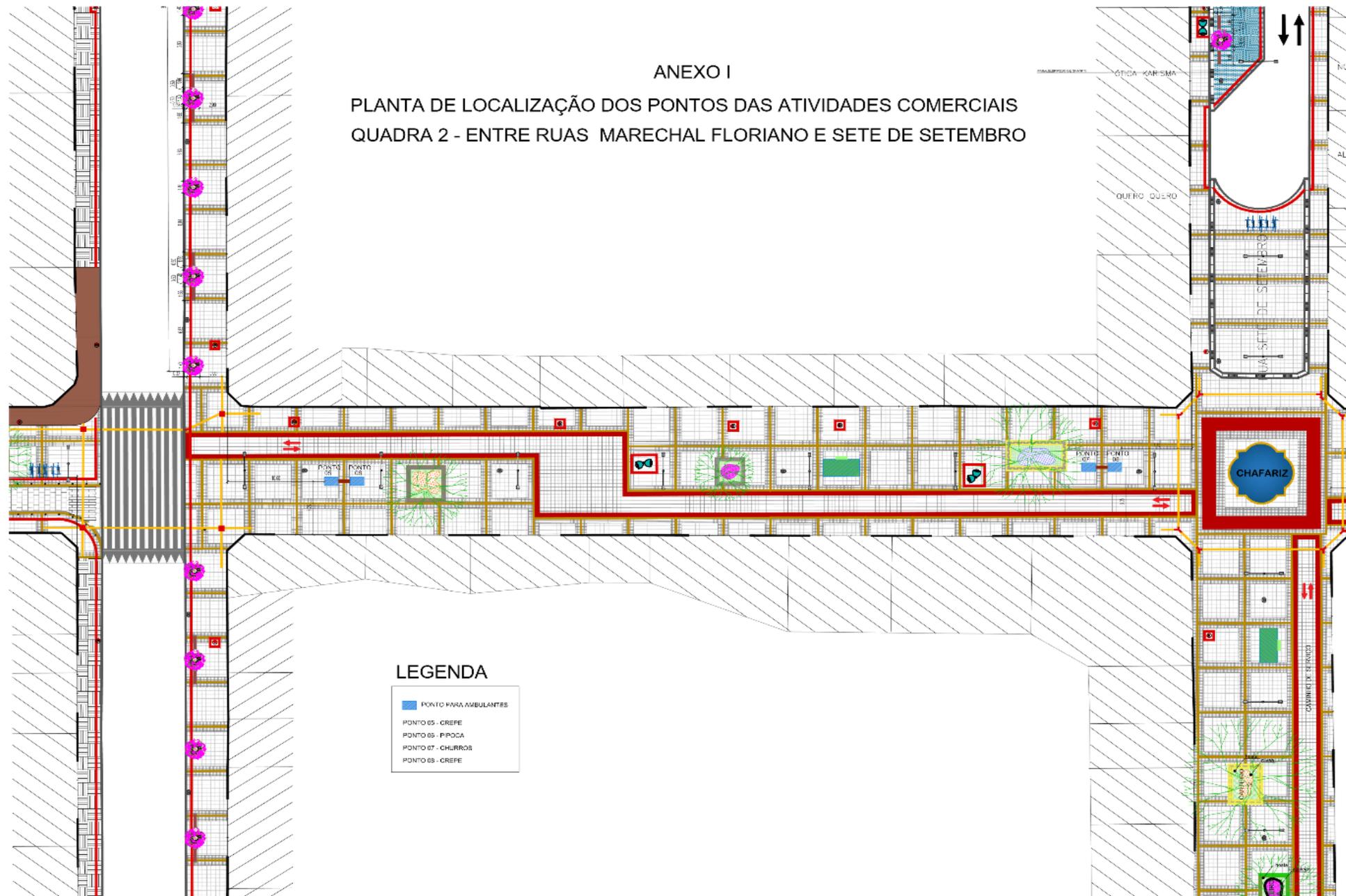
<b>Crepe</b>	Conforme Planta de Localização dos Pontos das Atividades Comerciais do Anexo I
<b>Pipoca</b>	Conforme Planta de Localização dos Pontos das Atividades Comerciais do Anexo I
<b>Churros</b>	Conforme Planta de Localização dos Pontos das Atividades Comerciais do Anexo I

Isso implica no controle cotidiano sob os olhos da fiscalização administrativa que concede os alvarás de ocupação de espaço, bem como da fiscalização sanitária que regulamentará o funcionamento da prestação de serviços alimentícios dentro das normas legislativas estaduais. Com a reforma, o Calçadão ficou com o formato indicado pelas plantas do Anexo I, elaboradas pela Prefeitura, onde são apresentados os 16 pontos de vendas de comida de rua, definindo qual ponto vende qual preparo. Veja na sequência as quatro quadras, já apresentadas pela cartografia no primeiro capítulo:

ANEXO I  
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS DAS ATIVIDADES COMERCIAIS  
QUADRA 1 - ENTRE RUAS LOBO DA COSTA E MARECHAL FLORIANO

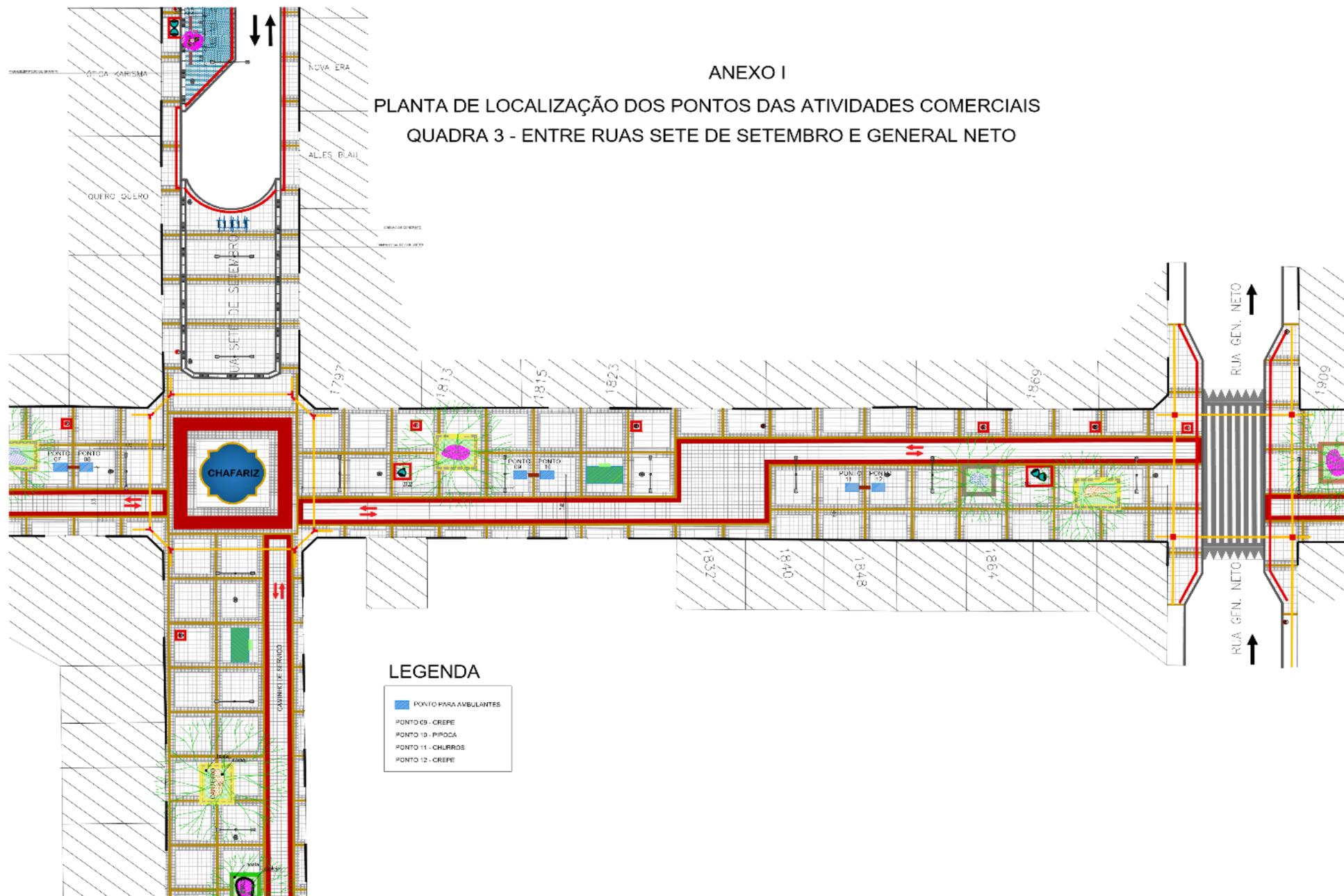


ANEXO I  
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS DAS ATIVIDADES COMERCIAIS  
QUADRA 2 - ENTRE RUAS MARECHAL FLORIANO E SETE DE SETEMBRO



**LEGENDA**

- PONTO PARA AMBULANTES
- PONTO 05 - CREPE
- PONTO 06 - PIPOCA
- PONTO 07 - CHURROS
- PONTO 08 - CREPE



## ANEXO I

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS DAS ATIVIDADES COMERCIAIS  
QUADRA 4 – ENTRE RUAS GENERAL NETO E VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

Cica me fala que possui um alvará de “circulação”. Ou seja, ela pode comercializar seus produtos, contanto que ela não se fixe em nenhum ponto. É necessário que ela esteja sempre em movimento com o seu carrinho estilo triciclo. Quando questiono Cica sobre a fiscalização vir fazer alguma conferência com ela, escuto: “Todos me conhecem aqui. Eu tenho que circular, não posso ficar parada. Eu faço o meu trabalho, ‘na minha’. Eles fazem o trabalho deles, ‘na deles’. Ninguém implica porque me conhecem. ”

Cica revela sobre sua negociação de ocupação de espaço. Ao falar sobre “estar na dela” e a fiscalização “estar no trabalho deles”, entendo a dinâmica de ocupação e circulação no espaço, onde ambos não cruzam em seus caminhos. Ou, melhor dizendo, negociam o cruzamento. Mostrar-se conhecida por todos é consequência de anos na rua nessa modalidade, o que de fato é uma verdade incontestável: todos sabem, inclusive a fiscalização, que ela pode estar ali trabalhando nessas condições. Assim, o café, que não é oficialmente comida de rua, como os churros, por exemplo, acaba compondo o cenário da alimentação através da manutenção diária através das pessoas que ali estão trabalhando. O que no ideal traçado pelo poder público está na ordem do invisível, na prática, através das relações traçadas pelos sujeitos, está completamente na ordem do visível.

Esse espaço do Calçadão acaba se tornando um campo constante de tensões entre segmentos que tanto se colidem, como a fiscalização e os outros ambulantes, quanto se associam, como os ambulantes entre si (CARMO, 2009). Antônio Arantes (1994) traz a reflexão sobre os mundos em guerra. A partir de uma narrativa de seu campo de pesquisa, no centro da cidade de São Paulo, ele revela os conflitos de disputa de espaço nesses lugares sociais efêmeros. Na metáfora dos mundos em guerra, o que é narrado é que cada segmento constitui um mundo. Cada mundo compartilha do mesmo ambiente, mas um não entra no do outro (ARANTES, 1994).

Proponho pensar, então, sobre todos esses grupos que compõe o espaço dessa rua. Ambulantes de comida, de objetos, carrocinhas de comida, a fiscalização e os próprios cidadãos que ali circulam. Todos compartilham do mesmo espaço, mas equilibram as relações de convivência e as negociações de ocupação diariamente, através dinâmicas interacionais. Retomo, então, a ideia do alvará de Cica: pode habitar o espaço, contanto que não se fixe. Carrocinhas de comida: ocupam um quadrante determinado enquanto atendem as normas administrativas, sanitárias e

estéticas. Ambulantes de objetos: não podem circular. Porém, estão lá, ora parados, ora em movimento. Permanecem no lugar em que a fiscalização não está.

“Se essa rua fosse minha”, expressão de uma cantiga de roda, torna-se título desse trabalho em função dessas negociações de ocupação de espaço. Na canção, o narrador diz que se a rua fosse dele, mandaria ladrilhar com pedrinhas de brilhante, para o seu amor passar. Essa relação de posse e ordem é, para mim, a relação dada no Calçadão. Essa rua, sob posse da Prefeitura, recebe ordens para ser ladrilhada como bem entende o governo, a fim de que circulem por ela quem a dona desejar. Apesar dessas ordens, todas as dinâmicas de subversão não deixam de ser praticadas pelas pessoas.

### ***Gentrification* pelotense? Breve aproximação ao tema**

Antes de mais nada, posiciono-me frente a essa discussão. Não é meu intuito aprofundar no tema e revisar bibliograficamente todo o assunto para situar o campo com esse enfoque. Pelo contrário, o objetivo é uma breve aproximação para falar do que se trata o debate e como ele entraria nessa pesquisa. Contudo, é se aproximar para em seguida se distanciar. Situar o tema contribuirá para, no terceiro capítulo, destacar o conceito de *gourmetização*.

Considerando isso, o embasamento completo para essa reflexão de poucos parágrafos será dado pelo material elaborado por Maurício de Alcântara (2019), através do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade – GEAC-USP – com base em pesquisas de pós-graduação e artigos científicos, além de sua própria dissertação (ALCÂNTARA, 2019). Seu objetivo com o material é de servir como cartilha, roteiro de sugestão para sala de aula.

Ruth Glass (1964), através de sua obra, foi a primeira a elaborar sobre o tema e cunhar o termo *gentrification*. A autora estava refletindo criticamente sobre a hegemonia do modernismo na concepção de cidades (ALCÂNTARA, 2019). A partir disso, nos anos de 1970, o conceito passa a ser um novo marco analítico dos estudos urbanos. Basicamente, suprimindo uma discussão teórica inteira para afirmar isso, o conceito *gentrification* irá tratar das relações de ocupação dos espaços urbanos por

elites que investem seus capitais nesses. Quando ocorre a ocupação por esses grupos, estariam associadas aos novos ocupantes as transformações dos lugares em função de suas necessidades, excluindo outros sujeitos de classes mais baixas que antes ali frequentavam e/ou habitavam.

Maurício Alcântara (2019) analisou, em sua dissertação, o bairro Vila Buarque em São Paulo. O pesquisador utilizou o termo “hipsterização” para explicar o fenômeno de transformação nos comércios que ele identificara no local. Seu foco era analisar o contexto etnográfico através do conceito *gentrification*. Se aplicaria tal explicação, pois a Vila Buarque estava passando por um processo de transformações das dinâmicas do bairro, movimentadas por uma elite local. Essa, acabava agregando valor ao lugar por seu estilo de vida e, pelo mesmo motivo, demandava por novas formas de habitar e consumir. Assim, comércios passaram por essa transformação, mudando *layout*, forma de negócio, produtos oferecidos, atuando muito mais em uma frente elitista.

Sua pesquisa promove uma discussão importante para diferenciar os conceitos de *gentrification* e gentrificação. Nesse último, que emergiu do campo através da narrativa de seus interlocutores, se trata da apropriação do primeiro conceito adicionado por elementos do contexto sócio-econômico-cultural em que as pessoas em questão estavam inseridas. Conforme o autor, sobre os dois conceitos:

De fato, a recorrente referência à “gentrificação” nos debates cotidianos revela muitos aspectos que não são necessariamente contemplados pelas acepções analíticas do termo [*gentrification*]: o alcance deste vocabulário dos estudos urbanos para além da academia; a existência de um público atento, sensível, informado e engajado com relação a questões da cidade; os medos de determinados agrupamentos das camadas médias quanto à sua vulnerabilidade frente à ascensão dos custos de vida locais; o poder que o termo tem de instrumentalizar um olhar crítico quanto a percepções de mudança (como o aumento dos aluguéis, demolições e novas construções, surgimento de lojas e restaurantes caros, circulação de novos públicos, instalação de *parklets* e *food trucks*, ou ainda intervenções do Estado); e a força que ele possui como ferramenta discursiva para se prever, denunciar e combater tais mudanças. (ALCÂNTARA, 2019, p.96)

A discussão sobre a diferença de *gentrification* e gentrificação está fundamentada em uma das principais críticas ao primeiro conceito: a aplicabilidade dele para questões que ocorrem nos contextos sociais onde vivemos. Conforme

Alcântara (2019) indica em sua cartilha, uma sugestão para tal desambiguação seria tratar o conceito *gentrification* como categoria analítica e, gentrificação, tratar como o primeiro adicionado de discussões ampliadas para além do universo acadêmico, com elementos não contemplados por ele.

Em Pelotas, o Mercado Público que passou por reformas, poderia ser passível de um ensaio sobre um processo de gentrificação no local. Quem fez essa reflexão foi Tanize Garcia (2018) em sua pesquisa de mestrado. A pesquisadora aponta para elementos do conceito presentes no local, devido ao enobrecimento que as reformas proporcionaram. Contudo, um processo frustrante, por ainda estarem presentes ali outros grupos sociais:

A existência de todos os grupos no Mercado era algo marcante em minhas observações, as pessoas em situação de rua, catadores de lixo, as prostitutas, os traficantes “da boca do Mercado”, as crianças, idosos, mulheres, homens, adolescentes. Enfim, uma pluralidade de rostos que eu ia percebendo ali, frequentemente, e que poderiam de alguma forma, frustrar qualquer processo de gentrificação. (GARCIA, 2018, p.74)

Apresento o Mercado para a discussão pois talvez ele seja o exemplo mais visível, em Pelotas, para entender o conceito. Antes havia um comércio popular, tal como se tem na imaginação de um mercado público: animais vivos, feira, objetos, peixes (esses ainda são vendidos), tendas de artigos religiosos, entre tantas outras coisas. Hoje, as lojas ganharam vitrines, aluguéis e impostos caros, climatização, decoração moderna e produtos requintados. Dessa forma, o público que passa a frequentar o Mercado não é mais o anterior, composto por seguimentos de camadas populares, assim como os comerciantes do local. Contudo, na tentativa de manter o Mercado popular e com circulação de pessoas, a Secretaria de Cultura do município mantém incentivos para eventos como rodas de samba, mercado das pulgas e ritos religiosos de matriz africana. Por esses motivos, não é possível definir o Mercado sob os conceitos de *gentrification* ou gentrificação, mas apenas identificar processos semelhantes acontecendo nele.

Para tentar auxiliar na identificação da ocorrência do conceito, Alcântara (2019) separa quatro critérios comuns a todas abordagens teóricas sobre *gentrification*. São esses: 1. Reinvestimento de capital; 2. Melhoria social dos lugares devido à chegada

de grupos de alta renda; 3. Mudanças na paisagem; 4. Deslocamento direto ou indireto de grupos de baixa renda. O primeiro critério pressupõe que, em uma etapa anterior, havia um desinvestimento de capital. O segundo critério diz respeito à chegada de camadas médias-altas e altas na região e/ou lugar. No terceiro critério, se compreende a mudança de paisagem como as modificações de *layouts* de fachadas residenciais e comerciais. E, por fim, o quarto critério corresponde à modificação de fluxo de pessoas, trocando a ocupação de classes baixas por classes médias e altas.

Seguindo os quatro critérios, tento aplicá-los ao Calçadão da Rua Andrade Neves. Vejo que há uma etapa anterior de desinvestimento de capital, tendo em vista o tamanho da reforma que ele recebeu. Melhoria social do lugar não é possível identificar, porque afinal se trata de um passeio público, popular, longe da possibilidade de ser elitizado no modelo em que ele se propõe com seus comércios, correspondentes bancários, pontos de loteria, etc. Há uma mudança na paisagem, certamente, dado o objetivo da reforma e a padronização dos comércios de comida de rua. E, por fim, o quarto critério está articulado com o segundo: não há esse deslocamento direto ou indireto de classes baixas, sendo trocadas por classes médias ou altas.

Analisando por esses parâmetros, é possível identificar parcialmente um processo de *gentrification*. Mas, esse conceito não dá conta de explicar o que acontece no local, dado não ser somente isso o que está acontecendo. Outros fenômenos tornam híbrido o processo, como a gourmetização, discussão que será desenvolvida no próximo capítulo, focando o olhar para cidade a partir da comida de rua.

### **Afinal, e o café?**

A comida está institucionalizada na rua por uma legislação, o Decreto nº 6.029. O café está legitimado pelas relações das pessoas. O que é, então, esse café? Qual momento específico do dia de cada um ele acompanha? A refeição principal? O intervalo? E o que as pessoas que trabalham diariamente comem na rua? Está dentro dos parâmetros de comida de rua de Pelotas? Ellen Woortmann sugere que:

O cafezinho faz parte do conjunto constituído pela comida e, como tal, "fala" de práticas, valores e possui dimensões simbólicas interessantes. Ele é parte de uma linguagem. Tomar cafezinho junto significa compartilhar, tornar um momento ritual, marcá-lo como algo que nos aproxima, reforça laços. Pode ser também uma pausa no cotidiano. (WOORTMANN, 2007).







A proposta do início desse capítulo foi de trazer à tona uma imagem da cidade, no intuito de contextualizar historicamente Pelotas. Entender sua constituição para evidenciar a concepção do ideal de estética urbana da cidade era um dos objetivos, para, na sequência, conseguir expor o conflito das reformas e requalificações do centro. Experimentações de imagem com inclinação surrealista, através do vídeo, foi um exercício narrativo que tentou contribuir para a construção dessa etnografia urbana.

Mergulhando no interior desse centro urbano, a partir da perspectiva dos comerciantes ambulantes, foi possível problematizar o cotidiano praticado. As normatizações municipais são apresentadas, materializando aquilo que foi conceituado como ideal estético urbano.

Análises a partir do enfoque das mobilidades apresentaram como os conflitos de ocupação do espaço ocorrem, evidenciando as relações de poder do município sobre o espaço público em questão. E, por fim, uma passagem breve sobre os conceitos *gentrification* e gentrificação, para explicar como eles serviriam de análise do campo. A partir dessa reflexão, a qual articula as duas grandes temáticas dessa pesquisa – cidade e comida – deixo o gatilho de discussão para o tema central do próximo capítulo: a comida de rua no Calçadão da Andrade Neves.

## COMIDA (DE RUA) NA CIDADE: PADRONIZAÇÃO, CONSUMO E FLUXOS

O terceiro capítulo acomoda as discussões sobre comida, seu consumo e fluxos na cidade ou, mais precisamente, no pedaço do centro de cidade que delimita o recorte empírico deste estudo. Para dar conta das análises sobre o Calçadão da Rua Andrade Neves através da perspectiva da alimentação, o capítulo traz uma discussão sobre rua, pensando-a em contraponto à noção de casa. Essa reflexão alinha o que, na sequência, é trazido ao texto sobre comer fora de casa. Na sequência, há um apanhado de autores mostrando a comida de rua em outros lugares do mundo, sobretudo na América Latina. Em continuidade, há um novo mergulho no campo etnográfico, olhando de perto quem produz a comida e suas narrativas sobre seu consumo. O capítulo é encerrado com um retorno à discussão de mobilidades, buscando evidenciar, a partir dessa noção, os fluxos da comida no Calçadão.

### Entre a rua e a casa: espaços para a comida

Para pensar em comida de rua, será necessário tratar dos significados da comida. Mas, antes disso, será útil entender um pouco mais sobre o sentido de rua.

No artigo *A rua no Brasil em questão*, Fraya Frehse (2013) se preocupa em observar – a partir da perspectiva etnográfica – as interações sociais de cidadãos não-transeuntes (pessoas que estão sempre em um lugar, como é o caso de ambulantes, em uma rua) na Praça da Sé, em São Paulo. A autora apresenta um cuidadoso levantamento bibliográfico para trazer o que chama de quatro associações interpretativas sobre o conceito rua. São eles: “a rua como espaço de desigualdade social, de criatividade, de oscilação entre a casa e a rua, de resistência” (FREHSE, 2013, p. 100). Para as análises desta pesquisa, me aterei aos dois últimos enfoques.

A rua enquanto “espaço de oscilação entre a casa e a rua” (FREHSE, 2013, p. 104) tem a ver com as práticas sociais na ordem do privado (casa) e na ordem do público (rua). Trata-se de um espaço de sociabilidades, em que estarão tensionadas essas duas dimensões da vida. Por outro lado, conceber a rua como espaço de conflitos entre o poder público e as dinâmicas de sociabilidades ali existentes implica

em atentar para a mediação simbólica, que remete à resistência das pessoas, na convivência social na rua. “Esta é, pois, espaço de vínculos sociais de resistência” (FREHSE, 2013, p. 104).

Nesse complexo de sentidos atribuídos à rua, em relação com a noção de casa e como um cenário de sociabilidades, vemos que as pessoas transformam este espaço, tal como o fazem, de forma mais ampla, com um bairro. É como se o Calçadão, com suas ruas adjacentes, se tornasse o bairro de moradia dessas pessoas, pois por esses espaços, elas se deslocam, atribuem vínculos, significados e apropriações. Tal ideia adquire maior sentido na medida em que muitos dos interlocutores desta etnografia moram próximos uns aos outros, partilhando do mesmo bairro. E, em alguns casos, também possuem parentesco entre si, como é o caso de Tainã, sobrinho de Cica. Pierre Mayol, em *A invenção do cotidiano*, afirma que:

Bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação. A trivialidade cotidiana desse processo, partilhado por todos os cidadãos, torna inaparente a sua complexidade enquanto prática cultural e a sua urgência para satisfazer o desejo “urbano” dos usuários da cidade. (MAYOL, 2013, p. 39)

São, assim, relações sociais que tornarão a cidade familiar, tal como propõe Michel Agier (2011). Seguindo com esse autor:

Os lugares próximos do cidadão são aqueles com os quais ele se identifica o mais espontaneamente possível, são espaços de sobreposição quase perfeita entre um quadro físico e um sentimento de pertencimento a uma coletividade, por menor que ela seja e da qual retira sua primeira forma de identidade entre outras mais afastadas. É, pois, ao mundo doméstico que primeiro se deve dar atenção. A casa é o contexto da primeira socialização e, simultaneamente, o da primeira individualização, pois só nos tornamos indivíduos para os outros entrando no mundo – e antes de tudo no mundo doméstico. (AGIER, 2011, p. 103)

Como o antropólogo francês argumenta, é na casa onde se realizam as primeiras socializações. A essa reflexão podemos aproximar o que traz Sidney Mintz (2001) em relação à comida. Segundo o antropólogo norte-americano, apreendemos

desde muito cedo, com os adultos afetivamente influentes que nos criam, os hábitos que permanecerão conosco ao longo da vida. “A comida e o comer assumem, assim, uma posição central no aprendizado social por sua natureza vital e essencial, embora rotineira” (MINTZ, 2001, p. 32). Por mais que as pessoas cresçam e mudem seus hábitos alimentares, os primeiros aprendizados e as formas como esses ocorreram permanecerão para sempre, talvez, na memória de cada um (MINTZ, 2001).

Comer e beber são ações comuns aos seres humanos, mas cujo caráter é individual. Ver, ouvir ou até mesmo pensar pode ser compartilhado no coletivo. Contudo, a porção de alimento que uma pessoa ingere não poderá ser ingerida por outra. Por esse motivo, comer e beber têm um caráter egoísta, dirá Simmel (2004).

É nessa linha argumentativa que a ação partilhada dos momentos individuais do comer será caracterizada por Simmel (2004) como um ato sociológico, a refeição. A mesa torna-se, assim, o espaço em que são compartilhados os momentos individuais do ato alimentar. Trata-se de aliar a frequência do estar junto ao egoísmo exclusivista do comer (SIMMEL, 2004).

Assim, o comer também se torna uma expressão social, regida por códigos, gestos, expressões, posturas, estéticas, entre outros aspectos (SIMMEL, 2004). Comer junto implica, então, em um aprendizado social, por ter esse caráter essencial ao existir e por sua rotina de repetição (MINTZ, 2001).

A articulação entre os autores está no ponto em que vemos o processo de individualização e socialização, tanto nos âmbitos da comida quanto da cidade. A rua como espaço público em relação à casa. A comida, como alimento para o indivíduo, mas também na situação de refeição quando posta à mesa, daí ato sociológico.

Dessa forma, conduzo a reflexão para pensar a comida de dentro de casa para fora dela. Observando as relações do íntimo, do privado, entenderemos que essas serão replicadas no coletivo, em busca de uma familiarização de situações. Restaurantes, bares, hotéis, lanchonetes, praças de alimentação em centros comerciais, cafés, entre outras propostas de comércio de alimentos, replicam a noção de casa dos indivíduos e suas regras de socialização. Proporcionam conforto, acolhimento, sociabilidade, segurança e outros aspectos que idealmente existem no lar das pessoas.

## Comer fora: uma busca pela experiência de comer dentro

Em sua pesquisa de mestrado, Janine Collaço (2004) investigou praças de alimentação de *shopping-centers* em São Paulo. Seu trabalho reflete sobre as experiências de comer fora de casa nesses espaços públicos destinados à alimentação. Ela mostra como ocorrem as associações das praças com o ambiente familiar de casa:

Nota-se, então, que o espaço vivido é aquele fornecido pelas condições concretas da praça de alimentação, as quais cruzam as ideias do espaço percebido, engendrado pelos mapas mentais. Esse espaço percebido se defronta com o espaço imaginado, que pertence ao mundo das ideias e gera figuras e imagens idealizadas, as quais condicionam uma certa memória alimentar engendrada a partir dos primeiros contatos com a família, em casa. (COLLAÇO, 2004, p.122)

Seguindo com a autora, ela discorre sobre o processo de desenvolvimento do restaurante no formato tal como o entendemos hoje, como um “estabelecimento comercial” (SPANG, 2003, p. 13), sobretudo no que se refere aos restaurantes de comida rápida (*fast-food*), observando ser esse desenvolvimento diretamente proporcional ao movimento de urbanização das cidades. O cotidiano acelerado dos cidadãos faz com que tais tipos de negócio acabem transferindo o momento da alimentação, que tradicionalmente aconteceria em casa, para um espaço mais próximo de seus locais de trabalho, estudo, ou rotas de deslocamento.

Na esteira das transformações das cidades, os restaurantes de comida rápida ingressam em cena para atender pessoas que trabalham, estudam e dispõem de pouco tempo para uma refeição, normalmente efetuada fora de casa em função das distâncias, do trânsito complicado, da dificuldade de circulação, o que desenvolveu o surgimento de “necessidades” como rapidez, higiene, conforto, segurança, preço acessível, liberdade de escolha oferecidos pelos restaurantes *fast-food*. (COLLAÇO, 2003, p.173)

Se pensarmos, então, a partir do que suscitam os referidos autores e autoras sobre as relações do comer dentro e fora de casa, a comida de rua traz novas

questões, ao não estar situada em um ambiente, estrutura e serviço que remetam à sensação da casa. A comida na rua é um fato inusitado! Como ela funciona, então? Quem come? O que é servido? Será que, de alguma forma, poderia ser replicada uma estrutura caseira em um preparo feito na rua? Essas perguntas encontram respostas diferentes seguindo os contextos de cidades espalhadas no Brasil e no mundo.

As duas temporadas da série *Street Food*, produzida e lançada respectivamente em 2019 e 2020 pelo canal de serviços de *streaming Netflix*, mostram a comida de rua em contextos distintos, em duas partes do mundo, Ásia e América Latina. Através de cada episódio, entende-se um pouco sobre como ocorre a alimentação em cada um dos lugares mostrados, sendo evidenciado o entrelaçamento das trajetórias de personagens emblemáticas – que, em sua maior parte, são mulheres – e cotidianos em que estão inseridas.

A primeira temporada, *Street Food – Ásia*<sup>7</sup>, apresenta a história de cozinheiros populares de nove países desse continente: Tailândia, Japão, Índia, Indonésia, Taiwan, Coreia do Sul, Vietnã, Singapura e Filipinas. Os vários anos de trabalho nas ruas, cozinhando pratos que ganham notoriedade ao longo do tempo, tornam cozinheiras e cozinheiros reconhecidos por sua comida. Pratos elaborados com destreza técnica e saber tradicional, entregando ao comensal o sabor procurado. Os padrões estéticos são específicos às culturas locais, distanciando-se do que poderiam ser versões gourmetizadas.

Na segunda temporada, *Street Food – América Latina*<sup>8</sup>, são seis países apresentados: Argentina, Brasil, México, Peru, Colômbia e Bolívia. Dessa série, destaco o episódio de abertura, que conta a história de Suzana, a cozinheira brasileira, de Salvador. Partindo de uma infância pobre e inspirada pela culinária de sua mãe, Suzana troca a profissão de lavadeira pela de cozinheira. Trabalha até chegar o momento de abrir seu restaurante. Nele, elabora principalmente pratos com frutos do mar, muitos deles pescados por seu marido. A moqueca de peixe é um dos destaques apresentados pela série.

---

<sup>7</sup> Veja o trailer [aqui](#).

<sup>8</sup> Veja o trailer [aqui](#).

Junto com a história de Suzana, o episódio também mostra outros três vendedores de comida: Claudia Bárbara, baiana de acarajé; Martinha do Abará, vendedora de abará; e Kabaça Clementino, capoeirista e vendedor de feijoada.

Tal como ocorre no episódio descrito, as duas temporadas da série produzidas mostram a pluralidade das comidas de rua, em lugares diversos do mundo, e o modo como estão entrelaçadas, tanto com a vida dos cozinheiros que as produzem, como com a cultura alimentar das pessoas que as consomem.

Ainda, com o olhar voltado ao contexto específico do Brasil, vale mencionar a um programa que foi ao ar pela primeira vez em junho de 2016, transmitido pelo canal por assinatura TLC Brasil, pertencente a Discovery Inc. Chama-se *Rua para toda gula*<sup>9</sup>, com apresentação de Serjão Loroza, ator e apresentador que viaja pelas ruas do Brasil mostrando feiras, praias, ambulantes e outros tipos de comércio de comida. Sua graça e entusiasmo em relação a cada preparo procura envolver o telespectador, despertando desejos pelos pratos apresentados.

O apresentador busca, com isso, revelar a criatividade e popularidade da comida de rua em cada um dos lugares que exhibe, evidenciando sua inserção na cultura local. Em um dos episódios exibidos, o apresentador encontra-se em uma praia do Rio de Janeiro e apresenta três comerciantes locais de comida de rua. Na areia à beira mar, ele experimenta empadas de camarão, vendidas por um rapaz que circula por ali durante o dia, até que seu pote se esvazie. Outro comerciante apresentado é um senhor argentino que vende churrasquinhos. O terceiro é um vendedor de esfirras, que trabalha vestido com roupas árabes, conduzindo um carrinho temático. Na mesma praia, três propostas diferentes de comida, comercializadas de maneiras e preços diferenciados, atendendo a públicos diversos.

Dedico aqui algum espaço à descrição da série e do programa de televisão no intuito de trazer imagens e características referentes à comida de rua em outros contextos, tomando-os como contraponto ao observado no universo empírico desta pesquisa. O esforço é no sentido de evidenciar elementos que, comuns aos casos mostrados (popularidade, cultura, tradição), os diferenciam do contexto em estudo, do Calçadão de Pelotas. Aqui, a rua é, sim, reconhecida como popular, com intensa circulação de pessoas, mas a comida que nela é oferecida parece não corresponder

---

<sup>9</sup> Veja a chamada da estreia [aqui](#).

a esse fluxo. Crepes, churros e pipocas, impostos como comida oficial desse trecho da Andrade Neves, não parecem ter a mesma natureza e espontaneidade da empada, churrasquinho ou esfirra, presentes, entre outras tantas ofertas (milho, suco, sorvete, etc.), na praia do Rio de Janeiro. No Calçadão de Pelotas, essa possibilidade está vetada, pois caso alguém decida colocar à venda algo diferente do padrão, correrá o risco de ser autuado, multado e impedido de prosseguir com as atividades.

Curiosamente, nem o doce tradicional de Pelotas se encaixa no padrão, recentemente imposto pelo poder público e que não prevê tal exceção. No presente, ao invés da tradição doceira estar em evidência, como já esteve anteriormente - seja no Calçadão ou em outro lugar que faça jus à posição de bem patrimonial que representa -, seu comércio em banca de rua encontra-se escondido em uma ruela, chamada popularmente de “Beco da XV”. No planejamento das reformas da Prefeitura, seu lugar será na Rua Sete de Setembro, próximo ao chafariz. Contudo, tal deslocamento ainda não ocorreu. Essa inversão de prioridades não deixa de ser intrigante, pois o que foi alçado como patrimônio cultural imaterial, saber registrado pelo IPHAN como bem, não recebeu atenção privilegiada pela Prefeitura. Como decorrência, além de ficar à margem do circuito central de circulação de transeuntes, tal medida deixa de valorizar o trabalho de doceiras que dedicam suas vidas à produção de doces. Desse cenário, quem se destaca é uma loja estabelecida dentro do Mercado Público, cuja estrutura supre os padrões estéticos idealizados pelas elites locais.

Defensores da padronização poderão argumentar ser implicância do pesquisador focar justamente no trecho da Rua Andrade Neves onde tal restrição ocorre, visto que em outras ruas do centro da cidade há possibilidade de manifestação espontânea de algum vendedor ambulante, ainda que necessitando de alvará da Prefeitura. Também há outros negócios estabelecidos em *food trucks*, como o “xis”, preparo já citado neste trabalho, churrasquinhos, baurus, cachorros quentes, entre outros. Contudo, o foco da análise no Calçadão não é movido por implicância. O que ocorre ali está em sintonia com outros movimentos da cidade, pois, afinal, as reformas urbanas estão acontecendo em vários lugares. Muitas delas já ocorreram, como a remoção dos trailers e quiosques fixos de toda a cidade, a reforma do Mercado Público, a construção do Pop Center (centro comercial dedicado aos vendedores ambulantes, em substituição do antigo Camelódromo), dentre outras não descritas ou

apenas mencionadas nesta pesquisa. O movimento em curso é no sentido de uma cidade esteticamente padronizada, conforme parâmetros e interesses dos grupos que a governam. E é para este cenário que chamo a atenção: nele está inserida a comida de rua, tal como observada nesta pesquisa.

Andando pela cidade, durante o dia ou durante a noite, encontraremos um menu farto. De dia, crepe, pipoca, churros, rapadurinha, doces tradicionais de Pelotas, “xis”, cachorro quente, algodão doce, maçã do amor, picolé e sorvete (dias quentes ou verão), bala de coco caramelada, bolinhos de batata (vendidos unicamente por uma senhora no centro, há muitos anos) e lanches variados vendidos por ambulantes, que circulam com potes nas mãos (risoles, pastéis fritos, croquetes, enrolados de salsicha, entre outros). No fim da tarde e à noite (incluindo madrugada), encontramos baurus, churrasquinhos, hambúrgueres e também cachorros quentes. Alguns *food trucks* vendem pastéis fritos, pratos de macarrão com molhos específicos e lanches uruguaios, como o *pancho* (montado com pão, linguiça e molhos, como ketchup, mostarda e maionese) e o *chivito* (pão, carne picada e queijo, em muitos casos acompanhado por batatas fritas).

As comidas são encontradas por todo o Centro da cidade (para uma noção de distância, trata-se de um raio aproximado de dois quilômetros, tendo como referência a Praça Coronel Pedro Osório). De noite e madrugada, com o esvaziamento das ruas e paradas de ônibus, muda a forma como se distribuem os comércios ambulantes. Esquinas e avenidas arteriais se tornam pontos de venda, bem como saídas de festas. Até determinado horário da noite e início da madrugada, ainda se encontram churrasquinhos e baurus.

Na madrugada – após as 2h da manhã – e até o amanhecer do dia, o que se encontra são os cachorros quentes da frente da boate *The Way* (próxima ao Mercado Público) e o do Bar Escritório (esse fora do centro, no bairro Três Vendas). Nos finais de semana, próximo a outra boate, Degrau Rey Club, também costuma permanecer funcionando, até o amanhecer, uma carrocinha de churrasquinho. Além dessas opções, um pouco afastado da rota das festas noturnas, na Avenida Bento Gonçalves, encontra-se o tradicional trailer (hoje em formato de *food-truck*) da Lilian Lanches. Ali são servidos baurus, torradas e cachorros quentes. Competem com ela, até o amanhecer, também na mesma Avenida, o *McDonald's* e o *Subway*, ambos em lojas padrão, estilo lanchonete.

Hoje em dia, um pouco dessa paisagem noturna e comercial mudou. Novos negócios surgiram, tanto antes quanto depois do início da pandemia de COVID-19. Apesar de nas madrugadas estarem ausentes as festas universitárias, quando há permissão para abertura de bares após a meia-noite, é possível encontrar um expressivo movimento de pessoas em função desses comércios de comida, sobretudo nas avenidas principais, como a Bento Gonçalves.

### **Manifestações da comida de rua: compondo o panorama**

Comida de rua não é igual em todos os lugares, como vimos no item anterior. Afinal, o que se come e como se come muda conforme a cultura. A propósito, a prática de comida de rua tal como a reconhecemos – com bancas ou tendas na rua, onde a comida é preparada e servida – é característica de contextos observados na Ásia, África e Américas. Ainda no intuito de compor esse panorama, trago alguns trabalhos acadêmicos sobre o tema.

Em Gênova, na Itália, Alessandra Guigoni (2004) fala sobre “*la cucina di strada*”. A autora mostra que a prática está na cultura da população genovesa desde tempos medievais. Contudo, hoje a comida que se come na rua é predominantemente vendida em modelo *take away* (pegue e leve), fornecida por loja, e não na rua propriamente dito, por tenda ou banca.

Laura Arciniegas (2017) fala sobre comida de rua em Jacarta, na Indonésia. A autora observa que o espaço privado (e feminino) é revelado através da comida de rua. No caso de seu estudo, o que está sendo vendido são preparos de receitas tradicionais, de família, realizados majoritariamente por mulheres, as quais promovem o sustento de seus lares através da venda de comida.

Miriam Bertran (2018) reflete sobre os sentidos da comida de rua entre os mexicanos, que, segundo afirma, estabelecem com ela uma relação de *antojo*. Para explicar, Bertran fala que a comida de casa se encontra em uma estrutura de refeições (café da manhã, almoço, janta), enquanto que a comida de rua seria relacionada não à fome e à nutrição, mas ao *antojo*. A palavra, traduzida à língua portuguesa, significa “capricho”. Isso ajuda a compreender o sentido da expressão: é uma ação ligada ao

universo da vontade, do ímpeto, e não da necessidade. Desse modo, a comida de rua seria entendida como não substituta da refeição, sendo associada ao ócio e ao desejo, um gosto momentâneo. Logo, segundo a autora, na rua não se almoça ou janta, se *antoja* (BERTRAN, 2018).

Essa relação como apontada por Bertran (2018) se aproxima bastante da identificada no Calçadão da Rua Andrade Neves de Pelotas. Pipocas, churros e crepes estão muito relacionados ao prazer, ócio e lazer, em sentido semelhante ao *antojo* como identificado entre os mexicanos. Ou, talvez, em uma relação de *snack*, como discutido por Carmen Rial (1996), que aponta que, nesse tipo de alimentação, a ingestão do alimento é considerada fora de uma estrutura de horário e composição, em uma porção pequena, distanciando-se de uma refeição. Rial reflete sobre o tema em estudo sobre restaurantes de *fast-food*, buscando entender a relação do comensal com seu lanche. A partir de sua observação, a antropóloga constata que o *snack* pode estar em uma relação de refeição pois, dependendo do horário, o comensal a estaria substituindo por um lanche, tendendo a uma refeição estruturada. Dessa forma, o *antojo* de Bertran (2018) e o *snack* de Rial (1996), ainda que escapando à estrutura habitual de uma refeição, poderiam – quando realizados em horário de almoço ou janta, por exemplo – agir em sua representação.

Adriana Hernández e Juana Torres (2020) trazem um estudo realizado em Hermosillo, também no México. Em pesquisa de tipo quantitativo, as autoras investigaram 516 adultos, majoritariamente de classe média. Identificaram, então, que a escolha do que comer na rua está relacionada com idade, dias de trabalho e descanso e, ainda, com a hora do dia. É, assim, uma comida associada à recreação, diversão, ócio e sociabilidade entre família e amigos. E, entre os preparos mais consumidos, estão os cachorros quentes, tacos e *burros percherones*<sup>10</sup>.

Em Santiago, no Chile, a partir de sua pesquisa de mestrado, Enzo Ricardi (2012) mostra a comida de rua em conflito com o espaço público. Seu estudo mostra haver uma tensão entre o comércio informal e a regulamentação, conflito que ele

---

<sup>10</sup> Sobre o que são *burros percherones*, por Emmanuel Cervantes (2015, p. 83): “Otro de los platillos típicos y que se expenden principalmente en taquerías y carretas son los burros de carne con chile y machaca, tacos de diversa presentación: de cabeza, de barbacoa, al pastor, de pescado, de camarón; quesadillas o sincronizadas, caramelos – quesadillas con carne asada - y en últimos años unos burros de gran tamaño, preparados con tortilla de agua y con una amplia variedad de ingredientes para rellenar, teniendo lugares que ofrecen hasta 100 tipos diferentes de rellenos, son los llamados burros percherones o percherones solamente”.

explica a partir da metáfora de um jogo de xadrez, mostrando que, para que essa comida de rua possa existir e ocupar espaço, os comerciantes estabelecem táticas e estratégias em fuga do poder público. A situação descrita pelo autor é bastante semelhante à que se vê em Pelotas, tanto em relação aos ambulantes de mercadorias em geral quanto àqueles que se dedicam especificamente à comida de rua. A ocupação dos espaços é sempre uma disputa de relações de poder, que, especialmente nos últimos tempos, tem sido ganha pela Prefeitura Municipal, através de decretos, leis e reorganização das ruas. Resta aos demais ocupantes do espaço o desejo de que, “se essa rua fosse minha”, as relações fossem diferentes.

Em Luján, na Argentina, Noelia Vera (2018) apresenta mais uma modalidade de comida de rua. Ela descreve uma feira agroecológica onde a comida comercializada está em relação de luta contra a desnutrição e pelo consumo de produtos caseiros e mais naturais possíveis. Trata-se, então, de uma discussão sobre soberania alimentar.

No Brasil, Hannah Loriato e Anderson Pelissari (2017) falam sobre os atributos que agem na decisão no momento de compra de comida de rua. O universo da pesquisa é uma praça próxima à universidade, em Vitória, no Espírito Santo, na qual há um circuito de bancas, formando uma área de alimentação com oferta de comidas variadas. Através de métodos quantitativos e qualitativos, os autores observaram tratar-se de um público jovem, de 24 a 35 anos, predominantemente de classe média. Os autores observaram, então, que um dos principais fatores de decisão na aquisição de comida de rua tem a ver com o que eles classificam como “serviço”: rapidez, bom atendimento, aparência da comida e higiene dos funcionários. Além disso, os aspectos sabor, aroma e temperatura do preparo mostraram ser também critérios definidores da escolha.

Em sua pesquisa de mestrado, Anderson Seabra (2017) analisou, sob a perspectiva da Economia Criativa, em Natal, Rio Grande do Norte, a comida de rua no universo dos *food trucks*. O autor identifica, no caso em estudo, uma forte influência norte-americana, associando-a à instalação, naquela cidade, de base militar dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Ainda que tal episódio confira particularidade a essa influência, ela é amplamente presente em todo o país, sendo que também em Pelotas pode-se observar a estética americanizada dos *food trucks*, que encontra incentivo no governo municipal.

Outro trabalho referente aos estudos de comida de rua no Brasil é o de Krisciê Pertile (2014). Em sua dissertação, a partir da perspectiva do turismo, observou a comida de rua no Brique da Redenção, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A pesquisadora fez um trabalho de resgate da origem da comida de rua, associando as práticas de hoje como continuação de relações existentes no passado. Observando a popularização desse tipo de comida, destaca o caráter de lazer, prazer, recreação, ócio, entre outros, voltando-se para pensar o turismo cidadão.

Outro elemento a ser considerado nos debates sobre a comida de rua é relacionado à saúde, mais especificamente aos aspectos sanitários, associado aos riscos alimentares. Dentro do continente africano, em Kumasi, República do Gana, Rheinländer (2008) fala sobre as percepções de risco alimentar no comércio de comida de rua. O autor aponta para problemas com a higienização das mãos e utensílios de cozinha como fatores de contaminação. Em Owerri, na Nigéria, temos discussões semelhantes. Omemu (2008) problematiza sobre as práticas de segurança e higiene dos vendedores de comida de rua.

Em Guadalajara e Cidade do México, Liliana Lomelí (2018) fala que a comida de rua é símbolo de “mexicanidade”, evidenciando, contudo, haver uma tensão entre saúde e patrimônio. De um lado, se entende que a comida de rua mexicana é pouco propícia a uma boa saúde, devido a seus aspectos nutricionais e sanitários. Do outro lado, comer é praticar a tradição, a comida sendo aí percebida como fortemente ligada com a cultura mexicana.

No contexto do Brasil, há, sobre esse assunto, vários trabalhos. Pode-se mesmo dizer que parcela considerável (se não maior) das discussões feitas sobre comida de rua no país são pela perspectiva da saúde, analisando riscos alimentares e saúde pública. Sobretudo na área de Ciências Humanas, a bibliografia é escassa sobre o tema. As discussões sanitárias, apesar de não terem recebido espaço nesta pesquisa, devido aos recortes temáticos escolhidos, perpassam as entrelinhas do trabalho quando se fala nas padronizações dos modelos de venda de comida. Parte dessa padronização, que também compõe a estética do negócio, é dedicada a atender às normas da vigilância sanitária.

Em sua pesquisa de mestrado, Karla Santos (2011) analisou a comida de rua durante o Carnaval, em Salvador, Bahia. Os principais pontos de discussão revelam

a falta de água nas tendas improvisadas, utilização de sobras, mal armazenamento de perecíveis, produtos no chão, manipulação de dinheiro e alimentos, higienização de mãos e equipamentos. Cristian Leal e Carmen Teixeira (2014) reforçam todos esses pontos em um artigo – publicado na Revista da Vigilância Sanitária, de Salvador – em que denunciam os riscos da comida e a exposição ao ambiente insalubre dos trabalhadores.

Como anunciado no início deste item, seu objetivo consistiu em, com brevidade, passar por alguns contextos, dentro e fora do Brasil, observando relações com a comida de rua. Fica evidente o quão diverso é esse universo e suas perspectivas de análises. Contudo, um dos pontos em comum que emerge dos trabalhos é o caráter popular da comida de rua. Em muitos lugares, é quase espontânea a manifestação: a comida tradicional e caseira é comercializada na rua. Daí meu estranhamento com o que ocorre no Calçadão da Rua Andrade: por que, nesse espaço, houve tamanha preocupação com a padronização e definição da comida de rua, divergindo da cultura local? Como tenho apontado até aqui, as relações estão voltadas para a estética da cidade. Essa discussão terá seguimento ao longo deste capítulo.

### **Uma versão gourmet para a comida do Calçadão**

Diante do cenário, antes descrito, em que a comida de rua se apresenta na cidade, permaneço, durante o dia, situado no Calçadão da Rua Andrade Neves. Ali, para além do que observo, tenho Cica como guia, que me brinda com informações sobre o que acontece diariamente no lugar. Conversando com ela, escuto sobre as modificações ocorridas com a comida de rua após as reformas urbanas. Ela frisa que, a partir de então, deixou de haver trailers e quiosques fixos na(s) rua(s), substituídos por estruturas móveis, que seguem normas e padrões estéticos estabelecidos por legislação. Essas novas regras também definem que, no Calçadão, somente são concedidos espaços para crepes, churros e pipocas. São 16 pontos de concessão pré-definidos, demarcados por pequenas caixas instaladas no chão, onde há ligação para energia elétrica. Essas informações foram apresentadas no segundo capítulo, especificamente no item “Mobilidades urbanas: conflitos com a circulação no espaço”.

A partir da narrativa de Cica, as perguntas persistem: por que somente churros, crepes e pipocas? E o “xis”? Os doces tradicionais de Pelotas? Pipoca, por que? Antigamente, pouco se via pipoca nas ruas. Quando iniciei minhas caminhadas pelo Centro e pelo Calçadão, em 2018, ainda não havia instalação dos novos comércios (ou os antigos reformulados). O tempo da pesquisa acompanhou o término das reformas e a chegada dos comerciantes. A partir de então, algumas perguntas foram sendo respondidas.



Um único comércio de “xis” permaneceu instalado na rua Marechal Floriano, próximo do Calçadão (imagem do trailer amarelo, à esquerda). A carrocinha da doçaria Pingo Doce (à direita) foi transferida de seu ponto original, na Rua Andrade Neves, passando para a Marechal Floriano, na esquina com o Calçadão. O quiosque da Associação de Doceiras de Pelotas foi reposicionado, estando agora mais próximo à Praça Coronel Pedro Osório, pela rua XV de Novembro.



A “rua do doce”, constituída por um conjunto de bancas em estilo feira, em que há um rodízio de expositores de doces, foi reposicionada no chamado “beco da XV”, ruela que conecta a Andrade Neves e a XV de Novembro, emparedada pelas laterais dos prédios da antiga Farmácia Kautz e da Loja Lebes. O conjunto de imagens acima mostra isso. Na segunda imagem, vê-se a entrada do referido beco e, na terceira imagem, o que nele está contido: as vitrines dos doces. Essa realocação está

relacionada com a chegada dessa última loja, Lebes, comércio de departamento, e com a criação da nova via de carros, situada no próprio Calçadão, entre as ruas Marechal Floriano e Lobo da Costa (imagens na sequência). Essa nova passarela para carros, como pode ser vista também na terceira imagem, segue tendo seu espaço utilizado como calçada pelas pessoas. Nota-se aí um conflito entre a apropriação do espaço e a projeção para ele: as pessoas fazem dele uso diferente do que é estimado e projetado pela Prefeitura. Retomando a ideia de Careri (2013) sobre o caminhar como prática estética, é nessa ação diária das pessoas que o lugar recebe sentido, independentemente da projeção que lhe dera origem.



Nesse quadro, olhamos para os critérios estéticos a serem cumpridos a partir das reformas já mencionadas. No cenário do Calçadão da Rua Andrade Neves, a comida é agora apresentada como “gourmet”. Churros gourmet, pipoca gourmet, crepes gourmet. E a transformação se deu também no alimento. A pipoca doce ganhou coberturas diferenciadas; a salgada, novos temperos e embalagens (sacos decorados ou suporte em papelão no formato de balde); a carrocinha foi remodelada, com mais cor, luz e novas decorações. É o que temos narrado no conjunto de imagens que segue.

Com os churros, as mudanças vão no mesmo sentido: novos recheios, além do tradicional doce de leite, com destaque para os sabores associados a marcas como Creme de Avelã Nutella ou confeitos de chocolate M&Ms, em embalagem sofisticada de papelão, substituindo o guardanapo ou saquinho de papel. E, claro, os produtos também foram valorizados, com elevação do preço entre 100% e 200%, dependendo do caso.





Lívia Barbosa (2009) fala sobre as tendências da alimentação contemporânea. Para tratar da discussão, ela elege quatro movimentos: cientificização, saudabilidade, valor da origem e gastronomização da alimentação, explicando que “As duas primeiras envolvem diretamente a mudança do conteúdo dos hábitos alimentares. As duas últimas envolvem mais mudanças de atitudes em relação ao comer e à alimentação” (BARBOSA, 2009, p. 20).

A gastronomização, tendência que mais diretamente interessa a este trabalho, tem a ver com a estetização, ritualização, valorização do prazer e do sabor associados ao comer e ao cozinhar. Trata-se de deslocar a alimentação do corriqueiro, automático e até apressado para um ato de prazer, de lazer, de sociabilidade e de comensalidade (BARBOSA, 2009). Conforme propõe a autora:

Este fenômeno é consequência do *boom* da gastronomia em todo o mundo que a partir da globalização, das mídias tradicionais (televisão, rádio, jornais e revistas) e das novas mídias (internet) popularizou os prazeres da mesa para além dos segmentos de maior capital cultural da população, ajudando na disseminação de novos ingredientes, de tradições culinárias, de novas dimensões estéticas e sensoriais trazidas ao nosso conhecimento pelo alargamento dos horizontes culturais. (BARBOSA, 2009, p. 46)

Para justificar tal deslocamento de perspectiva (da nutrição para o prazer), a autora discorre sobre uma mudança epistemológica – ocorrida a partir do século XX –, referente à noção de corpo, que teria aberto espaço para a comida como prazer e expressividade (BARBOSA, 2009).

Há dois pontos no texto da autora que merecem atenção especial, aportando à análise sobre o Calçadão da Rua Andrade Neves. O primeiro, talvez mais evidente, é sobre a estetização. O segundo, sobre a experiência com a comida através da gastronomização.

Tanto as carocinhas quanto as comidas passaram por uma mudança significativa em sua estética. Conforme descrito nos dois parágrafos imediatamente anteriores à narrativa visual da pipoca, bem como nas próprias imagens, coberturas associadas a grandes marcas, como Leite Condensado Moça, bem como as embalagens (um balde de papelão) compõem a nova estética da pipoca gourmet. O produto, com isso, confere à pessoa a sensação de prazer e lazer, incorporadas às novas práticas alimentares acionadas no Calçadão.

E isso reflete o segundo movimento elencado pela autora que trago à atenção, referente à gastronomização. A transformação da comida consiste em um projeto dedicado à experiência do pelotense, elaborado junto com a requalificação e reforma do espaço. Em campanha eleitoral realizada em 2020, a prefeita Paula Mascarenhas (PSDB, 51, reeleita para novo mandato com quase 70% dos votos válidos no segundo turno) enfatizou suas inúmeras contribuições a Pelotas. Dentre essas, é dado destaque ao Calçadão como obra seu governo. Há um vídeo<sup>11</sup> postado em sua rede social (*Facebook*), em que, aos 25 segundos, é afirmado que “o Calçadão é o nosso shopping a céu aberto”. Escutei essa fala, pela primeira vez, no rádio e desde então fiquei instigado por essa narrativa.

Ora, se o governo municipal entende esse lugar como um shopping a céu aberto, podemos amarrar aqui as várias camadas simbólicas sobrepostas neste trecho da Rua Andrade Neves: uma rua, entrelaçada por relações familiares das pessoas que ali habitam e trabalham como ambulantes, por ora se aproximando da experiência de um bairro por essas (como discutido no início desse capítulo); um complexo comercial projetado para os cidadãos, reformulado agora por uma ideia de

---

<sup>11</sup> Veja o vídeo da campanha [aqui](#).

espaço fechado (um shopping, porém a céu aberto), servido por uma praça de alimentação, que busca selar a experiência de prazer, lazer, diversão, recreação e/ou ócio.

Essa referência a um shopping talvez remeta a um sonho antigo, quando Pelotas ainda não possuía um desses centros comerciais. Foi somente em outubro de 2013 que o Shopping Pelotas foi inaugurado, trazendo para a cidade esse modelo de comércio, cuja ausência até então era uma questão. Devido a essa ausência, os pelotenses chegaram a ressignificar lugares para ter alguma experiência semelhante. É assim que a loja do Hipermercado Big recebia, sobretudo aos fins de semana, as pessoas a passeio, em família. Era comum observar, pelos corredores do Hipermercado, a atitude de lazer, caracterizada, por exemplo, pelo ritmo da caminhada, acompanhada do consumo do chimarrão em sacola à tiracolo, em substituição ao carrinho de compras.

Na página da Prefeitura na internet, em reportagem de Tânia Magalhães, em 30 de setembro de 2019, é explicada a linha histórica de reformas do Calçadão e seu projeto atual:

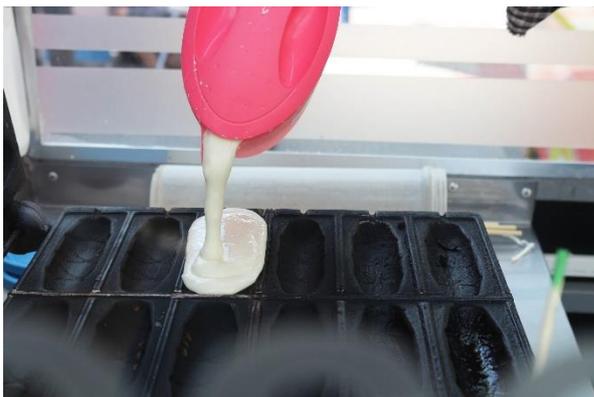
À Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana (SGCMU), coube a implementação de regras de padronização do comércio no espaço público. A organização visa favorecer o princípio defendido pela gestão, de fazer de Pelotas uma “Cidade para as Pessoas”. A ideia é que a área central, além de ser aproveitada para convivência, lazer e comércio formalmente estabelecido, ofereça opções que supram as expectativas da população. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2019)

Durante alguns momentos da pesquisa a campo, tentei investigar, a partir do comensal, os significados atribuídos à comida de rua. Se, de alguma forma, equivale a uma refeição de casa. Ou se, ao menos, confirma o projetado pela Prefeitura para essa rua, uma comida de lazer, na perspectiva de “uma cidade para as pessoas”. Obtive pouco sucesso na tentativa de escuta de pessoas que identifiquei como consumidores desses alimentos.

Meu tempo de espera por clientes nas carrocinhas era bastante longo. Apesar disso, foram poucas as vezes em que pude observar o comensal com sua comida, devido ao baixo fluxo de clientes. E, nos momentos em que um freguês chegava,

tentava pequenos diálogos do tipo: “Lanchinho da tarde?”, “Sobremesa do almoço?”, “Almoçando?”. Alguns sequer respondiam. Expressavam um sorriso tímido e uma fala curta, concordando com o que eu colocava, dispensando o início de uma conversa na sequência. Quem respondeu, mencionou não ter comido nada no almoço e que estava consumindo algo para “enganar o estômago”. Outros, confirmaram ser, de fato, um lanche da tarde ou um agrado para uma criança, compondo um momento de sociabilidade em rua pública.

Insisti mais um pouco na busca por essa informação, agora através dos próprios comerciantes. Eles reafirmaram o pouco que havia escutado e revelaram alguns horários de pico de movimento. No crepes de Sérgio (mostrado na narrativa visual abaixo), por exemplo, localizado no Calçadão com a esquina da Marechal Floriano, o maior movimento se dá após as 16h, com pico no fim da tarde e início da noite. Ele fala que tem um público efetivo das escolas do Centro e do retorno das pessoas para suas casas. Então, há uma dimensão de sociabilidade e lazer associados ao consumo do produto, seguindo o que Collaço (2003) reflete, em seu estudo sobre praças de alimentação em shoppings, sobre os *fast-foods*. Também podemos associar o observado à ideia de *antojo*, suscitada por Bertran (2018), e *snack*, por Rial (1996).





### **O que se come fora do padrão do Calçadão**

Saindo do circuito da Rua Andrade Neves, observo a carrocinha de Seu Pingo. Um senhor simpático, sorridente, carismático. Um verdadeiro personagem do Centro de Pelotas, conhecido por todos. É fundador da confeitaria Pingo Doce. Conta que começou do nada, com muita dificuldade, acompanhado de sua esposa. Hoje fala com satisfação sobre tudo que adquiriu, sem perder a humildade. Pingo vende doces mais barato que todos, no Centro. Traz direto de sua fábrica, reduzindo custos, preocupando-se em vender maior quantidade e ganhando menos na porção individual. Está sempre com uma promoção de “leve tantos doces e ganhe um”. E oferece descontos ou degustação, se entender que está fazendo um bom negócio. Na visão dele, é a forma de acolhimento e fidelização do cliente.

Pelo visto, sua estratégia funciona. Estive algumas vezes conversando com ele, ouvindo suas histórias, em que narra trechos de sua vida. Todas as vezes, o tempo todo, ele ia vendendo seus docinhos. Narrava suas histórias em parcelas, intercalando com os atendimentos ou gritos de anúncio do doce por tal preço.

Observei inúmeras situações: crianças com seus pais, jovens atrás de seu doce preferido, embalagens com dezenas de doces para levar para lá ou para cá (família, amigos, trabalho...), o retorno para casa com um doce para cada membro da família, enfim, tantos outros momentos.

Três quadras adiante dali, na rua Voluntários da Pátria esquina com General Osório, observo a venda de rapadurinhas de amendoim e de amendoins doces e salgados. Tainã é quem trabalha ali. Ele é sobrinho de Cica. O proprietário da carrocinha é Jonas, seu amigo e ex-cunhado. Esse é proprietário também da carrocinha de rapadurinhas da Rua Anchieta esquina com a Praça Coronel Pedro Osório, ponto em que iniciei minha primeira flutuação em campo. Jonas herdou o negócio de seu pai, que há anos era comerciante nesses pontos. Hoje empreendeu mais um ponto, vendendo também churros em uma das quadras do Calçadão.





Conversei com Tainã (pessoa em destaque nas imagens acima) em vários dias, por horas. Descobri que ele é um cozinheiro habilidoso, amante da gastronomia. Contou sobre as experiências que sempre faz na cozinha. Passamos, então, a trocar ideias sobre o tema. Essas horas me proporcionaram observar o fluxo de seus clientes. Por estar perto de paradas de ônibus da General Osório, Tainã frequentemente atende fregueses que estão retornando para suas casas. Sobretudo pós 17h, horário que inclui a saída das escolas e término de expediente. Próximo ao meio dia, também há muita procura por seus produtos. Em ambos os horários, as pessoas tanto pedem para embalar para levar quanto para comer na hora. Quem leva no início da tarde, normalmente é para o intervalo do dia ou está antecipando a compra do fim da tarde, aproveitando o deslocamento por ali ou a recente fabricação de uma

forma de rapaduras. Quem leva no fim do dia, segundo Tainã, é para, em casa, acompanhar o momento do chimarrão.

A primeira vez que vi Tainã reclamar do movimento foi no início do ano de 2020. Para ele, o calor e o sol em excesso não estimulam comer rapadura de amendoim. Assim, o pico de vendas, no ano, está associado ao inverno e meia estação.

Os exemplos de Pingo e Tainã servem para pensar na popularização da comida de rua. Suas bancas, fora do circuito da Rua Andrade Neves, parecem vender muito mais do que as comidas gourmet. Certamente, um dos fatores de estímulo é o preço. Outro, provavelmente, seria o apelo popular. Assim como o “xis”, doces de pelotas e rapadurinhas têm um apreço maior entre a população do que crepes, churros e pipocas. Abaixo, um conjunto de imagens mostrando as carrocinhas do Calçadão, sendo a primeira de Tainã.





## E Seu Mário?

Segue sendo a principal concorrência de Cica, apesar de partilharem os mesmos contra fluxos descritos acima. Interlocutor mencionado no início deste trabalho, reencontro Seu Mario algumas vezes em minhas últimas idas a campo, no início de 2020.





Todo orgulhoso, Seu Mario fala que tem o melhor café. Diz ter um segredo técnico na hora da extração da tintura. Tomei o cafezinho e concordei com o diferencial, claro. Seu café é único, exclusivo de seu saber. Como o de Cica, que também tem suas particularidades.

Seguindo na promoção de seus produtos, Mario me dá seu cartão de contato. Ao virar o cartão, não deixo de admirar sua astúcia, no sentido tático tal como sugere Michel de Certeau (2014). Um programa de fidelidade, no qual você ganha um produto após consumir dez.

Seu Mario me falou que durou pouco tempo o programa. Enfrentou problemas com os clientes pedindo fiado ou tentando driblar a veracidade das marcações nos cartões. Alguém perdia o cartão com cinco marcas, por exemplo, pedia-lhe um novo, porém exigindo as cinco marcas anteriores. Obviamente, Seu Mario não conseguia manter o pleno controle dessas informações de cada cliente. Antes de maiores incômodos, decidiu extinguir a fidelidade.

Cica e Mario colecionam várias narrativas sobre a relação entre os dois. Nesse período todo em que ele está no Calçadão (de 2018 até a última informação que tive, em 2020, antes da pandemia), interagiu com Cica inúmeras vezes, por diversos

motivos. Histórias que ficam de fora deste trabalho, mas que poderão ter atenção em um espaço futuro, em que narre acontecimentos envolvendo os dois comerciantes concorrentes.

### **Retomando mobilidades: um olhar para a comida**

Há uma situação de campo interessante, que diz respeito à alimentação de quem trabalha no Calçadão: chamo-a de circuito da marmita (marmitex ou quentinha). Há algum tempo, escuto Cica falar das marmitas na hora do almoço, mas nada que me desse material suficiente para refletir a respeito. Foi durante nossos últimos encontros, no início de 2020, quando fazia o último retorno a campo, para dar início à restituição da pesquisa, que Cica descreveu com mais detalhes a situação que afetou bastante seu comércio.

Quando conheci Cica, ela vendia sanduíches, sucos e café. Depois, substituiu os sanduíches de fabricação própria por lanches terceirizados (pastéis fritos, croquetes, risoles, empadas e outros). Por último, durante aquele verão, quando a reencontrei, ela contou que parou com o lanche, passando a vender apenas sucos e café. “Ninguém compra. Não tem saída. Aí não vale a pena. O pessoal me diz: entre gastar quatro reais com um café e lanche e três reais em uma marmita, prefiro a marmita”, conta-me Cica. E finaliza concordando, porque na marmita vem comida, sendo essa muito melhor que lanche, na opinião dela.

Retomando as discussões de Carmen Rial (1996), entende-se que a busca dessas pessoas é pela refeição dentro de sua estrutura, sobretudo respeitando a composição, aqui conceituada como comida. Fica evidente esse quadro quando se põe em oposição a ideia de *antojo* de Bertran (2018). Há o distanciamento dessa opção, pois não se trata de ingerir aquilo que será apenas para “enganar o estômago” e, além disso, economicamente falando, ficará desvantajoso.

Pergunto a Cica sobre como pode ser apenas três reais uma marmita com tudo que ela descrevia (carne, salada, lasanha, arroz, feijão, entre outros). Então ela me explica que o Buffet Nutribem, às 15h, serve essas marmitas de três reais. E que o

Restaurante Dalila, de comidas árabes, às 14h, serve marmita também (um pouco menor, segundo ela) por cinco reais.

O que acontece? Fim de serviço de buffet! As comidas que são expostas no salão, obrigatoriamente, devem ir para o lixo, pois elas podem ter sido contaminadas. Contudo, antes de fazer o descarte, a estratégia dos dois restaurantes é embalar porções e distribuir por um valor reduzido. É a última possibilidade de servir a comida que está no buffet antes de ir para o lixo. Quem está na fila, se alimenta fartamente. Quem está vendendo, lucra sobre um produto que seria destinado ao descarte.

Retomo aqui os autores Carmo (2009) e Arantes (1994), para falar sobre mobilidade e comida. A prática traçada pelos dois restaurantes afetou diretamente no fluxo de Cica. Eles passam a ocupar e circular por um espaço que obstrui a circulação dela: parte do público alvo é o mesmo – as pessoas que trabalham no calçadão. Essa situação reduz as vendas de lanches de Cica, fazendo com que ela restrinja seus produtos a café e suco.

Queixosa, Cica fala em tentar retomar os lanches no inverno, pois segundo ela sempre tem alguém que no meio ou fim do dia procura por algo para comer. E, por estar frio, esse lanche apetece.

Há outras marmitas sendo vendidas em outros restaurantes do Centro, por preços que variam de oito a doze reais. Tudo depende do tipo de comida e da carne que acompanha o prato. Contudo, Cica fala sobre a dinâmica de alguns em esperar o horário das 15h para comer mais barato.

Lanche e comida dão uma boa discussão. A partir da fala de Cica e dos demais parceiros dela, se vê que a comida, prato de arroz, feijão e massa, tem mais valor que um pastel, por exemplo. Isso também revela como as pessoas que trabalham no Calçadão fazem suas refeições. Roberto DaMatta (1987) marcou as reflexões sobre alimentação no Brasil diferenciando comida e alimento. Para o autor, alimento é aquele atribuído às questões nutritivas, e a comida é o alimento elaborado, temperado, preparado dentro de critérios regionais, carregado de um valor simbólico, emocional, afetivo (DAMATTA, 1987).

Ouvindo as narrativas e tentando entendê-las antropologicamente, a marmita vem no sentido da comida, pois além de considerada nutritiva, possui esse aspecto

da elaboração. Ela também consegue replicar a estrutura de uma refeição feita em casa – o almoço. O lanche não atinge a categoria de refeição. Ficar na relação de “enganar o estômago” e, no fim, ficará reservado à narrativa “hoje eu não comi nada, apenas fiz um lanche”.

Nesse contexto, Cica acaba por ficar sempre em uma posição de luta por seu espaço de circulação. Seu Mário também. Por um momento, apesar de Cica possuir alvará, o conflito se dá com a Prefeitura quando institui um padrão para a comida que ela não cumpre. Os restaurantes, potências comerciais em comparação a um ambulante, põem seu produto a circular disputando com Cica e Mario o mesmo público. Um fato que, de forma diferente, corrobora com a obstrução de fluxo imposto pela Prefeitura com sua padronização. Cica e Mario, então, ficam à mercê de sua criatividade e persistência para manter-se circulando em um espaço repleto de contra fluxos.

Propus neste capítulo pensar sobre alimentação na cidade, para situar a comida de rua. Inicialmente, elaborei reflexões sobre as relações com o público e o privado, refletindo as noções de rua e casa, bairro e cidade. O comer fora conduziu para entender a oferta contida no Calçadão da Rua Andrade Neves, compreendendo como aconteceu o processo de gourmetização com a comida vendida ali. Dando um pano de fundo para o tema, mostrei como se dá a manifestação da comida de rua em outros lugares do mundo. Trouxe Seu Mario com sua criatividade, como símbolo da reinvenção desses ambulantes no local, apesar de todas as dificuldades. Retomei a ideia de mobilidades para narrar sobre o contra fluxo de Cica na cidade. Por fim, penso que o capítulo cumpre o que propôs no início: interpretar a cidade a partir da agência da comida.

### **Considerações finais: se essa rua fosse minha**

A realização desta pesquisa se deu a partir do desafio de ingressar em um novo campo, investigando um tema novo para mim. Analisar a comida e a cidade enquanto dimensões imbricadas entre si e explorar sua dialética, foi meu desejo inicial. Um fim que deixa lacunas por pesquisar mais a fundo, várias relações por explorar. Mas, acreditando que uma etapa está feita, com êxito, trago aqui, a partir da etnografia construída, algumas reflexões finais, buscando dar liga entre os principais elementos de cada capítulo.

Através do capítulo inicial, convido o leitor a um mergulho no campo da pesquisa, trazendo à tona um primeiro cenário de Pelotas, com ênfase nas reformas urbanas em curso na cidade. Nesse panorama, contextualizo o Calçadão da Rua Andrade Neves, destacando as significantes modificações que estavam ocorrendo quando dei início ao trabalho de campo.

Minhas flutuações pelo Centro da cidade, sobretudo nas ruas adjacentes à Praça Coronel Pedro Osório, fizeram com que adentrasse o espaço do Calçadão. Descrevo como, por ocasião de uma ventania, conheci Cica, cujo codinome, naquele momento, ainda era Sandra. Tal pessoa se torna interlocutora privilegiada, pois é com e através dela que acontece minha circulação pelo Calçadão e a descoberta das redes de contatos e as relações cotidianas ali estabelecidas. Esse processo de descoberta não é fácil, mas repleto de sensações estranhas referentes à não fluidez da relação em campo, sensações essas apontadas como dado etnográfico.

Todas essas relações com o campo, fiz questão de detalhar ao máximo, no intuito de refletir sobre o processo de etnografia construído na rua, observando uma complexa trama de relações, que provoca a reflexão sobre o desafio narrativo em questão. Amparado pela imagem e sua teoria, entendi ter aí um recurso de suma importância para buscar resolver o como narrar. Foi assim, ouvindo Cica falar inúmeras vezes sobre o que existia no Calçadão antes da reforma, que cheguei à ideia de construir uma cartografia, em caráter ensaístico, tentando dar conta do contraponto narrativo que Cica e outros interlocutores fazem em relação ao espaço em foco.

Apresentando o contexto etnográfico, avanço para o segundo capítulo, em que à maneira de um trabalho arqueológico, escavo camadas que conduzem o leitor ao passado de Pelotas, no intuito de entender a formação histórica de sua área central. Para tanto, recorro mais uma vez à imagem para compor a narrativa. O vídeo de minhas caminhadas no Centro, editado para uma experimentação surrealista, apresenta outros ângulos de exploração de imagens contemporâneas da cidade. Na sequência, observamos o cotidiano do Calçadão, bem como os novos fluxos que vão se conformando a partir de sua reforma.

Dentro das práticas diárias, emergem os conflitos com a ocupação dos espaços. Isso foi o que analisei a partir do enfoque das mobilidades, entendendo como as relações de poder implicam na circulação dos ambulantes. Vimos, então, algumas tensões entre a fiscalização da Prefeitura e os ambulantes vendedores de mercadorias. Vimos também como, através dos decretos municipais, se deu a padronização da comida de rua do Calçadão, quando então foram eleitos apenas os crepes, churros e pipocas como preparos passíveis de comercialização. Tais reflexões apontam para o sentido do título desta etnografia, *Se essa rua fosse minha*, na medida em que, a partir do ímpeto das partes em disputa (Prefeitura e comerciantes de rua), percebe-se o desejo de organização do espaço urbano conforme suas práticas e vontades. Desta incompatibilidade, surgem os conflitos. De um lado, o desejo e apropriações do espaço fora do padrão. De outro, o ideal estético e disciplinar implementado a partir da força política e administrativa de governo.

Sugeri, então, uma aproximação ao sentido de *gentrification*, buscando entender se as transformações do Calçadão se encaixam nesse conceito. Conforme indiquei, apesar de conter aspectos de *gentrification*, não se trata disso. Os processos de transformação e disciplinamento, sobretudo relacionados ao comércio de comida de rua, estão mais próximos a um movimento em voga na contemporaneidade: o da gastronomização. Como visto em campo, a comida agora está gourmetizada. O café, que fica de fora desse processo de adequação, segue permeando as relações da rede de comerciantes a que pertence Cica. Essa é a reflexão que aporta à terceira parte do trabalho.

No terceiro capítulo, proponho ao leitor um novo mergulho. Agora, sob o recorte da alimentação. A reflexão parte das noções de rua e casa, procurando perceber as relações entre os espaços públicos e privado. A comida é, assim, evidenciada como

algo próprio ao espaço doméstico, apontando como inusitada a sua condição quando servida na rua. É assim que pensar sobre os significados do “comer fora” ganha espaço no trabalho. Percebe-se que, quando realizamos nossas refeições em restaurantes, há uma busca por experiências semelhantes às idealizadas para o lar.

A partir dessa reflexão, busco compor um panorama mais amplo da comida de rua, para servir de cenário comparativo ao encontrado em meu campo de investigação, o Calçadão de Pelotas. Para tanto, amparo-me na série televisiva *Street Food*, sobretudo os episódios da América Latina, como também o programa de televisão *Rua para toda gula*. Através dessas duas produções, faço, nesse tema, as primeiras considerações sobre o campo em estudo: a desvinculação de uma dimensão popular e tradicional da comida de rua no caso pelotense. Preparos gourmetizados e padronizados, crepes, churros e pipocas se distanciam das características das comidas vistas nas séries e no programa de televisão. Como apontado na discussão realizada, o “xis” e o doce tradicional de Pelotas (como o próprio nome diz, referente à tradição) possuem tais características – alimentos populares e tradicionais –, fazendo mais sentido a existência deles em uma área de alta circulação de pessoas, ao invés dos três itens que atendem à normatização imposta. E não só essas comidas: baurus, churrasquinhos, cachorros quentes e rapadurinhas de amendoim – vendidas por Tainã, por exemplo – são mais populares. Após quase dois anos de pesquisa na rua, ouvindo as pessoas e observando suas relações e práticas cotidianas, diria que esses preparos, sim, constituem historicamente a comida de rua de Pelotas.

Ainda a respeito do panorama sobre comida de rua em outras partes, apresento alguns trabalhos sobre o tema inseridos no contexto latino-americano, aí incluído o Brasil. A partir desses, além de reafirmar as reflexões antes lembradas, desvendo outras dimensões da comida de rua, como as associadas a lazer, prazer, recreação e ócio. Isso ganha sentido quando visto sob o movimento da gastronomização e sob a ideia de “shopping a céu aberto”, como idealizado pela prefeita Paula Mascarenhas. Se o Calçadão é um shopping, então a comida nele ofertada é condizente. Porém, trata-se de uma rua, popular, intensamente movimentada, onde as pessoas não buscam um shopping a céu aberto, mas traçar suas rotas epistêmicas diárias aplicando àquele espaço inúmeros outros sentidos, diferentes do conferido pela Prefeitura.

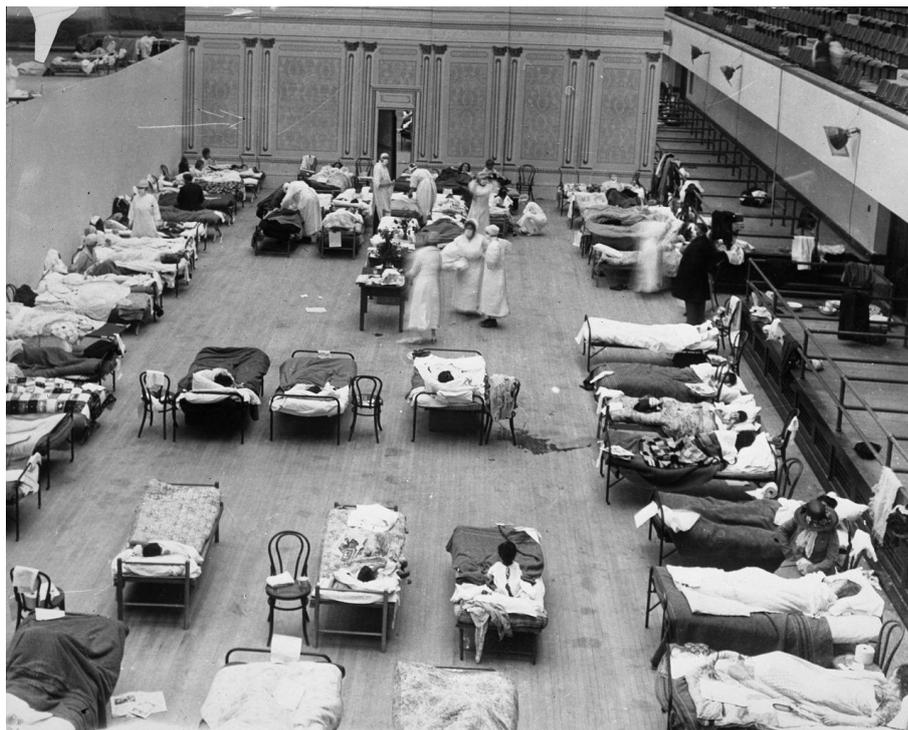
Ainda no terceiro capítulo, relembro Mário, interlocutor que começou a circular pelo Calçadão no mesmo período em que dei início a esta pesquisa. Concorrentes, Mario e Cica dividem o espaço de circulação, por horas compartilhando clientes, daí uma dimensão conflituosa da relação entre os dois. Mas, como retomo no final deste capítulo, pensando nas mobilidades, Mário e Cica sofrem juntos a rivalidade com um concorrente para seus lanches: a marmita. Nesse item, mostrei como as dinâmicas de ocupação de espaço da comida entram em conflito. A marmita barata, resultante do fim do serviço de buffet, atinge principalmente um público importante de Cica e Mário, os outros ambulantes do Centro. Como a própria Cica calcula, não vale a pena gastar tantos reais com um lanche e café quando a marmita é mais barata ou possui o mesmo preço. E ainda se come comida! O lanche, nesse caso não será considerado comida, aquela que alimenta, nutre. Acontece que, enquanto a marmita circula, Seu Mário e Cica deixam de vender seus lanches, o que afeta substancialmente o rendimento de seus negócios. Assim, fica selada uma outra relação de poder, que, de alguma forma, talvez satisfaça a Prefeitura, pois os dois ambulantes em questão não se encaixam no padrão instituído, ainda que possuam alvarás de circulação. Sutilezas da opressão observadas na prática do dia a dia. Caso Cica e Mário deixem de circular no Calçadão, quem o padronizou não sentirá sua falta, mas sim aqueles que compõem suas redes de relação e se abastecem diariamente de seus cafezinhos, como também da amizade e parceria alimentadas durante anos.

## Posfácio: uma notícia do campo em tempo de pandemia

Em 2020, fomos surpreendidos por uma crise sanitária: a pandemia de COVID-19. No mês de março daquele ano a Organização Mundial da Saúde – OMS decretou a situação de pandemia, anunciando as proporções em escala mundial de contaminação do novo coronavírus. Um cenário transtornador, por ninguém saber exatamente como lidar com a situação e estimular a imaginação de cenas que parecem ter sido ensaiadas em alguma produção cinematográfica. Não por menos, pois os números de contaminados e mortos crescem exponencialmente, materializando mais do que no início se imaginou.

Apesar do cenário parecer inédito, não se trata disso. Revisitando livros de história com olhos atentos para o tema, veremos que inúmeras epidemias ocorreram em várias partes do mundo, muitas vezes devastando populações. A Gripe Espanhola, no início do século XX, é um exemplo de pandemia. Sobre ela, circularam algumas informações nos últimos tempos, relacionando com o presente cenário da COVID-19. Em algum momento, recebi algumas imagens por *WhatsApp* que muito me instigaram. Trago-as aqui mencionando uma das fontes em que elas estão inseridas, o portal *Campo Grande News* (2020), compondo a reflexão sobre o assunto.





**HÁ 102 ANOS**

**A influenza hespanhola**

**CONSELHOS AO POVO**

(Da Inspectoria de Hygiene)

**EVITAR** aglomerações, principalmente á noite.  
**NÃO** fazer visitas.

**TOMAR** cuidados hygienicos com o nariz e a garganta.  
 inalações de vaselina mentholada, gargarejos com agua sal, com agua iodada, com acido citrico, tannino e infusões contendo tannino, como folhas de goiabeira e outras.

**TOMAR**, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigrammos por dia, e de preferencia no momento das refeições.

**EVITAR** toda fadiga ou excesso physico.

O **DOENTE**, aos primeiros symptomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contagio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita.

**EVITAR** as causas de resfriamento, é de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e os convalescentes.

**A'S PESSOAS EDOSAS** devem applicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados.

Esse conjunto de imagens revela momentos do cotidiano do século XX, assolado pelo vírus da Gripe Espanhola. As pessoas caminhando na rua, de máscara, em muito lembra os dias atuais. Se não fosse o estilo das vestimentas e a coloração sépia e preta e branca das fotografias, os transeuntes poderiam ser facilmente realocados para o século XXI. A imagem do hospital não difere do comparativo: lotado, com pessoas acamadas aguardando a extinção do vírus em seus corpos. Hoje, os adicionais de alguns leitos seriam respiradores, equipamento de fundamental importância para os casos mais grave de COVID-19.

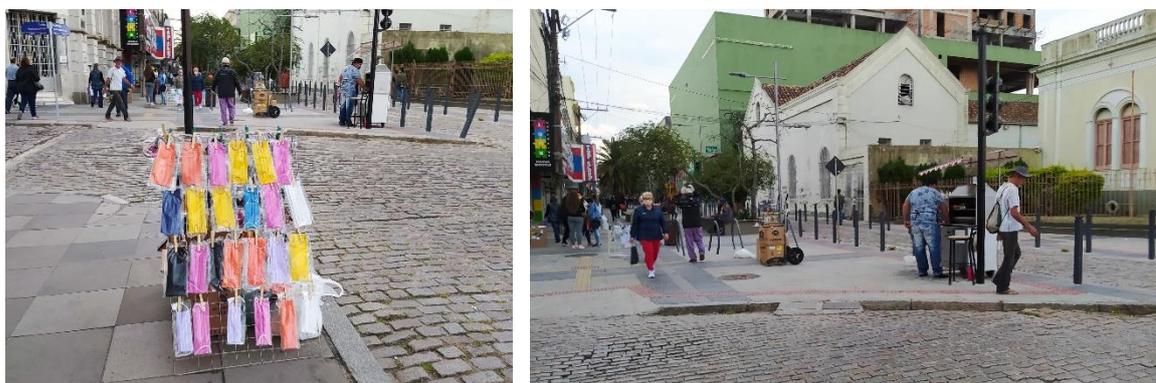
No recorte de jornal, há uma inscrição vermelha adicionada lembrando que “há 102 anos” daquela publicação. A lembrança não é em vão: lendo as instruções conferidas à população, percebe-se a semelhança com as regras de hoje em dia para o combate ao vírus. Evitar aglomerações, não fazer visitas, cuidado redobrado com práticas de higiene e atenção especial a idosos são alguns destaques, recomendações também conferidas hoje pela OMS.

Nesse sentido, a Prefeitura de Pelotas investiu na publicidade para interação através de redes sociais. A motivação é para que as pessoas fiquem em casa, demonstrando que o contágio é um assunto sério, questão de saúde pública.



A fotografia utilizada de fundo mostra o Calçadão da Rua Andrade Neves. Mais precisamente, a Quadra 1, entre as ruas Lobo da Costa e Marechal Floriano. Sobre a foto, foram inseridas figuras vermelhas, representando o formato do vírus. Um texto grafado na parte de cima questiona: "Se o vírus fosse visível, você sairia de casa?". A questão é válida, pois muitas pessoas minimizam o poder de contágio do vírus, desafiando as orientações de órgãos e instituições competentes.

Quanto a essa questão colocada no cartaz eu respondo com imagens do campo desta pesquisa, em tempos de pandemia. Realizei dois retornos a campo, no mês de maio de 2020, a fim de observar e registrar como as pessoas se relacionavam, então, com o Calçadão. Para minha surpresa, encontrei alta circulação, até mesmo aglomeração de pessoas. Hoje, início de 2021, a recorrência do movimento das pessoas fora de casa, frequentando praias, áreas comerciais como o Calçadão, shoppings etc. traz uma sensação de naturalização desse fluxo, como um retorno à normalidade. Contudo, a pandemia não acabou.









Todas as imagens mostram uma reconfiguração de ocupação dos espaços do Calçadão da Rua Andrade Neves. As duas primeiras, especificamente, mostram ao fundo um carrinho de churrasquinho, na esquina da Lobo da Costa. Ilegal, porque a legislação permanece a mesma. Contudo, estava lá. Talvez se trate de alguma dinâmica de flexibilização por parte da fiscalização. “Vistas grossas”, como se diz popularmente. Sobre isso, as fotos seguintes mostram o ponto de Cica, a esquina da Loja Gang. A banca ali montada está dividindo espaço com o crepes do Seu Sérgio, a Pipoca da Leléli e a viatura da guarda municipal, que trabalha em conjunto com a fiscalização. Uma composição contraditória, porém, presente. De alguma forma, a situação da pandemia parece ter colocado em suspensão as rígidas normas de ocupação do espaço.

Na continuidade da sequência de imagens, não há contradição com o que vem a ser dito. Lojas a céu aberto (para um shopping a céu aberto), no tradicional estilo ambulante: áreas do chão organizadas com produtos, suportes para pendurar mercadorias, bancas e carrinhos. E claro, o mais importante para tudo isso funcionar: pessoas! Um fluxo intenso de circulação, gerando oportunidade de comércio para os vendedores ambulantes. Esses que reinventam suas ofertas: agora há muitas máscaras à venda, variadas por cores, estampas e tamanhos.

São essas algumas cenas desse novo cotidiano. Desde o início da pandemia, Cica já não está circulando pelo Calçadão. Contou-me isso por WhatsApp, manifestando preocupação com a situação. Em autopreservação, diz que se manterá em casa até que a vacina chegue e ponha fim à contaminação.

## Referências

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ALCANTARA, Mauricio F. de. **Hipsterização no centro de São Paulo: consumo, trabalho e produção da cidade**. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

\_\_\_\_\_. **Gentrification: discussões globais, contextos locais**. Antropologia da cidade: modos de fazer. São Paulo, 2019. Disponível em: [https://issuu.com/geacusp/docs/volume\\_3\\_vfinal](https://issuu.com/geacusp/docs/volume_3_vfinal). Acesso em: 08 de jan. 2021.

ARANTES, Antônio A. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 2, p. 190-203, 1994.

ARCINIEGAS, Laura. Les médiations sociales de l'alimentation de rue à Jakarta. Etude des dynamiques du culinaire entre le monde domestique et le monde marchand dans l'informalité urbaine. In: Symposium international Manger en Ville, 2017, Paris. **(Web)Conférences**. Paris, 2017. Disponível em: <https://www.chaireunesco-adm.com/Les-mediations-sociales-de-l-alimentation-de-rue-a-Jakarta-Etude-des-dynamiques>. Acesso em: 08 jan. 2021.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. **Antropologia e imagem**. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BARBOSA, Lívia. Tendências da alimentação contemporânea. **Juventude, consumo e educação**, v. 2, p. 15-64, 2009.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BATESON, Gregory; MEAD, Margareth. **Balinese Character**. A Photographic Analysis. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.

BAUTISTA-HERNÁNDEZ, Adriana del C.; MELÉNDEZ-TORRES, Juana M. Comer en la calle. **Rasgos, espacios y prácticas en la ciudad de Hermosillo, Sonora.** Estudios Sociales Revista de Alimentación Contemporánea y Desarrollo Regional, v. 30, n. 55. Ene.-Jun., 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/339152231\\_Comer\\_en\\_la\\_calle\\_Rasgos\\_e\\_spacios\\_y\\_practicas\\_en\\_la\\_ciudad\\_de\\_Hermosillo\\_Sonora](https://www.researchgate.net/publication/339152231_Comer_en_la_calle_Rasgos_e_spacios_y_practicas_en_la_ciudad_de_Hermosillo_Sonora). Acesso em: 08 jan. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BERTRAN, Miriam. Lo que se come en la calle no es comida, es antojo - Diferencias de percepción entre la comida en casa y en la calle en México. **Symposium international Manger en Ville**, 2018, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.chaireunesco-adm.com/2018-Manger-en-ville-Comer-en-la-calle>. Acesso em: 08 jan. 2021.

CARERI, Francesco. **Walkscapes.** O caminhar como prática estética. São Paulo: Editora Gili, 2013.

CAMPO Grande News. **Pandemia: usamos as mesmas armas do século XIX.** Campo Grande, 04 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/colunistas/em-pauta/pandemia-usamos-as-mesmas-armas-do-seculo-xix>. Acessado em: 08 jan 2021.

CARMO, Renato Miguel. Do espaço abstrato ao espaço compósito: reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: **A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos**, p. 41-56, Lisboa, ICS, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer / Michel de Certeau**, Tradução Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

CERVANTES, Emmanuel B. **Conformación del paisaje alimentario urbano.** Campo gastronómico y culinario en la ciudad de Hermosillo, Sonora. 2015. 139f. Dissertação (Maestría en Desarrollo Regional) - Centro de Investigación en Alimentación y Desarrollo, AC, Hermosillo, Sonora, 2015. Disponível em: <https://ciad.repositorioinstitucional.mx/jspui/bitstream/1006/52/1/Blanco%20Cervantes%20Emmanuel.pdf>. Acesso em: 08 jan 2021.

COLLAÇO, Janine H. L. Um olhar antropológico sobre o hábito de comer fora. **Campos-revista de antropologia**, v. 4, 2003.

\_\_\_\_\_. Restaurantes de comida rápida, os fast-foods, em praças de alimentação de shopping centers: transformações no comer. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 33, p. 116-135, 2004.

CÓDIGO DE ÉTICA DA ABA. Associação Brasileira de Antropologia. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>. Acesso em: 08 jan 2021.

CÂMARA Municipal de Curitiba. **Espanhola: A pandemia das pandemias que atingiu Curitiba**. Curitiba, 04 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/espanhola-a-pandemia-das-pandemias-que-atingiu-curitiba>. Acesso em: 08 jan 2021.

DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. **Mil platôs**, v. 1, p. 11-38, 1995.

DINIZ, Debora. Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios. **Ciência & saúde coletiva**, v. 13, p. 417-426, 2008.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de educação**, v. 10, n. 1, p. 58-78, 1999.

\_\_\_\_\_. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e cultura**, v. 2, n. 1 e 2, 2007.

FREHSE, Fraya. A rua no Brasil em questão (etnográfica). **Anuário Antropológico**, n. II, p. 99-129, 2013.

GARCIA, Tanize M. **Mercado Público de Pelotas no país das maravilhas**: uma etnografia sobre a pluralidade narrativa de um patrimônio em disputa. 2018. 212 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. **A interpretação das culturas**, v. 1, p. 3-21, 1989.

\_\_\_\_\_. Estar aqui: de quem é a vida, afinal? In: **Obras e vidas**. O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, p. 169-193, 2009.

GLASS, Ruth. **London: aspects of change**. MacGibbon & Kee, 1964.

GUIGONI, Alessandra. La cucina di strada Con una breve etnografia dello street food genovese. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 5, n. 09, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/178/168>. Acesso em: 08 jan 2021.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. Dossiê 1 de Imagem. **Anais do GT 26: Antropologia Visual e da Imagem**. II Reunião de Antropologia do Mercosul. 1997.

\_\_\_\_\_. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica** - Notas e reflexões. XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2012. Rio de Janeiro-RJ, 2012.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 3, 2008. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1925>. Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. Jornada ao longo de um caminho de vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação. **Religião e Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 76-110, 2005.

JIRÓN, Paola; ITURRA, Luis. Momentos móviles. Los lugares móviles y la nueva construcción del espacio público. **Arquitecturas del Sur**, p. 44-57, 2011.

KRONE, Evander E. **Da colônia ao sertão, um estudo antropológico sobre os conflitos na construção da qualidade dos alimentos entre famílias rurais do Nordeste e do Rio Grande do Sul**. 2018. 278 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

LEAL, Cristian O. B. S.; TEIXEIRA, Carmen F. Comida de rua: um estudo crítico e multirreferencial em Salvador, BA– Brasil. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia (Health Surveillance under Debate: Society, Science & Technology)** – Visa em Debate, v. 2, n. 4, p. 12-22, 2014.

LEAL, Ondina Fachel. Paisagem etnográfica: Imagens, inscrições e memória nos cadernos de campo. **Iluminuras**, v. 14, n. 34, 2013.

LEROI-GOURHAN, André. Os símbolos da sociedade. **O gesto e a palavra: memória e ritmos**. Tradução Emanuel Godinho. Lisboa: Edições, v. 70, 1965. p. 121-162.

LOMELÍ, Liliana M. La comida callejera en Guadalajara y Ciudad de México: la tensión entre las dimensiones de salud y patrimonialización. **Symposium international Manger en Ville**, 2018, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.chaireunesco-adm.com/2018-Manger-en-ville-Comer-en-la-calle>. Acesso em: 08 jan. 2021.

LORIATO, Hannah N.; PELISSARI, Anderson S. Atributos determinantes na decisão de compra e satisfação dos clientes: um estudo em estabelecimentos que comercializam comida de rua. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 11, n. 1, p. 109-132, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5041/504154163006.pdf>. Acesso em: 08 jan 2021.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**, vol. II. São Paulo: Epu/Edusp, 1974.

MAYOL, Pierre. O que é um bairro?. In: CERTEAU, Michel de (Org.). **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. 12. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013. p. 35-39.

MINTZ, Sidney. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-42, 2001.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 57-67,

2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/245?file=1>. Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

OLIVEIRA, Roberto C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: \_\_\_\_\_. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006. p.17-35.

OMEMU, A. M.; ADEROJU, S. T. Food safety knowledge and practices of street food vendors in the city of Abeokuta, Nigeria. **Food control**, v. 19, n. 4, p. 396-402, 2008.

PASSOS, Eduardo et al. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 2010. p. 207-207.

PECHMAN, Robert M. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: PERROT, Michelle (Org.) **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**, v. 3, 1994. p. 29-34.

PERROT, Michelle. Maneiras de morar. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **História da Vida Privada. Da Revolução francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 307-323.

PERTILE, Krisciê. **Em pratos limpos: as comidas de rua no Brique da Redenção, em Porto Alegre/RS – Brasil, e possibilidades para o turismo**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/bitstream/handle/11338/746/Dissertacao%20Krisci%c3%aa%20Pertile.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jan 2021.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n. 25, 2008.

PINTO, Andler K. **Trailers como espaço de consumo de alimentos: uma análise a partir do perfil dos consumidores de Pelotas, RS**. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Calçadão está pronto e dá cara nova à área central**. Pelotas, 30 de setembro de 2019. Disponível em:

<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/calcao-esta-pronto-e-da-cara-nova-a-area-central>. Acesso em: 08 jan 2021.

RHEINLÄNDER, Thilde et al. Keeping up appearances: perceptions of street food safety in urban Kumasi, Ghana. **Journal of Urban Health**, v. 85, n. 6, p. 952-964, 2008.

RICARDI, Enzo B. **Tácticas y Estrategias de los Vendedores Informales de Comida Callejera en la Apropiación del Espacio Público**. Caso: Santiago Centro, Mapocho y Estación Central. 2012. 105 f. Dissertação (Magíster en Desarrollo Urbano) - Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, 2012. Disponível em: <https://estudiosurbanos.uc.cl/wp-content/uploads/2012/10/TESIS-EBR.pdf>. Acesso em: 08 jan 2020.

RODRIGUES, Guilherme R. de. **Antropologia em ação: etnografia sobre o Centro de Reabilitação Visual Louis Braille em Pelotas-RS**. 2018. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia – Antropologia Social e Cultural ou Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Cidade em imagens**. Ensaio Videográfico. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=BeR\\_9EU6D1c&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=BeR_9EU6D1c&feature=youtu.be). Acesso em: 25 fev 2021.

SANTOS, Karla B. **O comércio da comida de rua no carnaval de Salvador-BA: desvendando as dimensões social, econômica, alimentar e sanitária**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Nutrição) – Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10493>. Acesso em: 08 jan 2021.

SAMAIN, Etienne. Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes antropológicos**, v. 1, n. 2, p. 23-60, 1995.

\_\_\_\_\_. In: ALVES, André. **Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re) visitado**. Campinas: Editora Unicamp/São Paulo: 2004, p. 521-539.

SEABRA, Anderson L. de C. **A nova comida de rua sob a ótica da economia criativa: uma análise dos food trucks na cidade de Natal/RN**. 2018. 153 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em:

[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25005/1/AndersonLeonardoDeCastroSeabra\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25005/1/AndersonLeonardoDeCastroSeabra_DISSERT.pdf). Acesso em: 08 jan 2020.

SIMMEL, Georg. Sociologia da refeição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 33, p. 159-166, 2004.

SPANG, Rebecca. **Invenção do restaurante**. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2003.

STREET Food – Ásia. Direção: David Gelb. In: **Street Food – Ásia**. Estados Unidos: Netflix Produtora, 2019.

\_\_\_\_\_ - América Latina. Direção: David Gelb. In: **Street Food – América Latina**. Estados Unidos: Netflix Produtora, 2020.

VERA, Noelia. La comida en la feria de productores agroecológicos: un espacio para la construcción de soberanía alimentaria. **Symposium international Manger en Ville**, 2018, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.chaireunesco-adm.com/2018-Manger-en-ville-Comer-en-la-calle>. Acesso em: 08 jan. 2021.

VÍCTORA, Ceres G.; KNAUTH, Daniela R.; HASSEN, Maria de N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. 2000.

WOORTMANN, Ellen F. **O cafezinho que fala**. Slow Food, 08 de novembro de 2007. Disponível em: <https://slowfoodbrasil.org/2007/11/o-cafezinho-que-fala/>. Acesso em: 08 jan 2021.